EM VOZ ALTA

MEDEIROS E ALBUQUERQUE
da Academia Brasileira

EM VOZ ALTA

Conferencias Literárias

3.ª EDIÇÃO
Revista e aumentada

2.º MILHEIRO

FRANCISCO ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & Cia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

1913

O PÉ E A MÃO

CONFERENCIA REALIZADA NO INSTITUTO NACIONAL DE MUZICA, A 19 DE AGOSTO DE 1905.

Quando os organizadôres destas conferencias estavam pensando nos assumtos que nelas se tratariam, eu aventurei numa fraze que não era possivel, do pé para a mão, achar questões que podessem seduzir um auditório elegante, um auditório culto, um auditório de bom gosto. Logo, um dos meus colegas, aproveitando as minhas palavras, foi atalhando : « Mas aí estão dois assumtos excelentes : o pé e a mão! » Dois dias depois, com um certo pavor, eu via anunciada esta conferencia. E' bem o cazo de dizer que o meu pavor era o de meter os pés pelas mãos...

Não é que o assumto seja pequeno ou sem interesse. E' grande ; mas descozido. Não ha domínio algum do pensamento em que não

entrem pés e mãos. A ciéncia os estuda sob multiplos pontos de vista; mais de um dos seus grandes cultores tem dito mesmo que o principal instrumento da intelijéncia é a mão, de tal modo que os animais se podem classificar, na ordem intelectual, pelo valor dela: o homem, o macaco e... o elefante. O elefante, sim, porque a sua tromba é uma verdadeira mão.

Na relijião não é possivel pensar sem recordar os ritos diversos, que todos eles sempre exijiram a intervenção dos grandes gestos sagrados, a começar pelo « gesto solene e grave, que abençôa ». Arte — uma existe, inteiramente consagrada ao pé : a dansa. E não ha poeta, que não tenha aludido a algum pé ou mão.

Nem ao menos, diante da vastidão do assumto, se acha uma indicação do lugar por onde se deva começar, para entrar em materia... com o pé direito. O velho conselho de um poeta latino, de que é sempre bom principiar pelo princípio é mais facil de ser dado que de ser recebido.

Assim, por exemplo, qual é aqui o princípio? de onde vem os pés e as mãos?

Para os que admitem a solução relijioza da Biblia, o problema nem existe. Deus fez

os animais, fez o homem, dotou a uns e ao outro com pés e mãos. Assim mesmo, desde logo, diverjindo um pouco dos ensinos bíblicos, uma lenda aparece a explicar a diversidade das raças. E essa lenda interessa a nossa questão.

Conta ela que os primeiros homens eram pretos. O barro de que Deus se serviu para fazer Adão era escuro. Mas o Senhor, complacente, pôz o remédio junto ao mal. Fez com que aparecesse perto d'ali um lago de aguas claras, onde quem se banhasse ficaria branco. Os homens, que já eram muitos, precipitaram-se. Os que chegaram primeiro ficaram de perfeita alvura. Os que já encontraram a agua manchada pelos que os tinham precedido, tomaram os tons intermédios entre o branco e o preto. E, como a agua se ia assim esgotando, os ultimos chegados apenas encontraram um restinho no fundo, que só lhes permitiu molharem as solas dos pés e as palmas das mãos. Isso explica, segundo essa velha lenda, porque as pessôas de côr preta, têm as plantas dos pés e as palmas das mãos muito mais claras.

Deixemos, porém, as lendas. Essa é gracioza, declara implicitamente que as diferenças de pele não correspondem a diferenças

de coração e intelijéncia — todas as raças se equivalem — mas não dá a solução da orijem.

Conhece-a, por acazo, a ciéncia? Para ela a orijem do pé e da mão é a barbatana (1). Os que admitem a teoria chamada do transformismo, teoria que hoje tem a seu favor a quazi unanimidade dos homens de ciéncia, sustentam que os animais superiores decendem dos de formas inferiores, atravez de lentos aperfeiçoamentos, no decorrer de inúmeros seculos. Para eles os primeiros sêres dotados de membros foram os peixes: da barbatana veio o pé, veio a mão e veio — o que parece mais extranho — a aza do morcego e a aza da ave.

Comprido caminho — mas que a ciéncia reconstitui. Terá havido peixes que vivessem em lugares de onde, ás vezes, a agua se retirava quazi completamente. Seria, em alguns cazos um recóncavo de praia, quazi inteiramente fechada ao acesso do mar, por onde ele penetrava a custo. Sucedia, de tempos a tempos, que essa abertura se

---

(1) « Tous les anatomistes sont d'accord pour voir dans les nageoires paires des poissons l'origine des pattes des autres vertébrés. » — Remy Perrier — *Eléments d'anatomie comparée*, p. 938.

tapava, pelo esboroamento de grandes pedras. A agua se evaporava. Dentro de certo prazo, havia apenas ali um lodaçal. Os peixes, que tinham ficado prezos, precizavam mover-se dificilmente, pegados n'aquele fundo viscozo. A barbatana é que lhes servia para isso. Os que conseguiam adapta-la a esses movimentos em um meio novo, sobreviviam. Os outros morriam.

E' bom lembrar as épocas ajitadas, em que a terra, muito mais do que hoje, era sujeita a grandes convulsões geolójicas. Assim, em nossos dias, nós só podemos imajinar fatos destes, em pequenas superfícies. Mas imensas extensões territoriais, que hoje são terra firme, já foram grandes mares. Aí está, por exemplo, a vastidão do Sahara.

Deve, portanto, imajinar-se esse fenómeno, em grande. Uma convulsão geolójica fechava, ás vezes, de repente, o que até então era um mar. Outras, a comunicação do mar interior com o oceano se ia obstruindo lentamente, pelo acúmulo de areias, de pedras, de couzas diversas trazidas pelas correntes. Outras ainda, eram largas concavidades, que só as grandes marés conseguiam transpôr e encher: as grandes marés, que só ocorrem de mezes em mezes.

Em qualquer dessas hipótezes, a situação dos peixes, que tinham ficado involuntariamente prezos, era a mesma. Vinha um momento em que estavam forçados a andar sobre o lodo. Momento — é um modo de dizer... Todos compreendem que o Sahara não secou em alguns minutos, nem em alguns anos. Pediram-se para isso varios séculos! E o que sucedeu lá sucedeu em outros pontos.

Os peixes, a quem aquilo aconteceu, tiveram de se servir das barbatanas, fazendo nelas ponto de apoio, menos para andar do que para dar pequenos saltos. Os que não se ajeitavam, não podendo procurar alimentação, morriam. O rezultado é que as novas gerações já decendiam de peixes-pais e peixes-mãis, ambos, com uma certa habilidade para esses pulinhos. Quem sai aos seus não dejenera — diz um rifão. Os filhos, herdando ao mesmo tempo igual virtude de pais e mãis, iam aparecendo com as barbatanas cada vez mais apropriadas a essas novas ginásticas. Os que ficavam em lugares, onde a agua, ora entrava, ora dezaparecia, tinham de se adaptar a essa dupla existencia : ora, movendo-se na agua, ora, saltando no lodo. As patas e o aparelho res-

piratório se prestavam a essa vida em condições tão opostas. Em vez da barbatana, só com movimentos laterais, foi aparecendo a pata do batráquio — do sapo, da rã — capaz de nadar, mas não tão bem como os peixes; capaz de andar em terra, mas aos dezajeitados saltos, como eles caminham. Dessa forma, dos membros dos batráquios derivaram as grandes azas membranozas dos sáurios primitivos, azas semelhantes ás dos morcegos, que faziam mover esses imensos lagartos voadôres; derivaram as azas das aves; derivaram finalmente as patas dos animais, as mãos e os pés dos macacos e dos homens.

Não é aqui o lugar de traçar tal evolução pormenorizadamente. Encontram-se nas varias camadas da terra fósseis de todos os animais, que assinalam essa transformação, extraordinariamente lenta, atravez de inúmeros seculos. Mas hoje mesmo, á mais simples inspeção, examinando o esqueleto dos membros dos varios sêres: batráquios, aves, mamíferos aquáticos e terrestres — vê-se a profunda analojia de conformação de todos eles (1).

(1) V. G. Geley — « *Les preuves du transformisme* », p. 100 a 109.

Darwin mostrou que alguns dos nossos gestos só se explicam como vestíjios da herança de animais inferiores de que decendemos. Os gestos dos pés figuram entre os mais caraterísticos. Nos grandes acessos de terror, o pé se dobra, se crispa, como si se quizesse agarrar a qualquer couza — gesto perfeitamente lójico nos animais inferiores de que nós decendemos, mas sem a mínima utilidade para nós (1).

Ha quem ache contrárias á poezia estas afirmações. Parece-lhes que a ciéncia estraga a nobreza da humanidade, fazendo-a derivar de tão baixo. Outros pensam de modo diverso. Vir da pata do batráquio, chapinhando na lama, á fina mão patrícia da mulher elegante dos nossos dias, parece-lhes o remontar de uma escala de perfeição, alta e sublime (2). Quantos seculos foram precizos

---

(1) V. Cuyer — « *La mimique* », p. 299 a 302. O autor estuda aí vários outros gestos do pé.

(2) « Après une longue période géologique, durant laquelle ils demeurent affaissés entre leurs quatre membres, par besoin de marcher plus vite, de voir de plus loin, le reptile, comme le mammifère, redressent leurs pattes et font des piliers verticaux, articulés, propres à une course rapide, et tandis que, se dressant enfin sur ses pattes postérieures, et usant de ses pattes de devant pour allonger ses sauts, le reptile, devient oiseau, le mammifère modifie ses pattes, suivant les

para fabricar-se essa pequena maravilha, que é a mão feminina! Depois — ainda outra vantajem — essa acendencia ilustre, fazendo a mão vir da barbatana dos peixes, aparenta as mulheres ás sereias...

Um poeta francez, André Spire, consolava uma senhora, a quem acuzavam de passar muitas horas ao espelho e de quem diziam que a beleza era em grande parte feita pelas costureiras. Consolava-a, dizendo-lhe que ela devia perseverar, devia polir com cuidado as unhas, fazer tudo, em suma, para pôr em realce a sua beleza, porque, só si ela soubesse quantos séculos de cuidados, de seleções, de vontade e de amor paciente a natureza levou para fazer uma creatura nobre e bela — só depois disso compreenderia que, sendo apenas, por pouco tempo, a depozitária de uma forma ideal, tinha obrigação de velar por ela como pela mais estupenda obra de arte:

---

besoins de son alimentation ou de sa sécurité, pour courir, bondir, nager, fuir, grimper, saisir; il finit ainsi par réaliser la marche bipède de l'homme dont les mains, libérées de toute servitude locomotrice, deviennent le merveilleux instrument de tact et de préhension que l'intelligence a assoupli et qui a de son côté tant réagi sur elle. » — EDMOND PERRIER — « *La vie des animaux illustrée* ». Introduction, p. XI e XII.

Votre beauté, madame, a peur des envieux
et vous pleuriez hier, apprenant qu'une amie
racontait à tous ceux qui vous trouvent jolie
que vous mettez du rouge et vous faites les yeux;

que vous courez des jours entiers pour vos toilettes,
que votre corsetière et que votre tailleur
et non pas vous, devraient recevoir le meilleur
des compliments de ceux qui vous disent bien faite.

Laissez jaser les sots et les honnêtes gens,
aidez-vous du secours de tous les artifices,
que vos habilleurs soient vos habiles complices,
devant votre miroir passez tout votre temps.

Ayez des professeurs et de marche et de danse,
lissez vos longs cheveux et polissez vos mains,
cadencez savamment le rythme de vos seins
et faites ondoyer l'océan de vos hanches.

Ah! si vous connaissiez les douloureux efforts
et les vains désespoirs des sculpteurs, des poètes!
Si vous saviez par quels durs labeurs ils achètent
le droit de modeler, de chanter de beaux corps,

et ce qu'il a coûté de soins à la nature,
et de sélections, de tendresse et de temps,
et de volonté longue, et d'amour patient,
pour construire une belle et noble créature,

ayant vraiment compris la grandeur du dépôt
que les siècles, pour quelques heures vous confient,
vous ne rougiriez plus de parer d'harmonie
l'éclat de votre corps superbe et sans défaut.

O poeta tem razão. Mas, felizmente, não é precizo que as mulheres formozas saibam todas estas complicações de paleontolojia e outras ciencias rebarbativas para cuidarem da propria beleza.

Aliaz, a ciencia confessa que não sabe um certo numero de couzas, a respeito de mãos e pés. Não sabe, por exemplo, porque, desde o mais lonje que nos é dado alcançar, sempre se encontram cinco dedos (1). Por que este numero *cinco* nos ossos das azas, dos pés e das mãos? Ignora-se. Alguns animais têm menos do que isso. Nenhum tem mais. Os que, porém, hoje têm menos, já tiveram o numero regulamentar. E' por exemplo, o cazo do cavalo, que atualmente piza sobre um dedo só, mas já pizou sobre cinco (2).

---

(1) « L'embryogénie ne donne elle-même que des résultats très vagues, si bien qu'on en est réduit à de simples hypothèses pour expliquer la filiation de la nageoire au membre pentadactyle ». REMY PERRIER. *Loco citato*, p. 938. « La main est toujours pentadactyle et si ce nombre 5 est modifié, c'est toujours par suppression d'un ou plusieurs doigts », p. 937.

(2) « Le cheval actuel est, comme vous le savez, pourvu d'un seul doigt à chaque membre; mais il descend d'ancêtres qui étaient pourvus de cinq doigts, comme tous les autres mammifères. » GUSTAVE GELEY — Les preuves du transformisme, p. 207.

« Si nous n'étions pas habitués à la vue du cheval, disait Sir William Flower, au point de ne plus guère

O casco de cavalo em nosso tempo é constituido pela unha do dedo central. O cavalo é um animal, cuja genealojia nós conhecemos bem. Encontraram-se fósseis de todas as suas formas, desde as mais velhas ás mais modernas. Os mais antigos tinham cinco dedos. Habituando-se á carreira, dezenvolveram de preferencia a porção dianteira do pé. Quando qualquer animal corre, todos sabem que ele não pouza em terra o calcanhar: faz toda a força sobre a parte bem anterior dos pés. Quanto mais rápida a carreira, mais o que toca no chão é apenas a extremidade dos dedos. Dentre estes, muito naturalmente, o que mais se firma é o dedo médio. Assim, no correr dos tempos, os outros dedos se foram atrofiando, e o do centro

---

regarder sa structure, nous serions émerveillés qu'on vint nous parler d'un mammifère construit si étrangement qu'il n'a qu'un simple orteil, terminé par un ongle, sur l'extrémité duquel il marche ou galope. Une telle conformation est sans exemple chez les vertebrés. A l'aide de fossiles nous pouvons retracer toutes les étapes par lesquelles ce pied extraordinaire a passé pour arriver à son état actuel de perfection : il nous est également facile de voir comment il est devenu de plus en plus parfaitement apte à remplir le rôle qui lui incombait : celui d'un support stable permettant au possesseur de parcourir un terrain dur à une grande allure. » CH. J. CORNISH. — Les animaux vivants du monde, I, p. 198.

chegou a ser o único que encosta no solo. Dos outros ha apenas vestíjios, que se percebem nos embriões, mas, que se reduzem a quazi nada no animal adulto. — Tambem nós, nós homens civilizados, que uzamos andar calçados desde pequenos, tendemos a perder o dedo mínimo do pé, que está em caminho de atrofia (1).

Foi, portanto, do fatídico numero *cinco*, que proveio o dedo único do cavalo.

Houve em Espanha uma universidade, de cuja existencia depois duvidou muita gente, porque a ela aludiu Cervantes : foi a Universidade de Sigüenza. Duas couzas a salvaram, entretanto, do esquecimento : aquela aluzão do autor de D. Quixote e uma notavel teze de anatomia, em que aí se discutiu : « de que

---

(1) Em um trabalho do DR. LOUIS DUBREUIL-CHAMBARDEL. *Les clinodactylies, campodactylie, déviations des doigts en varus et varus.* — ele sustenta que os dedos pequenos, tanto da mão como do pé, tendem a dezaparecer. D'aí a frequencia de deformações que ha neles, frequencia superior á de todos os outros. E' do seu estudo o seguinte trecho : « *L'auriculaire et le 5ᵉ orteil sont donc des organes qui évoluent vers leur disparition.* Comme tous les organes dont l'évolution phylogénique est très active, ils sont très exposés à présenter des malformations morphologiques, tant pour le système osseux, que pour le système musculaire et vasculaire et sans doute aussi pour le système nerveux. »

utilidade ou de que prejuizo seria ao homem ter um dedo de menos. » Infelizmente, o Padre Caimo, que assistiu ao debate não nos deu a concluzão. (1)

Mas não vale a pena que insistamos em discutir uma questão de número de dedos. Teriamos, depois, de discutir o numero de membros. Que número de pés e mãos o ideal?

A crença popular parece ter fixado que o melhor, para se obter o máximo de rapidez, seria sete. *Fujir a sete pés* de qualquer perigo, é uma fraze vulgar. Mas não ha, de fato, nenhum animal que tenha aquele número de pés. Depois, é um preconceito imajinar que a natureza faz sempre tudo do melhor modo. Ouve-se frequentemente dizer que na navegação aéria convém imitar o vôo dos pássaros. A solução não está achada; mas pode-se desde já ter como certo que ela não será idéntica á da natureza. Para a locomoção em terra firme, o que ela achou de melhor foram os pés. Nós achamos a roda, que lhes é infinitamente superior! Para a locomoção na agua, a sua grande descoberta

---

(1) Drs. Witkoski et Cabanés — GAYETEZ D'ESCULAPE — pag. 175.

foi a barbatana. Nós construimos a hélice, cujas vantajens são incomparaveis. Assim, qualquer que seja a solução da direção dos balões, só muito provavelmente não será a imitação da aza dos pássaros. (1)

Si os sete pés que o ditado popular reclama não existem, acha alguem que cinco seria um numero razoavel? Com cinco pés os artistas da antiquíssima Ninive reprezentavam animais monstruozos. Mas não era propózito. Não passava de ignoráncia. Desconhecendo as regras da perspetiva, arranjavam-se de modo que os animais eram figurados como si tivessem cinco pernas. (2)

E quatro? — Quatro, tratando-se de pés, é, um numero desmoralizado. Todos sabem como é um insulto grosseiro dizer de alguem que, *si cair de quatro*, não poderá mais levantar-se.

Dir-se-á que « de quatro » — com quatro mãos — andam os macacos? — Mas não é verdade! Apezar da autoridade de Blumenbach, que propoz esse nome, e de Cuvier, que o sustentou, chamando aos macacos *quadrùmanos*, o certo é que eles não têm quatro

(1) E' bom notar que isto foi dito em 1905. A solução ainda não estava achada.

(2) ELISÉE RECLUS — « L'homme et la terre », I, 456.

mãos : têm duas mãos e dois pés. A anatomia dos membros desses animais demonstra isso de um modo peremptório. (1) E' verdade que eles podem utilizar os pés para muitos misteres, que melhor se coadunam com as funções das mãos. E', porem, uma questão de hábito. Ninguem aliaz ignora que os selvajens pegam nos objetos, trepam nas arvores, atiram, fazem em suma numerozos exercicios *manuais* com os pés; mas o esqueleto destes diverje profundamente do das mãos.

Ha animais cujos pés depois da morte se convertem em mãos. A linguajem popular chama correntemente *mão de vaca* ao que é pé — e pé de boi. Em espanhol o mesmo ocorre. Aí se fala tambem em *manos de corderos*. (2)

Santo-Agostinho dizia que as mulheres são tão indignas de comparecer perante Deus que, quando forem para o céu, se converterão em homens! No céu do gado ovino e bovino parece que sucede o contrário, pois que, em regra, ao menos nos matadouros públicos, os animais sacrificados são bois;

---

(1) ERNEST HAECKEL — « Anthropogénie », p. 421 à 422.

(2) G. DORÉ e CH. DAVILLIER — Voyage en Espagne — Le Tour du Monde (1872, II, 360.)

mas assim que morrem, fornecem *carne de vaca* e ficam para os amantes de mocotós com quatro mãos. Mas não vale a pena falar nisso : são mãos excluzivamente póstumas — si a expressão é permitida. Assim, quatro pés ou quatro mãos seria sempre de mais.

Trez poderia ser um bom numero? Talvez. Mas onde o animal trípede? Só a esfinje o descobriu.

Os antigos nos transmitiram de fato, o enigma, que ela formulou a Edipo, perguntando-lhe qual o animal que de manhã tinha quatro pés, ao meio-dia dois e á noite trez. Edipo lhe respondeu que era o homem, — porque o homem de manhã gatinha, ajudando-se com as mãos; na força da idade, anda erecto e firme, só com o auxilio dos dois pés, e, chegando á velhice, se arrima a um bordão, que é como um pé suplementar.

Mas não é um pé « de verdade ». Assim, a conta de *trez* para pés não existe na natureza. Si fossemos apurar as couzas desse modo, admitiriamos que o cangurú tinha um pé suplementar na cauda, porque, como todos sabem, o cangurú, quando está em re-

pouzo, firma-se nos dois pés e na cauda. (1)

Na mitolojia escandinava ha um exemplo de animal de trez pés : é o cavalo da deuza Hela, a personificação da Morte. Mas tambem isso é uma fantazia, que apenas parece ter passado um pouco para a França, onde subziste nas crenças populares de algumas rejiões. (2) De tudo, portanto, se deduz que a conta é antipática á natureza.

Um pé seria muito pouco. Assim, não ha sèr nenhum unípede. (3) Apenas uma lenda brazileira fala no pássaro de um pé só : o sací-pêrêrè. Mas o sací é a incarnação do Diabo. E o que faz crêr que o Diabo tem horror aos pés é que a primeira das suas in-

---

(1) João Ribeiro fala em uma antiga fraze portugueza « buscar cinco pés ao carneiro » e « buscar cinco pés ao gato » significando « irritar a paciencia do próximo por nugas ou pirraças. E um escritor espanhol, por ele citado, tem este diálogo : « Buscais cinco piés al gato que no tiene más de cuatro. — Nó, que cinco son con el rabo. » (Frazes feitas — II série, p. 69). Mas não ha comparação entre a função de pé, realmente exercida pela cauda do cangurú e a da cauda do gato, que nada faz de semelhante.

(2) Dictionnaire des superstitions, p. 199.

(3) Pode-se aqui notar que durante muitos séculos nenhum estatuário ouzou representar uma figura qualquer tendo apenas um pé apoiado no chão. Quando, no seculo V, Polycleto teve essa audácia, ela foi assinalada. Reinach — « Apollo », Histoire Générale des Arts Plastiques, p. 47.

carnações, a acreditar na Biblia, foi em uma serpente — e a serpente não tem pés. E' bom notar que não tem; mas já teve. No embrião das serpentes, se acha a indicação de membros, que não chegam a dezenvolver-se. As serpentes primitivas tinham patas. Mas a da Biblia, a julgar por autorizados calungas de varias historias sagradas, não os possuia.

Assim, correndo a variedade de pés e patas, que os varios sêres possuem, verifica-se que *dois* é um numero muito aceitavel. Nem de mais, como o burro, que se firmou em quatro; nem de menos como a cobra, que suprimiu todos eles — processo radical, mas excessivo.

Tão excessivo que varios santos se distinguiram pela reparação de pés amputados. Foi esse o cazo de S. Pedro de Verona. Referem que um filho tinha dado um pontapé na mãi. Dias depois, foi contar o fato ao santo. Este, naturalmente indignado, lhe disse que um pé que tinha feito isso merecia ser cortado. O rapaz tomou o conselho ao pé (é bem o cazo de dizer) ao pé da letra. Partiu para casa e — zás! cortou o pé. Como era natural, sentiu logo as mais cruciantes dôres. A mãi, que o ouviu chorar, indagou do motivo e, sabendo, foi chamar o santo. Este não

teve a mínima dificuldade em regrudar o pé cortado. (1) Milagre inteiramente idéntico é referido de Santo Antonio. (2) Seria uma pesquiza digna de eruditos indagar si é o mesmo fato, atribuido a dois santos, ou si ambos tiveram ocazião de fazer a mesma couza.

Em todo cazo, isso confirma que ao céu não é grato vèr pares de pés dezirmanados.

Mas que pés são mais agradaveis ao Senhor : os grandes ou os pequenos? Faltam indicações precizas a este respeito.

De que tamanho era o pé de Adão? Metro e meio! (3) Que ninguem se espante de uma tal afirmativa. Naturalmente, é impossivel achar fiador idóneo da sua veracidade. Mas ha — os compéndios de geografia o dizem — na ilha de Ceilão, uma montanha na qual se acha gravado um pé humano, que uma lenda garante ser o do primeiro homem. Chama-se ao monte, por este motivo, o « pico de

---

(1) Padre Diogo do Rosario — « Flos Sanctorum », vol. IV, p. 286.

(2) Op. cit. vol. VI, p. 147.

(3) Julien Vinson — « Les Religions Actuelles », p. 149. A marca de pé a que aí se alude é tambem atribuida a Siddharta, a Civa e a S. Thomaz. Na Arábia ha uma montanha em que se mostram as marcas dos pés do camêlo de Mahomet. Op. cit. paj. 352.

Esqueleto do pé esquerdo d'uma mulher chinesa de 20 annos.

(Collecção do Dr. J. J. Matignon.)

Adão ». O pé, que aí está marcado, tem metro e meio de comprido. Exijiria um par de sapatos numero 224!

Bocage, disse, falando dos enormes pés de Nicolau Tolentino :

> Si o Padre Santo tivesse
> um pé tão largo e tão máu,
> podia, mesmo de Roma,
> dar beija-pé em Macau.

Com certeza Tolentino não chegava ao metro e meio de Adão!

A admitir a Biblia, lembrando que foi Deus, diretamente, quem fez Adão, deve supôr-se que os grandes pés são a forma normal, agradavel ao Senhor. Os grandes pés masculinos.

Aliaz aqui se póde notar, como já o fez Gubernatis, que a poezia italiana — e a portugueza e brazileira — adotaram uma metáfora para aludir a pés, que dá antes de tudo a ideia de solidez : chamar-lhes *plantas*. (1) E' verdade que Virjilio chegou a falar de uns pés que fujiam como « voadôras plantas » ; mas a metáfora aí era dezastrada. Os italianos dizem bem, quando chamam a um ho-

(1) Gubernatis — « Mythologie des plantes », I, p. 37.

mem robusto, de largos pés bem pouzados no chão, um homem « *ben piantato* » e a metáfora ainda é talvez melhor, quando a um emigrado chama — *uno spiantato* — o que equivale bem aos *déracinés* de Maurice Barrès.

Dos pés de Eva nós não temos — e felizmente! — nenhuma medida.

E' bom, entretanto, não esquecer que durante muito tempo houve quem acreditasse que os primeiros homens foram gigantes. O *Deuteronómio* diz que Og, rei de Baschan, tinha 4^{m},99 de altura. (1) Moizés entrando na terra prometida, lá encontrou ainda povos gigantes e um escritor, que teve, no seculo 18 certa celebridade, garantia que Adão media 18 metros. Depois, a estatura humana foi decendo. Com Abraão, era já de 9 metros; com Hércules, de 3; com Alexandre, o Grande, de dois. (2) Essa teoria do rebaixamento progressivo da estatura humana é falsa. No contrario, é que está a verdade. Si, porém, Adão tivesse sido um gigante de 18 metros de altura, os seus pés de metro e

---

(1) Ledrain. — *La Bible*, vol. IV, p. 253 [nota]. As traduções vulgares da Biblia dizem, por erro, que essa era a medida do seu leito. Não é o que está no texto. O texto alude ao seu sarcófago.

(2) Jean Finot. — *Le préjugé des races*, p. 152 a 153.

meio seriam pequeníssimos. O razoavel seriam pés de 3 metros de comprimento.

Uma redação defeituoza tornou célebre a carta de um inglez á namorada, parecendo indicar que esta possuia pés de cinco metros e meio. Dizia essa missiva : « matei um crocodilo enorme e mandei curtir-lhe a pele : tem cinco metros e meio. Si matar outro, mandarei fazer-te um par de botinas. » Dir-se-ia que só com duas peles de crocodilo, cada uma com cinco metros e meio, é que podiam fazer-se botinas para a bem amada. Mas não era isso que o inglez queria exprimir. Dezejando guardar a primeira pele intacta, da segunda tiraria o necessário para o calçado. A pena o traiu — como traiu igualmente áquele recruta a quem o frio impedia de escrever e que concluia assim uma carta : « Estou com os pés tão frios que nem posso segurar a pena. » Não era, entretanto, com os pés que ele a segurava.

Nós temos, do tipo feminino que mais homenajens recebe no mundo inteiro a medida exata do pé. Na Catedral de Saragoça, na Espanha, ha um sapato de Nossa Senhora, exposto á adoração dos crentes. (1)

---

(1) J. Vinson. — Cap. cit. p. 602.

Por ele se sabe que o pé da Virjem Maria tinha justamente 194 millimetros. Calçava 29. E' um pé de criança. A nossa tarifa das alfandegas aceita como sapatos de criança os que têm até 22 centimetros — o que vem a dar, mais ou menos, 32 pontos.

É bom saber, entretanto, que, embora a Virjem Maria talvez tenha uzado sapatos — os de Saragoça ou outros — ela é *uma das poucas pessoas sagradas que podem ser reprezentadas de pés descalços*. Em bôa iconografia catolica, só é licito reprezentar com pés descalços Jezus-Cristo, a Virjem, os anjos, os profetas, S. João Batista, S. Jozé e os Apostolos. Mais ninguem. E isso porque o profeta Izaías cantou assim : « Comó são belos nos montes os pés dos que anunciam a paz e prégam a salvação ! » Nenhum outro santo tem direito a essa distinção especial : ser reprezentado com os pés nus (1).

Em todo cazo, deixando de lado essa prescrição de iconografia, si se admite a autenticidade dos sapatos de Saragoça, é forçozo convir que os pés da Virjem eram muito pequenos.

---

(1) A. Lerosey. — *Manuel Liturgique à l'usage du séminaire de Saint-Sulpice*, 1890, p. 32.

Comtudo os das chinezas ainda são menores. Elles chegam a ter 13 e 14 centimetros (1). Mas um pé de chineza é uma abominação!

Aleijam-n'o desde pequeno. Dobram os dedos para baixo da planta. A mulher não piza sobre a sola : apoia-se sobre o calcanhar e sobre o dorso dos dedos, em cada um dos quais se forma um calo. A pele, que passa durante annos amarrada em compressas embebidas em alcool — alcool de sôrgo — acaba por tomar a côr de cêra. Fica com o tom desses fetos, que se veem nos muzeus, conservados em grandes frascos : macerada, enrugada. E' hediondo!

Hediondo para nós. Para os chinezes é sublime (2). Ha tempos, uns missionarios americanos dirijiram uma petição ao ministerio do exterior, para que o Imperador da China fizesse cessar esse uzo bárbaro. A reprezentação foi remetida dentro de uma bela caixa de prata, artisticamente lavrada. O ministro tomou conhecimento do cazo. Respondeu que Sua Majestade dava aos

---

(1) J. J. MATIGNON. — *Superstition, crime et misère en Chine*, 2e édition, p. 311 a 326.

(2) H. D'ALMÉRAS. — *Le mariage chez tous les peuples*, 56.

seus súbditos o direito de fazerem o que quizessem. Mas, como a caixa era bonita e rica, rezolveu ficar com ela...

Um médico francez, que clinica na China ha muitos anos, escreveu a propózito dessa petição, perguntando o que diríamos si uma sociedade de chinezes viesse entre nós fazer campanha contra o colete feminino? Deformação por deformação, acrecentava ele, qual é mais ridícula : a que tem como rezultado produzir uma certa dificuldade do andar ou a que produz a compressão do estómago, a luxação dos rins, o esmagamento do fígado, o embaraço de toda a circulação?

Seria bem curiozo, si um literato da China, não conhecendo nossos costumes, podesse lêr, no orijinal ou em tradução, o que dizem os nossos poetas sobre os pés femininos. Bem certamente ele acreditaria que por aqui temos a mesma aberração de lá, porque num crecendo de hipérboles, todos eles cantam com exajêros incriveis a exiguidade daquela parte do corpo humano. Os « pequenos pés sob infantís artelhos » de que falou Castro Alves são o dezejo geral. Ha uma poezia célebre de Fernando Caldeira, que é das melhores sobre o assumto :

Cismo, cismo e não sei inda
como tu, sendo tão linda
e tão vaidoza de o ser,
tens aí no chão pouzados
os teus pézinhos, coitados!
aí como uns pés quaisquer!...

Eu não sei, não compreendo
quando te vejo correndo,
mesmo que vás devagar,
como uns pés tão pequeninos
tão delicados, tão finos,
assim te podem levar!

Faz-me pena, coitaditos!
tão galantes, tão bonitos
vê-los assim pelo pó!...
Muita pena!... ainda ao menos
si não fossem tão pequenos...
mas assim faz mesmo dó!...

Ainda se toda a estrada
te fosse ao menos juncada
de rosmaninho e alecrim,
como a santa da capela
quando sai no andor... Mas ela
nunca teve uns pés assim!...

Olha! ás vezes endoudeço
quando t'os vejo e apeteço
duas semanas... um mez...
dous mezes... nem sei eu quanto,
ser um sapato, comtanto
que tu me tragas nos pés!...

A's vezes, quando á tardinha
tu vais cismando, sózinha,
por sobre a relva, ao de leve,
suspira cada folhita
de inveja á mais pequenita
que o teu pézinho conteve.

E, si páras distraída
junto d'alva margarida
ou malmequer, ou bonina,
faz gosto vêr o geitinho
com que a flôr torce o pézinho
e sobre um dos teus s'inclina!

Que amor! que amor, ó meu Deus!
e não é por serem teus
que os amo tanto, não é...
Esse teu pé pequenino
foi obra d'algum destino
que eu tinha de amar um pé.

. . . .

E verás que dentro em pouco
nem sei da cabeça, louco
por eles... e seus desdens!...
Que tu tambem, coitaditos!
tens uns pés tão pequenitos
que por um triz que os não tens.

Esconde-me esses traidores,
esconde-m'os. — Sedutores!...
nem são pés, são um feitiço!...

Esconde-me esses ingratos
nem as pontas dos sapatos
quero vêr-lhes... Antes isso!

. . . .

Ó! ao menos, si as pedrinhas
onde os pões quando caminhas
fossem todas beijos meus,
que, nem indo a pé descalço,
pozesses um pé em falso...
mas assim!... valha-me Deus!

Olha, a dizer-te a verdade,
eu acho que é crueldade
deixa-los ir pelo chão...
Si queres, poupa-lhes passos,
levo-te a ti num dos braços.
e eles ambos n'outra mão.

Camilo Castelo Branco incluiu esta poezia no seu Cancioneiro Alegre. Incluiu tambem outra, de Simões Dias, sobre o mesmo assumto :

Pés como os teus, mulher, ai! não ha nada
no mundo tão gentil.
Nem miniatura alguma cinzelada
por ínclito buril!

E que são eles? duas miniaturas
do mais extremo ideal,
feitura sublimada entre as feituras
do Artista sem igual!

Que perfeição de pés! que exiguidade!
são tão pequenos, são,
que me cabiam ambos á vontade
dentro duma só mão!

Mas o que eu mais estranho, o que mais acho
d'admiravel, emfim,
é como tu não cais deles abaixo,
sendo eles assim!

Tu sabes que eu não sei ser lisonjeiro,
ouve o meu coração:
si os teus pés se vendessem por dinheiro
em público leilão,

que enorme soma d'oiro não viria
cair-te aos lindos pés!
Eras capaz de arruinar n'um dia
algum banqueiro inglez!

Mas o que eu mais estranho, o que mais acho
d'admiravel, emfim,
é como tu não cais d'eles abaixo,
sendo eles assim.

O crítico portuguez faz notar que nas duas compozições ha a mesma figura. Em ambas se fala na possibilidade dos dois pés das damas decantadas caberem em uma só das mãos do cantor. Camilo adverte que, embora isso dependesse tambem em muito do tamanho das mãos do poeta, era precizo que

tais senhoras fossem aleijadas. Aliáz já Musset tinha dito do pé de uma andaluza :

> Il était si petit qu'un enfant l'eût pu prendre
> dans sa main...

Figura idéntica Baudelaire uzou.

O chinez, que lesse tudo isto, não poderia deixar de crêr que tambem nós eramos partidarios dos pés microscópicos.

Afonso Celso declarava, de fato, que só com um microscópio poderia ver certos pés, que o pozeram num estado verdadeiramente delirante :

> A prima do meu amigo,
> tem pés de tal perfeição
> que é sacriléjio e perigo
> deixa-los ir pelo chão
>
> Deviam pés tão suaves;
> dois verdadeiros primores,
> viver no céu, como as aves,
> ou num jardim, como as flores.
>
> Oh! releva-me esta fraze
> que as conveniéncias transgride
> — na tua prima, é na baze,
> que a culminancia rezide.

Quando tu m'a aprezentaste
(que maganão que tu és...)
Com certeza te enganaste,
ou te fizeste de sonso;
devias ter dito : — Afonso,
eu te aprezento estes pés! »

Só vizões do hachich e do ópio
pés assim sóem mostrar;
vou comprar um microscópio
para os poder contemplar.

Fosse eu tu, e quando andasse
de algum salão atravez,
diria a quem perguntasse :
— és primo daquela moça?
D'ela?... não. Mas como? — Ó! ouça .
— Sou primo só dos seus pés! »

Que estas estrofes lhe contem,
quanto eu me sinto cativo
são pés no diminutivo,
parecem nacidos hontem.

Tão tenues, tão homeopáticos,
saltam no entanto, por dez...
Ó meu amigo, os extáticos
sonhos meus dá que eu exprima
— a tua prima — obra prima
tem em dois tomos, nos pés...

Hoje, efetivamente nós consideramos, a pequenez dos pés, embora sem as hipér-

boles dos poetas, uma das belezas femininas.

Nem sempre, entretanto, foi assim. No século 16, na França e na Inglaterra, os pés grandes estiveram em moda. Para os homens, os sapatos tomaram mesmo proporções exajeradas. Havia alguns tão grandes que para tornar a marcha possivel, era necessario amarrar-lhes a extremidade aos joelhos de quem os calçava!

Parece aliaz que a origem dessa moda foi um aleijão de Godofredo Plantagenet, conde de Anjou e que era o *arbiter elegantiarum* do seu tempo. Elle tinha na ponta do pé uma excrecencia carnoza, que reclamava sapatos especiais para cobri-la. D'ahi o tê-los adotado. Adotando-os, os cortezãos pensaram logo em imita-lo (1).

Mas é bom dizer que ninguem uzava o tamanho que queria : tudo isso estava regulamentado. Simples cavaleiro só podia ir até calçado de 48 centimetros. Grandes fidalgos tinham o direito de uzar botinas de 64 centimetros. Só os principes podiam atinjir a 80 centimetros (2)!

---

(1) SCARLATTI. — *Et ab hic et ab hoc*, II, p. 71.

(2) L. BOURDEAU — *Histoire de l'habillement et de la parure*, p. 261 a 262. O autor alude aí á rainha Berta, que ele diz ter ficado celebre na historia com o co-

O exajero foi tão lonje que se tornou necessária a intervenção da lei para coíbi-lo e Carlos V acabou proíbindo-o sob pena de multa. Começou então o excesso da largura.

O grande *chic* eram os sapatos esparrama-

---

gnome de Berthe « aux grands pieds ». E' um engano. O cognome de Berta, mãi de Carlos Magno, era o de Berta « do pé grande ». Pé, no singular, porque ela tinha um pé muito maior do que o outro. Ha mesmo uma lenda a seu respeito. Contam que na noite do cazamento, sentindo-se fatigada, pediu a uma das suas damas de honor que a fosse substituir, introduzindo-se furtivamente no leito real. A dama, que se parecia muito com ela, assim fez. Foi, esteve com o rei, convenceu-o de que era a verdadeira rainha e de que devia mandar matar Berta, a quem fez passar por uma impostora. O rei assim o ordenou; mas um velho servidor fiel, que a conhecia, logrou salva-la. Conservou-a por alguns anos em sua companhia, até que afinal o monarca veio a saber de tudo, restabeleceu no trono « Berta do pé grande » e fez queimar a falsa esposa, V. art. *Berthe*, na *Grande Encyclopédie*.

Que era realmente Berta do pé-grande (no singular) ha ainda para prova-lo a balada celebre de Villon « *des dames du temps jadis* », onde ele fala em :

> La reine Blanche comme un lys
> qui chantait à voix de syrène,
> Berthe au grand pied, Béatrix, Allys... »

Diante de Berta, um sapateiro galante podia reeditar a celebre fraze atribuida a um dos seus colegas, perante o qual uma senhora se queixava de, como a celebre rainha, ter um pé maior que o outro. E o sapateiro, pronto :

— Pelo contrario, minha senhora : V. Exa. o que tem é um pé menor que o outro :

dos. Isso durou algum tempo. Afinal, chegou-se ao exajêro na terceira dimensão. Tentado o comprimento, tentada a largura, veio a ideia de tentar a altura : fizeram-se então os saltos cada vez mais altos. A gente do bom tom só uzava sapatos de saltos bem elevados (1).

Por tal motivo, dos burguezes e dos homens da plebe, que não tinham direito a isso, se falava com desprezo chamando-os « pés chatos ». — A grande ambição destes era — que mesquinha aspiração ! — poder uzar botas formidaveis.

E' bom notar que ha uma certa razão em ninguem querer ser *pé chato*. A razão é aristocrática. Efetivamente pela pratica dos trabalhos manuais e sobretudo a de carregar pezos, o pé se espalha, se esparrama no chão para oferecer uma baze mais sólida. Por isso, no Norte do Brazil, o povo fala com desdem nos « calcanhares de frijideira. » Os antropolojistas verificam que os indivíduos de profissões liberais teem o pé mais alto que os de serviços braçais (2).

---

(1) Ch. Rozan. — *Petites ignorances de la conversation*, 12e édition, p. 193.

(2) Jean Finot. — *Le préjugé des races*, p. 204 : « En indiquant la grandeur des corps par 100, la cambrure des pieds des différentes professions américaines était chez

Por onde se vê que, até certo ponto, pelo pé se pode medir a cabeça, o que a alguns pareceria uma afirmação sem pé nem cabeça...

A moda dos sapatos femininos *cambrés* é o exajêro de uma beleza natural.

E' aliaz sabido que muitas vezes as modas provém da imitação de deformidades ou extravagancias dos ricos e poderozos. Tanto é assim que se pode aqui lembrar como um cérto modo afetado de apertar a mão foi posto em uzo, porque a então Princeza de Galles, depois rainha Alexandra, tinha um tumor perto do cotovelo e não queria que algum *shake-hands* excessivamente enérjico o magoasse.

Quanto á ideia, que levou os chinezes a tanto prezarem os pés deformados, ha quem explique o fato dizendo que ele proveio da ordem da imperatriz Ta-Ki, que reinou na China, 1.100 annos antes de Christo (1). Ela

---

l'ouvrier : 3, 83; l'Indien : 3, 94; le Nègre : 4, 04; les intellectuels : 4, 09.» E' uma escala de ociozidade. Ociozidade quanto a trabalhos manuais. O operário que trabalha mais, tem os pés mais chatos. Vem depois o indio — o indio americano do Norte —, o preto selvajem mais ociozo e afinal o homem de letras, que não faz nenhum serviço braçal.

(1) Mattignon — Loco citato.

tinha os pés tortos. Quiz então que tambem as outras mulheres o tivessem. Creou regulamentarmente o « pied-bot. » Resta saber si foi necessaria lei, ou si bastou a adulação dos cortezãos.

O pozitivo é que não ha, para um poeta chinez, beleza maior que esses pés tortos. Aqui nós os tratamos nos hospitais. Lá eles são cantados nos livros de versos. Um poeta já chegou a dizer que um pé não deformado é uma dezhonra!

N'essa monstruozidade eles veem uma certa semelhança com a lua! Chamam-se tambem aos pés das chinezas os *lirios de oiro!*

Não imajinem que haja nisso a metáfora avulsa de algum poeta extravagante. É uma dessas figuras de retórica absolutamente consagradas : o que se pode chamar uma « chapa », uma « fraze feita », tão corrente lá, como o dizer-se aqui uma « boquinha de roza ».

Aliaz entre as numerozissimas poezias sobre pés, em poetas brazileiros, se acha mais de uma vez a comparação de pés e lirios, de pés e lua. Diz, por exemplo, Sabino de Almeida :

« Lirios por noite calma
dezabrochando divinais, serenos,

são os teus pés mimozos e pequenos
Maria de minh'alma! (1) »

Antes dele já Luiz Guimarães Junior tinha feito a mesma comparação em soneto intitulado — *A Borralheira* :

Meigos pés pequeninos, delicados
como um duplo lilaz — si os beija-flôres
vos descobrissem entre as outras flores
que seria de vós, pés adorados!

Como dois gémeos silfos animados,
vi-os hontem pairar entre os fulgôres
do baile, ariscos, brancos, tentadores...
Mas — ai de mim! — como os meus pés, calçados.

Calçados como os mais! que dezacato!
— disse eu. Vou já talhar-lhes um sapato
leve, ideal, fantástico, secreto...

Ei-lo. Resta saber, anjo faceiro,
si acertou na medida o sapateiro :
— mimosos pés, calçai este soneto.

A ideia é singular. Mas lá está a comparação com um *duplo lilaz*.

Luiz Rosa, fala, a propózito de outros pés, no luar. Não quer, porém, como os chinezes, comparar a forma dos pés com a forma da

(1) *O livro de Maria*, p. 68.

lua, que é o que eles acham identico. O poeta brazileiro compara apenas a alvura :

... Uns pés assim : delicados,
dois leves silfos nevados,
que, como as aves, saltavam.

Dois pés tão leves, que a gente,
em vendo-os, todo tremente,
queda-se logo a cismar
si vêm das leiras singelas,
si eles são feitos de estrelas,
ou si são feitos de luar (1).

Por que, entretanto, nós chegámos, em materia de pés, a ter o mesmo ideal dos chinezes ? E' bom não esquecer que esse ideal não está apenas nas obras literárias. A poezia popular insiste nessa nota de todos os modos. Numa coleção de mil trovas populares portuguezas, ha, para só citar estas, as seguintes quadras :

Tendes o pé pequenino
do tamanho de uma flôr;
não sei como se não quebra
com tanto pezo de amor.

---

(1) *Imagens e Visões*, p. 54.

Tendes o pé pequenino
da marquinha de um vintem;
devia calçar de prata
quem tão pequeno pé tem.

Tendes o pé pequenino,
dais a passadinha curta.
Mal haja o pai que te tem,
o ladrão que te não furta (1).

A aristocrática orijem da *gata borralheira* se conheceu pelo tamanho do pé.

Assim, o pé pequenino é uma aspiração geral. Por quê? Naturalmente porque ele ficou sendo o que Darwin chamaria um *caráter sexual secundário*, como os cabelos longos, a brancura da tez e outros predicados idénticos. Orgam que não se exercita não se dezenvolve. A mulher, em geral ocupada em trabalhos domésticos, não dezenvolve o pé tanto como o homem. Quanto mais nobre e rica, mais ocioza. Essa é, pelo menos, a regra. D'aí o fato da desproporção entre os pés masculinos e femininos. O que a moda faz é exajerar esse dado natural. A poezia borda a esse respeito as mais extraordinárias hipérboles. Tanto, porém, deve ser aquela a

(1) AGOSTINHO DE CAMPOS E ALBERTO DE OLIVEIRA — *Mil trovas*, p. 111, 114 e 132.

explicação, que assim que a luta pela vida chama as mulheres ao trabalho, a preocupação dos pés diminúi. Os europeus, em regra, não fazem disso, hoje, tão grande cabedal como nós. Prezam mais o que chamam os « pés práticos ». E como os menos práticos, os mais fantazistas dos povos da Europa são os da Peninsula Ibérica, a um pé de senhora muito pequeno, mas alto, chamam os sapateiros francezes : « pé espanhol ». Muito frequentemente em Pariz as brazileiras precizam encomendar especialmente o seu calçado, com essa fôrma.

Provando bem como o requizito do pé pequeno é apreciado na Espanha até pelo mais baixo povo ha a circunstancia de que na gíria popular, os sapatos femininos se chamam *os venturozos : « los dichosos »* (1).

O pé da franceza elegante é, em regra, maior que o da brazileira, mas, quazi sempre, esguio e baixo.

Mas voltemos ao pé chinez.

Outra explicação o dá como um recurso de maridos ciumentos, que assim prenderiam em caza mais facilmente as respetivas mu-

---

(1) Gustave Doré et Ch. Davillier — *Voyage en Espagne, Tour du monde* 1872 II p. 544.

lheres (1). Mas a explicação é falsa. Dizem os europeus que teem vivido na China que as mulheres de lá, andam, correm, dansam perfeitamente bem, com os pés deformados.

Não ha nada, porém, que mereça maior recato de uma filha do Celeste Imperio. O pudor das chinezas fica nos pés. Mesmo a outra mulher raramente ela os mostra (2). Só o marido logra contemplar os da espôza. E' a concessão suprema do amor. Um apaixonado não faz cazo da cara, que ele vè, mas do pé que ele adivinha.

Afinal, o pudor depende em grande parte de convenções. Pensem no que a nossa sociedade proíbe e consente acerca do decote e verão as suas incoerencias... A certas horas do dia, diante de duas ou trez pessoas, seria impudico mostrar uma polegada de colo. A outras, diante de duas ou tres mil, em um baile, em um teatro, pode-se exibir sem impudicícia, mais de um palmo!

Mas o pudor dos pés já existiu na Europa. Já existiu — e existe ainda na Azia Central, onde, quando uma mulher vè outra mostrando os pés, vela a face, corada, como

(2) Pelletan. — *La Mère*, citado em Pinheiro Guimarães — Da hyperthermia, p. XXIV.

(2) Havellock Ellis. — *La pudeur*, p. 45.

si estivesse assistindo á ultima das inconveniencias! E' absolutamente como si a visse passar inteiramente despida. Os Yakutos não pensam de outro modo (1). Na China sucede o mesmo. Falar em pés femininos é pozitivamente uma obcenidade. Nenhum pintor ouza reprezentar uma mulher de modo que os pés estejam á vista (2). E si isso acontece na China é bom dizer que tambem o Alcorão recomenda ás mulheres que escondam os enfeites dos pés (3).

Na Espanha já foi tambem assim, até o fim do seculo XVII (4). As mulheres uzavam vestidos muito compridos — compridos na frente — roçando bem largamente pelo chão para impedir que se lhes vissem os pés. Quando a rainha Luiza de Saboia, mulher de Felipe V, pediu que encurtassem um pouco as saias para não fazerem tanta poeira, alguns maridos declararam solenemente que preferiam as mulheres mortas do que deixando vêr ainda que fosse apenas a pontinha dos pés!

---

(1) Op. cit., p. 46.
(2) Élisée Reclus. — *L'homme et la Terre*, p. 243.
(3) Cap. IV, v. 31.
(4) Salomon Reinach. — *Mythes, cultes et religions*, I. p. 105 a 110.

E pelo pudor dos pés essa rainha passou um máu quarto de hora e esteve quazi a morrer.

Luiza de Saboia foi a primeira rainha de Hespanha que teve a audácia de ir á caça com o rei. Para que ela passasse do carro para o cavalo aproximavam este e ela da portinhola do carro saltava para o animal, procurando cair sentada na sela. Ninguem tinha o direito de lhe tocar nos pés! De uma vez, o cavalo assustou-se com esse manejo, furtou o corpo e ela caiu redondamente por terra. De outra, foi ainda peior : chegou a sentar-se e a meter o pé no estribo. Mas o animal corcoveou, cuspiu-a fora da sela e começou a rodar no páteo do castelo, onde felizmente ocorreu a cena, arrastando-a com o pé prezo. E' facil de calcular como ela ia, assim arrastada...

Pois bem, para salva-la dessa situação em que a sua vida e o seu pudor tanto deviam sofrer, os fidalgos não ouzavam fazer couza alguma, porque nada lhes parecia mais impudico do que puchar o pé da rainha do malfadado estribo. Afinal, dois cavaleiros, Don Luis de las Torres e Don Jaime de Soto-Maior se atreveram. Um deteve o cavalo, o outro tirou o pé da rainha. Tirou, deixou-a

mesmo no chão e, imediatamente os dois, sentindo que — embora salvando a rainha! — tinham cometido um crime, procuraram os seus proprios cavalos e fujiram, fujiram a todo galope, fujiram para se esconder, até que o rei, por um ato de magnanimidade, se rezolveu a perdoa-los.

E houve, de fato, magnanimidade, porque o conde de Villa-Mediana, que salvou a rainha Izabel de um incéndio, foi morto por um tiro de pistola dado pelo rei, não porque, ao salva-la, a tivesse carregado ao colo; mas porque, ao carrega-la, tocou-lhe nos pés!

Vejam como o cazo era sério!

A rainha, conhecida na História pelo cognome de Izabel-a-Católica, fez mais. O ritual da Igreja exije que na extrema-unção se unjam os moribundos com os Santos Oleos, fazendo-lhes com o polegar pequenas cruzes nos dois olhos, nas orelhas, nas duas narinas nas mãos e nos pés. Nas mãos e nos pés o ritual tem variações. Si se trata de padres, a unção é feita do lado de fora, nas costas da mão; das outras pessôas, na parte interior. Quanto aos pés, unjem-se indiferentemente no peito ou na planta (1).

---

(1) Le Vavasseur. — *Cérémonial selon le rit romain*, I, p. 681, II, 181.

Pois bem. Mesmo na hora da morte, apezar da sua extrema devoção, Izabel-a-Católica não consentiu que lhe descobrissem os pés para aquele fim! Cumpre dizer que isso não infirma o sacramento; mas a tenacidade desse gesto de pudor em tal momento e em uma rainha, que ficou celebre pela sua exaltação relijioza, prova bem como o sentimento era forte.

Nem se precizava vêr o pé. Aludir a ele já constituia uma indecéncia.

Maria-Anna vinha da Austria para cazar-se com Felipe IV de Espanha. Vinha com uma embaixada especial. Passando por certa cidadezinha do paiz, os habitantes lhe ofereceram diversos prezentes, entre os quais varios pares de meias de seda ricamente bordades. O mordomo-mór, quando os viu, atirou-os ao chão, indignado, e disse-lhes esta fraze : « *Haveis de saber que as rainhas de Espanha não têm pernas!* » A futura rainha dezatou a chorar. Quiz, apavorada, voltar para a Austria, convencida de que lhe iam cortar as pernas. Só depois que lhe explicaram o cazo, foi que se decidiu a continuar o caminho (1).

---

(1) ROBERT BE LA SIZERANNE. — *Le miroir de la vie*, I, p. 220.

Um trovador dessa época, extranho ao meio oficial poderia talvez cantar uns pés adorados; mas na situação que ocupava como estadista, portador de um nome respeitavel, nunca, nesses remotos tempos, um um homem como Jozé Bonifacio teria escrito a poezia que ele nos deixou e é, de algum modo, clássica :

Adorem outros palpitantes seios
seios de neve pura ;
de anjélico sorrir meiga fragrancia,
ou sobre colo de nevada graça,
caindo a medo em ondas alouradas
bastos anéis de tranças perfumadas.
Adorem o coral do labio ingrato,
na alvura do alabastro,
a voz suave, o pálido reflexo
da luz do céu em face de criança;
ou sobre altar erguido á formozura
na fronte eburnea a mórbida brancura.
. . . .
Adorem outros de um airozo porte
relevados contornos...
. . . .

A majestade da beleza altiva,
o desdenhozo rizo, o colo, o gesto,
a desdenhoza mão que a trança aliza,
na trípode infernal a Pitoniza :
não ! não quero painéis de tal encanto !

Tenho gostos humildes :
amo espreitar a neglijente perna,
que mal se esconde nas rendadas saias,
ou vêr subindo o patamar da escada
sem azas, a voar, um pé de fada,
um pé, como eu já vi, de tez mimoza,
de tez folha de roza,
leve, esguio, pequeno, carinhozo,
apertado, a gemer num sapatinho,
um pé de matar gente e pizar flores,
namorado da lua e pai de amôres!
Um pé, como eu já vi, subindo a escada
da caza de um doutor :
da moçoila gentil a erguida saia
deixou-me ver a delicada perna...

Padres, não me negueis, si estais em calma,
um coração ao pé, na perna uma alma!
Um pé, como eu já vi, junto á otomana,
em férvido festim,
tremendo de valsar, envergonhado
sob a meia sutil a côr do pejo
deixando flutuar na meia azul...
Requebro, amôr, feitiço — um pé taful!

Poeta do amor e da saudade,
depois de morto, peço,
em vez de cruz sobre a funérea pedra,
a fôrma do teu pé : foi o meu culto...
Quero sonhar... o resto, emquanto a lua,
choroza e triste pelo céu flutua...

Francisco Otaviano tambem exprimiu dezejo até certo ponto idéntico :

Nesse dia vem calçada
de botinas de setim :
quero a terra bem pizada
tendo teu pé sobre mim.

E a propózito de pés e de sepulturas, é justo citar o epitáfio a um pé, feito pelo poeta portuguez Alfredo de Moraes Pinto :

Em doce, eterno remanso,
pé pequeno, airozo e breve
neste sepulcro se encerra
p'ra seu eterno descanço.
Que a terra lhe seja leve.
como elle foi leve á terra! (1)

Na ultima estrofe de Jozé Bonifácio está talvez a explicação do motivo pelo qual o pudor se foi colocar nos pés femininos, durante tanto tempo. Lá diz o nosso poeta : « Quero sonhar... o *resto,* emquanto a lua, choroza e triste pelo ceu flutua. » Reinach adverte que talvez em outro tempo a opinião geral fosse a mesma de Alfredo de Musset :

Car le bas — de la jambe est l'espion malin
Et, quand on voit le pied, la jambe se devine.

---

(1) As duas citações de Francisco Otaviano e Moraes Pinto achei-as em um artigo de Lindolfo Gomes, n'*O Pharol.* Nele havia outras, a que eu já me referia.

Si realmente a meia é o espião maliciozo da perna e quando se vê o pé, facilmente se adivinham as belezas desta, o pudor do pé se justifica.

Herodoto — diz Bourdeau — fala de um povo que morava perto do Ejito, os Guidanos, cujas mulheres traziam em volta dos tornozelos « tantos anéis de couro, quantos amantes tinham tido. Aquela que trazia maior numero era a mais admirada, porque tinha sido amada por mais homens ». Assim, comenta ele, era uma especie de condecoração militar para uso das heroínas da galanteria (1).

Não deixam de ser frequentes os cazos de aberrações mentais de individuos, que se apaixonam loucamente só por uma parte do corpo feminino, parte que não tem relação alguma direta com o que geralmente inspira o amor. Os alienistas os chamam « fetichistas ». Ora, é interessante notar que os *fetichistas do pé* são numerozos, Na beleza feminina, é só o que notam, só o que exaltam. Tudo mais lhes parece secundario.

O poeta que a Allemanha aclamou como divino, « o divino Goethe », si pessoalmente

(1) L. BOURDEAU. — Op. cit., 288.

não tinha esse sentimento, mostrou pelo menos compreendê-lo, porque no seu tão celebre romance *As afinidades eletivas* ha um personajem que diz :

« Um pé bonito é um dom preciozo da natureza ; é uma graça imortal. Hoje eu vi o andar de Carlota. Tem-se o dezejo de ficar sempre beijando o seu sapato e de renovar a homenajem um pouco bárbara, mas profundamente sincera dos Sarmatas, que nada achavam melhor para fazer a saúde de uma pessôa querida do que beber no sapato dela. »

Extranha taça!

Mas onde o pé nos rezerva surprezas é na linguística. Que ele venha do radical sanscrito *pad*, que deu o *pes*, *pedis* latino radical que quer dizer *andar*, nada mais lójico (1).

Em quazi toda a escala animal o pé não serve para outra couza : orgam de sustentação, orgam de locomoção e raramente de preensão. Um cazo se excetua, que é o de certos gasterópodes, os limnéas, parentes próximos dos caramujos, muito semelhantes ás lesmas e que vivem na agua doce, a cuja

---

(1) F. Garlanda. — *La filosofia delle parole*, p. 271.

superficie sobem de tempos a tempos para respirar.

Esses animais não teem orgams especiais de olfação, sentido que exercem por quazi todo o corpo; mas sobretudo pela parte anterior do pé! Parece mesmo que o pé possúi tambem a função gustativa, porque, si se aprezenta á bôca do animal certas substancias que são para ele venenozas, como o sal ou o assucar, a bòca os aceita sem dicernimento, como aceita substancias não comestiveis, em quanto o pé separa e distingue, cheira, prova, e rejeita tudo o que não presta! (1)

Mas nós não temos pés de gasterópodes e mesmo entre os gasterópodes os limnéas deram ao pé um emprego muito extranho. O nosso aceita bem a dezignação etimolójica que lhe vem do radical *andar*. Essa é a sua função quazi única.

Ha porém, um caso curiozo: as relações etimolójicas do pé com a intelijencia.

Nós temos em portuguez o verbo *estar*, que vem do latim *stare*, e cuja verdadeira acepção é a de *manter-se de pé*. Pois bem: o grego, o alemão e o inglez — além de outras

(1) E. GAUTIER. — *L'année scientifique*, 1908, p. 207.

linguas — aproveitaram o radical que significava *manter-se de pé* para com ele fazerem verbos e substantivos, que querem dizer *ciencia* e *compreender*. Assim, por exemplo, o termo inglez *understand*, deveria, decomposto, exprimir : *stand* = manter-se de pé, *under* = sobre, e, portanto *estar de pé em cima*. No emtanto, o significado de *understand* é *compreender*. Por que? E' uma modificação de sentido, que só historicamente se explica (1).

As primeiras artes que os homens precizaram aprender não as acharam em livros. Eram ensinos práticos, que se faziam *de pé*. *Dê pé* se guiavam os carros, *de pé* se lançavam dardos, *de pé* se fazia o fogo... De modo que o individuo que sabia essas couzas, é porque as tinha aprendido *de pé* e *de pé* sabia conservar-se fazendo-as, o que não acontecia ao inexperto.

Nós temos uma expressão exatamente oposta para dizer que um individuo fala do que sabe; dizemos que elle fala *de cadeira*. E' nesse caso uma aluzão ao modo pelo qual os professôres fazem o ensino. O *un*-

---

(1) MICHEL BRÉAL. — *Essai de sémantique*, 3e édition, pag. 198.

derstand dos inglezes, que tem expressões paralelas em grego e alemão, é um exemplo do tempo em que a ciência se fazia sem cadeiras e antes de tudo era precizo saber manter-se a pé firme, atirando a seta, domando cavalos furiozos, fazendo da fricção dos troncos sècos saltar o fogo. E, portanto, a lembrança de uma época em que, com algum paradoxo, póde dizer-se que os homens tinham o talento nos pés, o que subziste no verbo inglez.

Mas, apezar de todas essas etimolojias, o incontestavel é que, hoje, o pé está em franca decadencia, na literatura e na arte.

Um caricaturista norte-americano da revista *Life* pretendeu, entretanto, fazel-o disputar a Marconi o que faz a gloria do sábio italiano. Num quadro muito graciozo, intitulado *Telégrafo sem fios*, ele reprezentava, em torno de uma meza, uma velha senhora de óculos, a filha e o namorado desta. Emquanto a velha lhes mostrava no jornal qualquer couza, a que eles finjiam prestar grande atenção, o moço pizava levemente o pé da namorada. Telégrafo sem fios! Mesmo nessa função namoratória o pé não é mais uzado sinão entre camponezes, gente que, ou anda descalça, ou com sapatos tão grossos que

equivalem a couraças. Nas cidades, isso era bom no tempo dos escarpins de seda, que não se engraxavam. Hoje, o dezazado que se lembrasse de pizar o pé da namorada, arriscava-se a fazê-la dar algum grito de dôr machucando-lhe um calo e, de mais a mais, estragar-lhe-ia o brilho da botina — o que ela, de certo, não lhe agradeceria.

Ha, é verdade, uma fórmula mais moderna para esse *marconismo* de debaixo das mezas : não se piza, aperta-se... Aperta-se de vagarinho, um pé querido entre os dois do apaixonado... O processo é mais aceitavel. Aceitavel, mas não recomendavel.

Pozitivamente tudo isso é *vieux jeu...*

A verdade é que o pé não se presta muito a carícias. Ele passa por ser o ponto mais sensivel ás cócegas de todo o corpo humano (1). Mas a sua delicadeza para esse cazo especial não o habilita a funções mais elevadas. Em alguns povos bárbaros era costume, para significar que se aceitava a vassalajem a alguem, tomar-lhe o pé e coloca-lo ou sobre a cabeça ou sobre a face (2).

---

(1) JAMES SULLY. — *Essai sur le rire*, pag. 48.

(2) MANTEGAZZA. — *La physionomie et l'expression des sentiments*, pag. 120.

Póde mesmo dizer-se que não ha mais pés bonitos. Não póde haver, para quem anda de botinas desde a mais tenra infancia. Assim, quando nós manifestamos grandes admirações por uns pés delicadíssimos, elegantíssimos, mimozíssimos — devese sempre entender que nos referimos a pés devidamente calçados, em sapatos bem feitos, em meias de seda ou fio de Escossia...

Entre nos é muito raro que nas praias de banhos se vejam moças com os pés nús. Preferem uzar os sapatos próprios para isso. Na Europa, entretanto, o caso é corrente. Em Trouville, em Ostende, em outras praias elegantes, uza-se muito ir á pés descalços : a sensação gostoza de pizar a areia fina, de entrar assim pelo mar tenta muita gente da mais caprichoza elegancia. É' então que se póde ver que dezencanto! Quanto pézinho que nos parecia adoravel, ali se vê com os dedos acavalados uns sobre os outros, cheios de calos, ou, pelo menos, do sinal dos logares de onde foram tirados!

A decadencia do pé é um fato...

No direito, ele já serviu para atestar a posse. Quando alguem reclamava um imóvel devia pôr-lhe o pé em cima. Era

uma formalidade processual simbólica (1).

O pé dos ladrões reincidentes tinha de ser cortado.

Pelo pé ainda hoje o povo, em alguns lugares, acredita que é possivel prende-los, desde que deles se encontrem vestijios perto do lugar onde se perpetrou o roubo. Para conseguir aquele efeito, arranjam-se tres cravos, que tenham servido em uma ferradura de cavalo, e um quarto, que provenha de algum caixão de defunto, o que se póde obter facilmente nos cemitérios. Pregando todos quatro no chão, bem em cima da pégada que o ladrão deixou impressa, ele fica prezo no logar em que estiver, incapaz de andar até que o apanhem (2).

De um pé solidamente pregado ao chão. mas pregado *de verdade*, sem nenhum simbolismo, fala uma tradição russa, do tempo do czar Ivan-o-Terrivel.

O Principe André Kurbski tinha fujido, abandonando o exército que comandava. Do seu exílio — exilio voluntário, dezhonrozo e aliaz faustuozo — ouzou dirijir a Ivan uma

---

(1) TH. BRAGA. — *Poezia do Direito*, pag. 71.
(2) M. F. SAUVÉ. — *Le folk-lore des Hautes Vosges*, pag. 201.

mensajem. Trouxe-a um dos seus homens de confiança, Chibanof, e começou a lê-la diante de Ivan: « De meu senhor, a vós, traidor! »

Ivan, que tinha na mão um longo cajado com uma ponta de ferro, levantou-o e enterrou a ponta, com toda a força, no pé do mensajeiro. A ponta atravessou e fixou o pé na escada de madeira, em cujos degraus o servo fiel de Kurbski fazia a leitura.

— Continua! Disse-lhe Ivan.

E Chibanoff continuou, impávido. O sangue corria e ele parecia não dar por isso, lendo até o fim.

Mas essa extraordinária cena, que se perpetuou como uma tradição, é lendária e falsa (1).

O povo acredita tambem que o pé tem ímpetos proféticos. Quando ele começa a coçar presajia uma viajem proxima — do mesmo modo, sabem-n'o todos, que a coceira nas mãos é presájio não menos seguro de que se tem de receber dinheiro. São superstições essas muito espalhadas por quazi todo o mundo (2).

---

(1) V. Rambaud. — *Histoire de la Russie*, paj. 228. Waliszewski — *Ivan-le-Terrible*, paj. 312 mostra que o fato não é verdadeiro.

(2) G. Georgeakis et L. Pineau. — *Le folk-lore de Lesbos*, pag. 334.

Por ser talvez um servidor modesto, que anda perto do chão, o pé foi muitas vezes desprezado. Manú, o lendario reformador relijiozo do Oriente, disse que Deus tirou da sua boca os brámanes, de seu braço os guerreiros, de sua coxa os negociantes e do seu pé, os párias — os sêres mais infimos, mais mizeraveis (1) !

Pelo pé a Biblia distingue os animais puros e impuros e o Levitico assegura que o pé de boi, queimado, oferecido em holocausto ao Senhor, era para ele, um « cheiro suavíssimo » (2).

De tão autorizado texto não vale a pena partir, para discutir as exceléncias do mócótó... Convêm apenas lembrar que tambem ele, em nosso tempo, perdeu a fama que d'antes gozava, de ser um alimento muito nutritivo. Sabe-se agora que é um engano. Tanto tem de dificil dijestão como de pouco alimentício.

Assim até dos pés de bois já se não faz cazo! Nem dos pés de bois, para os repas-

---

(1) *Les livres sacrés de toutes les religions*, I, p. 335. Lois de Manou. Livro, I, 31.

(2) Levitico, I, 13 : « Os intestinos, porém, e os pés, laval-os-ão em agua : e o sacerdote queimará em cima do altar toda a oferta em holocausto e cheiro suavíssimo para o Senhor. »

tos substanciais, nem dos pés-de-moleque para as crianças comprarem nos taboleiros das Africanas.

Seria um trocadilho desgraciozo, mas exato dizer que o pé está perdendo pé, no amor e na poezia.

No amor, ninguem mais pensa em fazer « pé de alferes » á sua namorada. Os apaixonados de esquina não tem mais o ar marcial que os faziam parecer alferes.

Por que alferes e não capitãis ou, para ir logo ás do cabo, marechais ou generalíssimos?. Porque era naturalmente nesse primeiro posto que eles estavam em plena mocidade e rondavam ás portas de suas Dulcineas, com ares juvenís e provocantes, uma das mãos no punho da espada e outra no bigode. Isso passou.

Na poezia, igual fenómeno. Os nossos grandes poetas contemporaneos não tratam mais de pés. Falam disso rápida e quazi desdenhozamente. João de Deus ainda cantou os pés de uma rapariguita pobre e descalça :

> Quem és, que ao ver-te o coração suspira
> e em puro amor desfaz-se?
> Raio crepuscular do sol que nace
> de lámpada que expira?

Como os teus pés são lindos! Como é doce
a curva do teu peito!
Oh! si o meu coração fosse o teu leito
e o teu amado eu fosse!

Que preciozas pérolas descobre
teu meigo, húmido lábio!
E virjem! Como Deus foi justo e sábio
em te fazer tão pobre!

Não tens fôfo veludo, onde se atole
tua anjélica imajem,
mas quando é belo o céu, bela a paizajem?
E quando é belo o sol?

Limpo de nuvens, nú, derrete a neve,
e a águia até desmaia!
Tu não tens mais do que uma pobre saia,
e essa, curtinha e leve.

Onde o corpo te alteia, a saia avulta;
onde te abaixa, dece...
E's como a roza: a roza nace e crece,
não para estar oculta.

A ti pois que te falta? Os teus dezejos
quais são? de que precizas?
Ah! não ser eu o mármore que pizas...
Calçava-te de beijos.

Bilac fala tambem nuns « pequenos pés que as sandálias sôfregas osculam ». Fala; mas não insiste. Só a muza popular ainda é

fiel a esse elemento de poezia. Uma trova anónima :

Já vi chorar uma pedra
no meio de uma calçada
por tu passares por ela
e não ter sido pizada...

E outra, do mesmo género, ainda mais apaixonadamente :

Pelas alminhas te peço :
— dá de vagar os teus passos
Debaixo desses teus pés
anda a minh'alma aos pedaços.

Raimundo Correia disse de alguem, num final de soneto :

Vôa, as papoilas esflorando e as rozas...
Passa entre os jasmineiros que se ajitam,
ás vezes célere e pauzada ás vezes,

e, sob as finas roupas vaporozas,
seus leves pés, precípites, saltitam,
pequenos, microscópicos, chinezes...

Afinal isso é uma apolojia comedida. Mas nem Machado de Assis, que não perde nos seus romances ocazião de insistir sobre as belezas dos braços das suas heroínas, nem

nenhum, em suma dos grandes poetas contemporáneos se extazia mais, com excessos líricos diante de pés femininos.

A mão ainda conserva um certo prestíjio. Mas é que não ha instrumento mais maravilhozo!

Si, tratando do pé, eu fiz apenas um numero diminutíssimo de aluzões á sua importancia — tratando das mãos não posso sinão dar meia duzia de indicações.

Um pouco de meditação mostra logo que não é possivel pensar em nada de humano: arte, relijião ou ciencia, sem que o trabalho das mãos apareça, sem que o seu valor se destaque.

Ha até uma grande relijião, uma das que contam maior numero de fiéis de que muitos só afirmam que Deus tem mão. Si ele tem corpo, membros, rosto, parecidos com os nossos, essa relijião não sabe, nem admite que se discuta. Mas, si ele tem ou não tem mão, a materia é litijioza.

No mundo atual existem cerca de 220 milhões de maometanos. E' uma cifra! Pois bem: não se admite na relijião deles nenhuma reprezentação de Deus. Parece aos seus fiéis — e eu acho muito justo — que sendo o corpo humano tão imperfeito, é

fazer injúria a Deus reprezenta-lo sob o aspeto humano. Humildemente eles confessam não saber que forma pode ter o Supremo Senhor. Por isso, nas mesquitas em que se adora Allah não ha nenhuma imajem.

Mas no Koran, em dois lugares, acha-se a referencia ás mãos de Deus. Assim, no versiculo 18 da Surata XLVIII, está escrito : « aquelles que te dão a mão e te prestam juramento de fidelidade, de fato o prestam a Deus ; a *mão de Deus* está posta sobre a mão deles. »

Duas seitas opostas, a dos Wahhahis e a dos Sumnis, discutem si essa expressão é literal. Estes afirmam que não se trata aí sinão de uma metáfora, ao passo que os primeiros asseveram que a fraze se deve entender de um modo literal, e embora eles não a possam figurar, nem saber a que forma está ligada, Deus tem mão (1).

Aí está pois, mesmo na relijião em que Deus é concebido de um modo mais abstrato, em que ninguem ouza reprezenta-lo, o fato curiozo de que, alguns fiéis, um atributo pelo menos lhe reconhecem : ter mãos !

E' inutil dizer que nas outras relijiões em

(1) T. P. Hughes. — *Dictionnary of Islam*, art. Hand.

que os deuzes são representados sob a forma humana, ninguem lhes recuza mãos. A deuza da Mizericórdia, na China, é mesmo simbolizada com uma infinidade de braços e mãos, para significar o seu poder de acolher toda a gente.

A mão não falta, portanto, nem mesmo aos deuzes.

Um autor inglez, Sir Charles Bell, escreveu um volume cujo título diz bem a importancia que ele atribúi a essa parte do corpo humano. Chamou-o : *A mão, seu mecanismo e propriedades, provas da creação providencial.* Na sua opinião, si ha uma prova sólida da existéncia de Deus é a existéncia da mão : acha ele que só um Deus a podia fazer. E escreve, entuziasmado : « A mão humana é tão admiravelmente formada, possúi uma sensibilidade tão fina, a sua sensibilidade governa com tanta precizão todos os seus movimentos, responde tão instantaneamente aos impulsos da vontade, que se tem a tentação de crèr que é aí que a vontade rezide. Todas as suas ações são tão enérjicas, tão livres e, todavia, tão delicadas, que parece ter seu instinto á parte e que não se pensa, nem na sua complicação como instrumento, nem nas relações que a prendem

ao espírito. Nós nos servimos da mão como respiramos : sem cojitar nisso. Perdemos toda a lembrança, tanto dos seus fracos e primeiros esforços, como do lento exercicio que a aperfeiçoou (1) ».

Sir Charles Bell não é o único da sua opinião.

Montaigne pensou em lembrar algumas couzas do muito que fazem as mãos em uma enumeração, que ficou célebre.

« Com as mãos? Com as mãos, nós solicitamos, nos obrigamos, chamamos, expulsamos, suplicamos, negamos, recuzamos, interrogamos, admiramos, nomeamos, confessamos, nos penitenciamos, nos intimidamos, envergonhamos, duvidamos, ensinamos, ordenamos, incitamos, encorajamos, juramos, testemunhamos, acuzamos, perdoamos, injuriamos, desprezamos, dezafiamos, despeitamos, adulamos, aclamamos, abençoamos, humilhamos, zombamos, reconciliamos, recomendamos, exaltamos, festejamos, alegramos, lastimamos, contristamos, dezanimamos, dezesperamos, espantamos, exclamamos, calamos... » (2)

---

(1) O. Uzanne. — *L'art et les artifices de la beauté*, p. 278.

(2) Montaigne. — *Essais*, (Ed. Garnier) 1, 417.

Ihering, o grande jurista alemão, diz que todo o direito deriva da mão e falando desta, escreve em um ponto, corroborando o que disse Montaigne :

« A mão é a mais importante das partes do corpo. Ela ocupa o primeiro lugar depois do orgam que deve ajir em todo ato juridico, a lingua, e, assim como o fizémos já notar acima, ela se acha com esta ultima na mais estreita relação. Si a lingua anuncia a rezolução é a mão que a executa ; ela é verdadeiramente o orgam da vontade e no ponto de vista da concepção natural e sensivel ajir e mover a mão, constituem uma só e mesma couza. Nosso quadro não comporta uma explicação mais profunda desta lingua dos sinais da mão, lingua tão rica e tão universalmente espalhada. Digamos ainda, entretanto, que não ha quazi movimento da alma que a mão não possa anunciar de um modo expressivo, que não ha quazi ato solene do periodo da infáncia dos povos, no qual ela não reprezente um papel. Aquele que estende a mão ao inimigo, perdôa-lhe ; toca-se na mão em penhor de fidelidade nas promessas ; implora-se a submissão e a paz, juntando as duas mãos ; as mãos dos dois espozos são unidas na ocazião do cazamento ; imploram-

se os deuzes estendendo as mãos para o céu; apertam-se as mãos contra o peito ou contra o queixo na *devotio;* quando uma interpelação é dirijida ás multidões, o consentimento se exprime levantando a mão ou o dedo » (1).

E em outro ponto :

« Quando a força fízica é a fonte da aquizição, é natural que a mão reprezente nisso o primeiro papel como instrumento. Combater é « vir ás mãos » *manus concerere ;* atacar é « pôr as mãos sobre... » *manum injicere*, *manus injectio*. O poder jurídico, ele mesmo, é chamado *manus*, porque de fato, foi a mão que o fundou e que o mantem. É verdade que o direito posterior limitou esta expressão no seu uzo técnico a uma só especie de poder : o do marido sobre a mulher, mas as palavras compostas por meio desta expressão que ficaram em uzo no direito posterior, conservaram o sentido geral primitivo (2).

A medicina dos árabes, toda ela bazeada nos preceitos do Alcorão, assevera que de

---

(1) IHERING. — *L'esprit du droit Romain*, vol. III, paj. 250.

(2) *ob. cit.*, vol. I, paj. 115, cf. Manumitir, manutenir e seus derivados.

todo o corpo humano « o orgam mais bem equilibrado é a pòlpa do dedo indicador; em seguida a pòlpa e a pele dos outros dedos » (1). Aliaz isto não é exato. O dedo de mais fina sensibilidade é o médio. Na escala de sensibilidade, o dedo médio vem primeiro, os lábios apoz e só depois os outros dedos.

Helvécio chegou a dizer que era á mão que o homem devia a sua superioridade sobre todos os animais (2). Ha nisso evidentemente um exajèro. Mas, de fato, a mão permite a verificação imediata de um grande numero de noções, que os outros sentidos só nos dão incompletamente.

Diante de um bom espelho, quando a imajem é nítida, a vista nos garante a perfeita realidade de uma segunda creatura. A mão nos dezilude imediatamente. Corrije a vista.

Uma corda que vibra é um fenómeno perceptivel ao olhar. Um som é um fenómeno auditivo. A mão, fazendo parar simultaneamente a corda e o som, mostra a relação entre os dois. D'aí a fraze justa de Helvécio : que a mão permite regularizar o julgamento.

---

(1) P. Bruson. — *La médécine et les réligions*, pag. 148.
(2) G. L. Cercchiari. — *Chiromanzia e tatuaggio*, pag. 5.

Já alguem disse que a mão não é apenas o orgam do tato, é « o sentido da intelijéncia », o seu orgam mais direto.

Mas um escritor, a quem não faltam frequentemente pontos de vista orijinais, Remy de Gourmont, acha que o elojio da mão é excessivo e rezolutamente se contrapõe a Montaigne, a Charles Bell, a todos os que exaltaram esse maravilhozo instrumento:

« A mão do homem lhe é util por que ele é intelijente. Em si, a mão não é nada. A prova está nos macacos e nos roedôres que não fazem nada com ela, sinão trepar nas arvores, tirar pulgas e piolhos e descascar nozes. Nossos cinco dedos — nada é mais vulgar na natureza, onde isso não passa de um sinal de vetustez : os sáurios os tem e nem por isso são mais espertos. E' sem dedos, sem mãos, sem membros, que as larvas de insetos constroem para uzo proprio maravilhozas conchas de mozaico e tendas de hòrra de seda, exercem os ofícios de estucador, de mineiro, de carpinteiro. A mão do homem, que passa por ser a maior maravilha do mundo, vejam como ela é inferior ao seu génio e como para obedecer ás ordens cada vez mais precizas da sua intelijencia, ele teve que alonga-la, afina-la, complica-la. — Foi

a mão que creou as máquinas? A intelijencia do homem excede imensamente os seus orgams : ela lhes pede o impossivel e o absurdo : d'aí os caminhos de ferro, o telégrafo, o microscópio e tudo o que multiplica o poder de orgams que diante das exijéncias do cérebro, nosso senhor, se tornam rudimentares » (1).

Ha, nesta tirada, muitos sofismas. Alguns são excessivos. Porque os sáurios tenham as patas rachadas em cinco dedos — si dedos se podem chamar — não é possivel comparar essas patas á mão do homem. De mais, ninguem diz que, por si só, a mão bastasse para dar a intelijencia a um animal que dela não possuisse um certo dezenvolvimento.

Remy de Gourmont pergunta si foi a mão que inventou a máquina. Pode-se responder que foi. Dêem a um burro uma intelijéncia humana, transmitam-lhe a idéa de construir um máquina. Como ha-de ele realiza-la ? Impossivel.

O escritor admiravel da Fízica do Amor, lonje de desdenhar, ama e cultiva os paradoxos.

---

(1) Remy de Gourmont. — *La physique de l'amour*, pag. 268.

A verdade é que a intelijéncia aperfeiçôa a mão e a mão dilata os domínios da intelijéncia.

Já, ao começar esta conferéncia, lembrei que os animais de maior intelijéncia tinham mãos ou sucedáneos de mãos — si assim se pode dizer... E' o cazo do macaco; é o cazo do elefante... Quanto ao elefante, ha mesmo uma couza interessante a referir. Entre os Cafres, quando sucede que por engano matem um elefante, vão dar desculpas ao seu cadáver. Depois, por mais precaução, cortam-lhe a tromba emquanto em côro vão dansando e cantando : « O elefante é um grande chefe; sua tromba é sua mão. » (1) E', portanto, ha muito tempo conhecido que a tromba acumula as funções de mão e de nariz (2).

Por modéstia de deputado, não lhes quiz falar na ave mais intelijente que se conhece e que precizamente utiliza as suas garras como mãos, ora estendendo-as, ora tomando os objetos, e aproximando-os da boca. Ninguem terá deixado de evocar, diante destes rápidos traços biográficos, o animal que

---

(1) Letourneau. — *Psychologie ethnique*, pag. 119.

(2) Hachet-Souplet. — *Le dressage des animaux*, pag. 134.

os maledicentes dizem ser o símbolo gloriozo da eloquencia parlamentar : o papagaio...

A solidariedade de classe, tornando-me suspeito, impede-me de lhe fazer aqui o elojio.

Fiquemos, portanto, nas mãos humanas.

Para elas, como para os pés, o ideal é a pequenez. Os poetas, em todas as linguas, não deixam de aludir a isso. Mas, relativamente, já se não faz da pequenez das mãos uma exijencia tão capital. Ha um outro requizito para que sejam consideradas aristocráticas e elegantes : é que tenham a palma menor que os dedos. Os longos dedos finos, muito mais compridos que a palma e tão afilados quanto possivel passam por ser uma distinção.

Ainda disso a razão é facil de achar : é uma nova apolojia da ociozidade. *A mão prática*, que pode bem servir de instrumento, pegar nos objetos, utilizal-os, é a que não tem os dedos menos longos que a palma e á qual, por conseguinte, esta oferece um bom ponto de apoio. Por outro lado, é claro que os dedos que trabalham tem natural tendencia a dezenvolver a parte superior, o que se chama geralmente *a cabeça*. O afilamento da ultima falanje é, por isso mesmo, um sinal de

provavel dezajeitamento para os serviços materiais — e quem se lembrar de que, por longos séculos, o trabalho material foi considerado um mistér inferior, digno das classes baixas e dos escravos, verá logo como se formou esse tipo estético das mãos aristocráticas. Talvez, por isso mesmo, atendendo a que a gente das classes superiores é forçozamente levada a dissimular os seus sentimentos — não ha regras de civilidade possiveis sem dissimulação — a gente do povo em varios lugares acha que as mãos longas não são francas. (1) Ha realmente mãos longas, finas, quazi sem consistencia, que parecem escorregar entre as nossas, quando as tentamos apertar. Dão na verdade uma sensação fízica dezagradavel, de quem dissimula, de quem foje, de quem se quer escapar...

Na China, a mão aristocrática por excelencia é a do mandarim, que deixa crecer as unhas, a ponto de terem alguns decimetros de comprimento! E' bem de ver que com essas mãos terminadas em imensas unhas frájeis e retorcidas eles não podem fazer

---

(1) J. Vinson. — *Le folk-lore du pays basque*, pag. 354.

nada. Razão de mais para que as considerem bonitas. (1).

Moda idéntica, embora sem o excesso chinez, já floriu na Europa. Franklin fala do duque de Tarento, contemporáneo de Molière, que « tinha deixado crecer a unha do dedo mínimo da mão esquerda até um tamanho espantozo, o que ele achava a couza mais galante do mundo (2). E Molière aludiu a esse costume ridículo fazendo um dos seus personajens perguntar a uma senhora:

« Est-ce par l'ongle long qu'il porte au petit doigt
qu'il s'est acquis chez vous l'estime où on le voit ? »

Entre nós, no baixo povinho, o tipo do mulato ociozo, conquistador, tocador de violão, comporta sempre uma basta cabeleira tufando sob o chapeu posto de banda e um dedo mínimo com a unha excessivamente longa.

E a regra que as modas fidalgas deçam e se acanalhem.

Alguns grandes homens que muito influiram no mundo, entre outros, generais, como

(1) Regnault. — *L'hygiène chez les Chinois*, *Revue Scientifique*.

(2) Franklin. — *La civilité*. I, 62.

Alexandre, Cezar, Carlos Magno e Napoleão, tinham mãos muito pequenas e mesmo bonitas. Mas nenhum deles se entregava a trabalhos de força.

Ainda a brancura, a maciez da pele, tudo se prende a isso : só as mãos ociozas, que não se expõem ao sol e que vivem maciamente enluvadas é que podem reunir tantos predicados... Um poeta francez, pensando nessa requerida alvura, comparava-as ao pescoço dos cisnes : « Mains de pâleur et majesté comme des cygnes. » (1) Vê-se bem, entretando, por esse verso, que ele não pensava só nas mãos ; mas tambem nos braços.

Gonçalves Crespo rezumiu tudo o que se deve pedir a mãos femininas : côr, comprimento de dedos, maciez e perfume.

> As mãos d'essa franzina creatura
> são feitas das camélias setinozas :
> resumbra na suavissima textura
> o azul das tenues veias caprichozas.
>
> Levemente compridas, graciozas.
> escurecem das teclas a brancura,
> e desprezam as lindas preguiçozas
> os finos arabescos da costura.
>
> Os dedos são de jaspe modelado,
> e as unhas... só podiam as paletas

(1) Victor-Emile Michelet. — *La porte d'Or*, pag. 13.

de um chinez imitar-lhes o rozado.
Si alguem as beija em curvas etiquetas,
sente um aroma doce e delicado,
como o aroma sutil das violetas.

Victor Hugo, em uma poezia intitulada — *O dedo da mulher* — conta como Deus o fez. Tomou, não o barro vulgar de que fôra fabricado o homem, mas o caolim mais puro. Com isso, com um pouco da luz celeste de que acabava de fazer a aurora, com tudo quanto encontrou de mimozo e encantador, fez a mão da mulher. Era a sua obra-prima. Ao acaba-la, adormeceu fatigado.

Veio o diabo. Veio, admirou aquela perfeição e rezolveu completa-la a seu modo. Fez então as unhas — as unhas femininas que tantas vezes parecem antes garras — garras para prender e garras para ferir. Deus e o diabo colaboraram na joia mais artística da creação (1).

E, no entretanto, nunca houve instrumento mais perfeito para todo o trabalho! Sobretudo nos primeiros estadíos da Humanidade, quando os povos, depois de terem vindo da caça, passaram a ser pastores, não podiam

(1) *Chansons des rues et des bois.*

ter outro utensílio mais apto para todos os fins. (1)

Os homens desse tempo eram nómades. Levavam diante de si rebanhos imensos de carneiros : milhares e milhares ; iam tambem com eles algumas cabeças de gado vacum, alguns cavalos. Quando os rebanhos acampavam n'um ponto, armavam-se as tendas de peles. Era um serviço de momentos. Dentro em pouco, os rebanhos tinham devastado a herva dos arredores. Não restava mais nem uma folha. Era precizo tornar a partir para outro lugar, onde houvesse vejetação. Os animais forneciam tudo o que eles precizavam, quer para a alimentação, quer para a roupa, quer para a morada em barracas de peles. Assim, esses povos viviam numa verdadeira solidariedade com os seus rebanhos. Estes lhes forneciam tudo, mas os forçavam a não parar. Só muito mais tarde, aparecem os povos agricultores e depois os industriais.

Em regra, os pastores vão de um extremo a outro da estepe, lentamente, em pequenas pouzadas. Depois, refazem em sentido inverso o mesmo caminho. Já a herva creceu

---

(1) Edmond Desmoulins. — Comment la route crée le type social, — I.

de novo. Já ha pasto para os rebanhos. Quando chegam aos limites em que vivem outros grupos, trocam com eles pequenos objetos de sua fabricação.

Mas para esta que podiam eles utilizar sinão as mãos ? E' a unica força que está diretamente ás suas ordens. Os moinhos de vento, as rodas hidráulicas, as mós, que os animais fazem rodar, precizam uma instalação especial. A mão está sempre promta. O vento sopra, quando não é precizo; pára, quando se requer o seu concurso. A mão é dócil e bôa. Tem a dóze necessaria de força para a manufatura dos pequenos objetos, deixa-se governar com intelijéncia. E' a primeira arma, o primeiro utensílio, a primeira máquina.

Por isso um autor italiano, Cercchiari, pensou em reduzir a uma poezia todas as utilidades da mão :

La nostra mano a tutto é buona,
lo mano scrive, la mano suona
la mano fila, la man dipana,
la mano tesse, la mano spiana,
la mano riempie, la mano vuota,
la man s'arrampica, la mano nuota.
Più che ogni membro del corpo umano
viva la mano, viva la mano !

La man solleva, la mano afferra
la man rivolta, la mano atterra,
la mano allunga, la mano torce
la mano abbassa, la man contorce,
la mano tira, la mano allenta.
la mano mostra, la man presenta.
Più che ogni membro del corpo umano
viva la mano, viva la mano!

La mano stringe, la mano scaglia,
la man raduna,, la man sparpaglia
la mano piega, la mano stende,
la mano lega, la man sospende
la mano acceta, la man rifiuta.
Più che ogni membro del corpo umano
viva la mano, viva la mano!

La mano attesta, la mano nega,
la man ringrazia, la mano prega,
la mano porta, la man minaccia
la mano chiama, la mano scaccia;
spiega la gioia, spiega il dolore,
con una stretta ci parla al cuore.
Più che ogni membro del corpo umano
viva la mano, viva la mano!

« Com um aperto, ao coração nos fala » — diz um dos ultimos versos. E' a opinião de Stendhal. Elle asseverava que « primeira felicidade que nos póde dar o amor é o primeiro aperto de mão da mulher amada. » No emtanto, si alguem pensa na paixão vio-

lenta que Henrique VIII teve por Ana Bolena, parece que, quando pela primeira vez ele lhe apertou a mão, não devia ter gostado muito, porque, precizamente na mão direita, ela tinha seis dedos. Seis dedos em uma só das mãos é dedo de mais ! Mas ele gostou ! Ana de Bolena tinha aliáz, outras couzas de sobresalente : um dos dentes incizivos supranumerário e no seio uma excrescéncia carnoza. Henrique VIII era talvez de opinião que antes mulher de mais, que mulher de menos. (1) *Quod abundat non nocet...*

« Com um aperto, ao coração nos fala... » E' certo. Mas tambem a mão feminina, si sabe ter as melhores carícias, sabe ser ferocíssima. Mantegazza diz que ela é « o orgam da carícia, » E acrecenta, falando das carícias que as mãis fazem, passando as mãos pelo rosto dos filhos, que não se podia achar « imajem mais suave e mais natural da afeição. » (2) Em compensação, ela é talvez o « orgam da ferocidade, » quando em resposta a um olhar que suplica o menor sinal de amor, se estende fria, desdenhoza, cruel, justificando os versos do grande poeta peruano :

---

(1) Americo Scarlatti. — *Et ab hic et ab hoc*, II, 213.
(2) Mantegazza. — *La physionomie et l'expression des sentiments*, pag. 120.

Más terrible suele ser
que una zarpa de jaguar
una mano de mujer! (1)

« Com um aperto, ao coração nos fala... » Fala, sim, mas tanto para dar vida, como para assassinar, — que ha apertos de mão verdadeiramente assassinos!... Tendo notado que, por ocazião das grandes emoções, é muito frequente que o sangue aflua todo para o coração e, portanto, fiquem as extremidades frias, um ditado popular afirma que, si a mão fria, é sinal de amor, o contrário é tambem certo: « mão quente, coração frio, amor vadio. »

« Con una stretta, ci parla al cuore... » Nada nos parece hoje um gesto mais natural do que o de apertar qualquer mão querida. E' uma questão de elementar delicadeza.

Está, porém, lonje de ser um gesto universal. Os selvajens acham ridículo o nosso processo de cumprimento. Já alguem notou que realmente, quando dois homens apertam as mãos longa e calorozamente, têm o gesto de quem está fazendo funcionar uma bomba.

Mas dentro em pouco, pela supremacia da

---

(1) SANTOS CHOCANO. — *Alma America,* pag. 64.

nossa civilização esse modo de cumprimentar se espalhará. Já os chinezes, que cumprimentavam unindo os polegares das mãos fechadas, entendem-n-as hoje. Os japonezes tambem não uzavam o aperto de mão. Nem isso nem os abraços. Quando eu digo : « nem os abraços » — quero apenas aludir aos abraços... que não sejam de amor, porque estes são universalíssimos. Assim por exemplo, quando um filho partia para a guerra e ia despedir-se da mãi — mãi e filho ficavam frente a frente, chorando, com as mãos caídas, como dois estafermos; sem nenhum pensar em abraçar o outro. Hoje, a civilização ocidental levou para lá os abraços e o aperto de mãos. E' bom a este propózito dizer que o beijo, que aliáz nunca chegou a ser universal, foi uma fórmula de cumprimento muito mais uzada que o aperto de mãos. Ainda hoje, por mais que se irritem os hijienistas, ele persevera.

O beija-mãos já nos parece, entretanto, um sinal de vassalajem, incompativel com a dignidade humana. Só se beijam hoje mãos de pais e mãis — e mãos... amadas. Só entre nós é que ainda se vè o costume de senhoras e crianças beijarem as mãos de todos ou quazi todos os padres e frades e irmãs de caridade. Mesmo as pessôas de mais ardente

piedade, na Europa, não têm esse hábito.

O beijo ás mãos dos reis ainda perseverou até o seculo 19. Entre nós, foi D. Pedro 2.º quem, em certa epoca, o aboliu. (1)

A propózito de beija-mãos talvez se podesse falar numa tentativa invazòra e indiscreta das mãos, querendo substituir-se aos lábios. A ideia de com a ponta dos dedos jogar beijos á distancia é uma ideia manifestamente infeliz. Por mais que eu deva fazer a apolojia da mão, não posso deixar de concordar com o poeta, a quem a namorada atirou assim um beijo com as pontas dos dedos e que lhe respondeu:

> Jogaste um beijo de lonje.
> Beijo assim — beijo não é...
> Esse fruto é tão mimozo,
> que só colhido no pé...

Um beija-mão, que deve ter dado em quem o praticou um calafrio de horror, foi o de Paulo I, filho de Catarina da Russia.

Paulo I acabou trájicamente. Um grupo de conspiradores entrou no seu quarto de dormir, surpreendeu-o, matou-o com uma pancada de candelabro na cabeça. Quando

---

(1) Pelo Avizo n. 132 de 7 de abril de 1872.

o czar caiu e estava no chão estertorando, um oficial começou a esgana-lo, apertando-lhe o pescoço com uma faixa, ao passo que outro saltou-lhe em cima da barriga a pés juntos! Foi uma cena atroz.

Depois, houve necessidade de compôr o cadáver. Foi precizo pinta-lo para esconder as manchas do rosto, apagar as contuzões, as equimozes. Calçaram-lhe luvas pretas.

Um dos poucos que tiveram licença para beijar a mão do defunto foi o principe Khikov. Pode-se bem supor o calafrio de horror que ele sentiu, ao perceber que, a ferocidade da luta fôra tal, que dentro da luva faltavam dois dedos! (1)

Mas entre os beija-mãos célebres de que a historia fala, nenhum deve ter sido mais pavorozo que o de Inez de Castro. Todos se lembram de que Pedro I, de Portugal, depois de ter feito matar os assassinos da sua bem amada, fêl-a dezenterrar, sentou-lhe o cadaver a seu lado no trono e obrigou os cortezãos a beijarem a mão da « mizera e mesquinha », que, como Camões disse, « depois de ser morta foi rainha » (2).

---

(1) K. Waliszewski. — *Le Fils de la Grande Catherine*, p. 628.

(2) Num belo livro, aliaz anónimo, publicado em

Devia ser repugnante!

Mas afinal a gente d'aquele tempo não olhava muito de perto para essas couzas. Lavar as mãos — foi uma operação bem pouco vulgar durante seculos. Quem, pensando nisso, lè por exemplo os versos de Petrarca á mão de Laura : « o bella man che mi distringi 'l cuore », (1) fica a pensar: estaria lavada essa mão? Não é provavel...

Não me digam que eu estou estragando a poezia dessa figura ideal. Não vale a pena que ninguem se incomode mais do que a propria dona se incomodaria. Ninguem naquele tempo se gabava de ter esse elementar cuidado. Margarida de Valois, rainha formoza e intelijente, elojiava em um dos seus escritos as proprias mãos, acrecentando calmamente : « embora ha oito dias eu não as tivesse lavado ». De Ana da Austria, de outras grandes damas nós temos informações identicas. Só falta acrecentar que ainda se lavava o rosto menos que as mãos — de tal modo que um compendio de civilidade, *Les lois de la galanterie française*, livro publi-

---

Nancy, em 1888 e intitulado *Le Baiser*, se menciona, na paj. 292, um quadro orijinal de Layraud, exposto em 1882, reprezentando essa cena.

(1) Soneto CXLVII.

cado no meio do seculo 17, fala num « luxo de asseio » — luxo, notem bem! — que estava começando a introduzir-se e consistia em « lavar as mãos todos os dias » e o rosto « quazi outras tantas vezes ». Calculem o que era d'antes! Calculem o que sucederia com as pessoas de baixa classe — quando Margarida de Valois podia passar oito dias com as mãos divorciadas de qualquer agua (1)!

Couza interessante! Apezar de tudo isso, já nesse tempo as luvas estavam muito em moda. E como hoje, depois dos grandes jantares, servem-se aos homens que fumam, bons charutos da Bahia ou de Havana, nessa época se serviam ás senhoras bandejas cheias de luvas (2).

Assim, muito provavelmente, os versos de Petrarca não atendiam a essa bagatela. Hoje, o mais réles versejador se recuzaria a cantar mãos que se não lavassem com frequencia — não de oito em oito dias, mas no correr de cada dia. Até a poezia popular as quer bem branquinhas :

> Tuas mãos são branca neve,
> teus dedos são lindas flores;

(1) L. Bourdeau. — Op. cit., pag. 155.

(2) Octave Uzanne. — *L'art et les artifices de la beauté*, p. 268.

teus braços cadeias d'oiro,
laços de prender amores (1).

Mas, ao lado da beleza fízica da mão, ha o que se pode chamar a sua beleza moral: a lembrança de todos os vários misteres a que ela pode servir. E' exatamente por isto que os milagres a respeito de mãos são numerozos.

S. João Damaceno teve a mão cortada pelo Principe de Damasco. Como, assim, escrever os louvòres de Nossa Senhora — o que constituia o seu mais alto dezejo? — Rezou — e Nossa Senhora permitiu que, juntando ele a mão cortada ao braço, todo defeito dezaparecesse (2).

Com S. Melor, o cazo ainda foi mais extraordinario. S. Melor era filho do Duque de Cornwal. Seu tio, tendo-se apossado do governo e não dezejando que o filho da vítima podesse mais tarde levantar qualquer pretenção, cortou-lhe um pé e uma das mãos. Era então de lei que um aleijado não podia governar. S. Melor foi mandado para um mosteiro. Certo dia, porém, apareceu

(1) Mil trovas. — p. 235.
(2) V. *Flos Sanctorum*, vol. V, pag. 100.

inteiramente reconstituido. Do céu lhe tinha vindo um pé de bronze e uma mão de prata — com os quaes elle lidava tão facil e perfeitamente como si fossem naturais.

S. Guilherme de Oulx tambem foi beneficiado com um milagre desse genero. Veio um anjo dizer-lhe que fosse anunciar ao prior de certo convento a necessidade de mudal-o para outro ponto. Duas vezes São Guilherme fez essa comunicação ; duas vezes, o prior não o quiz acreditar. Da terceira não se poude furtar á evidencia, porque S. Guilherme, que nacêra sem uma das mãos, lhe apareceu com a que faltava, inteiramente restaurada.

Mais tarde, ele morreu. Enterraram-no. No dia seguinte, acharam a mão vinda do céu, erguendo-se acima da sepultura. Cobriram-n'a de terra várias vezes; mas várias vezes o prodíjio se renovou. Rezolveram então destaca-la do corpo e guarda-la como relíquia (1).

Infelizmente faltam informações sobre o seu tamanho e feitío, para saber quais as dimensões e formas das mãos mais gratas ao

---

(1) Rev. E. Cobham Brewer. — *Dict. of miracles*, p. 399-400.

céu. Sem esse elemento preciozo de informação, o melhor a propózito de mãos divinas, é crêr que só merecem esse qualificativo as de mulheres formozas, a quem os poetas se dirijem, súplices, pedindo uma bençam ou um afago.

Preeizamente um dos nossos grandes poetas, Alberto de Oliveira, ampliou o campo do alcoolismo, relatando o cazo de uma pequena mão feminina, que embriagou a sua:

Si a mão falasse, a minha mão diria:
— Pude apertar a sua mão tão leve!
Ah! que perfume o que essa flor trazia
em suas cinco pétalas de neve!

E si escrevesse a mão, como ora escreve,
mas por si, sem lhe ser precizo guia,
vontade, impulso, inspiração que a leve,
talvez a minha mão escreveria:

— Versos, ide-me assim, sem lei nem arte,
pois não por vós, mas por mais pura e linda
forma fugaz eu me debato em vão!

Nem sei pagar-te, pena, e ás muzas dar-te,
que ébria me arrasto, respirando ainda,
o aroma virjinal de sua mão!

Felizmente ninguem requererá uma repressão severa para cazos de embriaguez

desta ordem, que, alem de não perturbarem a paz pública, tem a vantajem de incitar á produção de belos versos...

E si a poezia pensa tantas vezes em mãos, tambem a ciéncia não as pode esquecer.

Das ciéncias, precizamente a mais exata — a matemática — começou estabelecendo a numeração pelos dedos. Quando as crianças recorrem hoje a esse processo, põem em prática o mais velho dos sistemas.

Alguns povos primitivos chegaram espontaneamente á numeração decimal, por cauza do numero de dedos das mãos. « Mão » e *cinco* — foram palavras sinónimas em muitos deles. Para só citar um exemplo, ha o da lingua *api*, falada na Melanézia, em que o vocábulo *lima* quer significar simultaneamente *cinco* e *mão* (1). Em outros idiomas se dizia, em vez de *dez*, « meio homem » — aludindo aos dedos das duas mãos e em vez de *vinte*, « um homem », somando os das mãos e dos pés (2).

---

(1) R. de la Grasserie. — Particularités linguistiques des noms subjectifs, p. 76.

(2) « Il est incontestable que l'enfant qui apprend à compter sur ses doigts reproduit un des procédés de l'histoire mentale de la race humaine ; qu'en fait les hommes comptèrent leurs doigts avant de trouver des mots pour exprimer les nombres; que dans cette

Muitos povos não passaram do numero *cinco*, reprezentado pela *mão*. Não concebiam numero maior do que este. Sua capacidade de atenção não ia mais lonje.

Um viajante francez conta que, tendo comprado a um Hotentote cinco carneiros por cinco pacotes de fumo, ele não os quiz receber em grupo. Para verificar si a conta estava certa, espalmou a mão aberta e colocou cada pacote diante de um dedo. Só assim se convenceu (1).

Aí tratou-se de um cazo de desconfiança e insuficiencia mental. Sentindo-se incapaz de

---

branche de la culture le langage des mots non seulement suivit le langage mimique, mais qu'il en est sorti. La preuve du fait se trouve dans le langage lui-même, car nous voyons que chez nombre de lointaines tribus, lorsque l'on a besoin d'exprimer le chiffre 5 par un mot, on donne simplement le nom de la *main* que l'on tient levée pour l'indiquer ; que de la même manière on dit *deux mains* ou la moitié d'un homme pour désigner 10, que le mot *pied* sert à élever le calcul jusqu'à 15, puis à 20, qu'on énonce de la voix et du geste par les *mains* et les *pieds* à la fois, ou en disant : un homme tout entier... » Edward B. Tylor, — *La civilisation primitive*, I, p. 284.

« Tutti i popoli si servono delle dita per contare e spesso troviamo la parola *mano* col significato de *cinque*, e *due mani* oppure un *mezzo uomo* col significato di *dieci; mano e piedi* oppure « un uomo » per venti. » FEDERICO GARLANDA. — *La filosofia delle parole*, p. 289.

(1) LETOURNEAU. — *La psychologie ethnique*, pag. 106.

fazer um cálculo para ele tão elevado, o hotentote, recorreu áquele processo concreto. Mas Kropotkine cita um fato, em que a pezajem á mão é uma prova de confiança.

Cada outono as tribus que constituem a nação « Koudinsk » reunem-se nas proximidades do lago Baikal. Todos devem trazer o produto de suas caças e culturas, para que um ancião, para isso eleito, as divida igualmente. Belo exemplo de união e de solidariedade. Mas o interessante é que o ancião não deve pezar nada com balanças. Isso se consideraria uma profanação. O unico instrumento de pezo aí admitido é a mão (1).

Aliaz, quazi todas as medidas : pé, polegada, braça, palmo, etc., provieram do uzo do pé e da perna, da mão e dos braços.

Hoje o sistema métrico destronou tudo isso; mas ainda assim nos provérbios e locuções populares se uza o palmo e até o dedo. Ainda se fala na estupidez de certas pessôas dizendo que não *veem um palmo adiante do nariz*.

O dedo foi sempre medida muito pouco uzada. Ficou, porém, para o vinho, para as bebidas. Pedem-se dois dedos de vinho. E o

---

(1) Kropotkine. — *L'entr'aide*, pag. 154.

mais extranho é que as couzas imateriais se medem por esse estalão, embora, em geral, de um modo deprimente, exprimindo apenas uma noção vaga e superficial. Eruditos ha a quem se concede que tenham *dois dedos* de latim.

João Ribeiro explica a aplicação dessa medida a cazos intelectuais, porque dantes *rapé* e *erudição* eram couzas sempre associadas. O homem douto tomava de tempos a tempos a sua pitada. E como a pitada requer dois dedos, os dois dedos se tornaram uma especie de medida do saber abstrato (1).

Mas João Ribeiro, que é tambem gramático, não nos explicou porque a fraze « estar com dois dedos de gramática » quer dizer estar um pouquinho embriagado...

Póde dizer-se que a mão afeiçôa todo o corpo. O corpo de um individuo dextro, que se serve da mão direita, e o de um canhoto, diferem. Diferem tanto, que foi possivel indagar si a Venus de Milo, a estátua celebre, que passa por ser um tipo de perfeição feminina, era de uma mulher canhota ou dextra. Pois bem. Apezar dessa estátua não ter nenhum dos dois braços, se póde asseverar que

(1) João Ribeiro. — *Frazes feitas.* II série, p. 40.

ela era dextra. A cabeça do lado esquerdo e o corpo do lado direito tem um dezenvolvimento um pouco maior que a cabeça do lado direito e o corpo do lado esquerdo. A superioridade do lado que se dezenvolve mais sobre o outro é de 1/9.

E' bem evidente que o escultor que fez a Venus de Milo, nem um momento pensou nisso. Ele copiou, ou do natural ou de sua imajinação, um tipo de mulher formoza. Exatamente por isso se torna admiravel que feitas as mensurações se chegue ao rezultado de ver que ele respeitou as proporções do corpo de uma mulher, que se utilizasse correntemente da mão direita. Lá estão na estátua, escapando aos observadores superficiais mas acessiveis ás medidas rigorozas, desvios de olhos, de septo nazal, de orelhas, de proporções, que uma canhota não teria : isto é : que uma canhota teria exatamente invertidas (1)!

Pela mão, desde o mais lonje que se conhecem processos de adivinhação, o homem procurou sondar o futuro. Não caberia nesta

---

(1) VAN BIERVLIET. — *Etudes de Psychologie*, pag. 18-19. — Todo o estudo até paj. 144 é sobre a questão dos dextros e canhotos. Intitula-se *L'homme droit et l'homme gauche.*

conferencia a expozição das pretenções da quiromancia — sobre a qual ha, não dezenas, nem centenas; mas milhares e milhares de volumes em todas as linguas. Basta apenas lembrar os supostos fundamentos dessa velha ciéncia que tem mais de 6.000 annos.

Os homens notaram que não existem duas mãos cujas linhas sejam inteiramente iguais. Ha, portanto, qualquer cousa de caraterístico para cada individuo em cada mão. Ao tempo em que essa observação foi feita já eles acreditavam na influencia dos astros sobre o nosso destino. Vendo que toda a vida na terra depende em grande parte da marcha das estações, pareceu-lhes que tambem os astros deviam influir sobre os indivíduos. Ora, precizamente nas mãos ha uns traços, que parecem ás vezes letras, ás vezes dezenhos e que diferem de pessoa para pessôa. Já na Biblia o redator do livro de Job parecia ligar ao cazo uma importancia especial (1). Seria na mão, pensaram os antigos, que os astros imprimiam a sua vontade. De mais, conhecendo apenas poucos corpos celestes

(1) DESBAROLLES — *Révélations Complètes*, pag. 18. Livro de Job. Cap. XXXVII, v. 7 — Deus « ...põe como um sêlo sobre a mão de todos os homens, para que cada um conheça as suas obras... »

do nosso sistema solar, verificaram que era facil dividir a mão de tal modo, que ficasse para cada um deles certa zona de influencia. O dedo mínimo ficou para o Sol, o médio para Saturno, o indicador para Júpiter, o polegar para Venus; a parte central da mão para Marte e a parte que vem da baze do dedo mínimo ao punho para a Lua. Isso esgotava os astros conhecidos dos antigos no nosso sistema solar.

Tem essa pretensa ciéncia algum valor? Parece que não.

Compreende-se que póde haver uma certa relação entre, de um lado, o temperamento e o caráter dos indivíduos; do outro lado, as linhas da mão. Não ha nisso o mínimo absurdo. O que, ao contrário, se não entende bem é que possa haver qualquer cousa posta ao acazo no nosso corpo. Tudo se deve prender e ligar. Ora, as linhas da mão reprezentam o que ha talvez de mais caraterístico no homem.

Todos sabem que é imprimindo o dezenho da pôlpa dos dedos que se guarda o melhor retrato dos criminozos. E' o processo de identificação lembrado por Galton, aperfeiçoado por Vucetich e hoje adotado na nossa polícia. Póde o criminozo queimar ou cortar

essa pôlpa. Quando ela se reconstituir, será com o mesmo dezenho. Naturalmente, isso não tem nada que ver com os astros. E' frequente que várias crianças naçam na mesma cidade, á mesma hora. Si a astrolojia e a explicação astrolójica da quiromancia fossem verdadeiras, essas crianças teriam exatamente o mesmo destino. Depois, hoje, nós conhecemos mais planetas, nossos companheiros de peregrinação no espaço: Netuno e Urano (1). Por que só eles não influiriam sobre os destinos humano?

A quiromancia é, portanto, uma arte divinatória possivel — sem a explicação astrolójica — mas até hoje não constituida sinão com fantazias. Si, entretanto, ela chegasse a provar a sua verdade, é claro que todos os prognósticos dos ledores da buena-dicha mostrariam a sua inanidade mórmente quando pretendem adivinhar couzas futuras, que não dependem do caráter da pessoa: achar na mão de uma moça que ela se cazará com um rapaz louro, que será vítima de um incéndio, que descobrirá um tezouro oculto...

---

(1) Vide na tradução em portuguez do livro excelente de Coste — *Os Fenomenos Psíquicos Ocultos*, as observações feitas a este respeito, no prefacio.

Tudo isso pede o concurso de fatos e pessoas estranhas. Não é possivel que esteja nas linhas da mão, onde, quando muito, se encontrarão traços de caráter, tendéncias, inclinações pessoais.

Só os poetas é que podem dizer que o seu futuro está dependendo de mãos alheias. Os poetas, porém, não fazem com isso quiromancia. Fazem poezia e amor — o que é o ofício deles... Dizem, por exemplo, como Afonso Celso, que, de certas mãos queridas estão dependendo todos os seus sonhos :

Na encantadora mão de minha amada
vê-se das obras primas o segredo;
o artístico poder de alguma fada
pôz-lhe um mimo na palma e em cada dedo.

Perante a transparéncia delicada,
de a contundir com beijos — tem-se medo.
Deve lhe ser ocupação sagrada
cuidar de flôres — fraternal segredo!

Salve, futuro meu! Montanha imensa
de sonhos, ambições, amor e crença,
que o sol da gloria esperançozo banha!

Salve! Nada os teus píncaros domina...
Aquela mão, porém, pálida e fina,
torna em pó, num momento, essa montanha.

Considera-se, em quiromancia que os dedos finos, longos e pontudos são os dos artistas, dos sonhadores, dos fantazistas. Talvez isso seja até certo ponto uma ilação lójica, embora mais ou menos inconciente, do fato a que já aludimos anteriormente, tratando do tipo de mão aristocrática : a mão menos habil para o trabalho material. Haverá, pelo menos, nessa conformação de dedos a indicação de que o individuo decende de pessoas que pouco se entregavam aos serviços manuais : é portanto, até certo ponto provavel que sejam fantazistas e sonhadores.

Ao contrario, as cabeças dos dedos largas, em forma de espátulas, exprimem — no dizer dos quiromancistas — atividade material.

Ainda uma vez, aqui repito : eu não me faço fiador de nenhuma dessas afirmações, em que absolutamente não creio. Lastimo apenas que não haja quem as verifique cientificamente. Os quiromancistas, dizem, por exemplo, que, quando esse tem de ser o fim da pessoa, ha na mão o sinal de que o individuo está fadado a uma morte violenta. Ora, si se tomasse a moldajem das mãos de todos os que vão ter ao Necrotério, seria possivel tirar a limpo essa questão. Quanto aos que sucumbem vítimas de assassinatos, é

pouco de crêr que as respetivas mãos acuzem o que é da culpa de terceira pessoa. Tratando-se, porém, dos suicidas, já é mais possivel.

E precizamente a unica profecia certa de quiromancia, certa e absolutamente autentica que eu conheço, é a de um suicídio. Em 1890, apareceu um volume de Edouard Drumont. Nele, se diz, a propózito do celebérrimo General Boulanger, que estava então em pleno fastíjio da nomeada.

« La ligne de vie brisée indique que le général mourra vers 58 ans, de mort violente, probablement d'un coup de couteau ou de poignard (1). »

O interessante nessa profecia é que o autor declara que na mão está, de um modo formal, o prenúncio de morte violenta e ajunta depois, por conta própria, como uma indução sua, que talvez ela provenha de uma facada ou punhalada. Ora, a parte de interpretação de Drumont não se realizou, mas a morte violenta ocorreu. Tendo então 55 annos — perto, portanto, dos 58 — o general, em 30 de setembro de 1891, se suicidou com um tiro de revólver.

---

(1) Ed. Drumont. — *La dernière bataille*, pag. 162.

Acazo? Coincidencia? — E' muito possivel. Em todo cazo, é um fato curiozo.

Parece mesmo que a mão é que deve ser — si algum temos — o orgam capaz de nos revelar o futuro. Mãos e pés têm a faculdade de sobreviver, mesmo depois de cortados.

Si do homem se tira qualquer parte interna — estómago, apéndice ileo-cœcal, um dos rins, o baço, etc. — o orgam, que dezaparece, dezaparece de todo. Não se faz lembrar. Si, porém, se corta a mão, o indivíduo continua a sentir, de vez em quando, dòres, formigamentos, impressões diversas — na mão que não existe! O fato tem uma explicação natural. E' que pelos nervos e tendões que vão ter ás mãos nós só estamos habituados a receber as impressões que vem dos dedos e da palma. Cortando a mão, os nervos ficam cortados perto da cicatriz. Qualquer impressão n'eles feita dá em rezultado que o cérebro, que por eles só tinha sensações vindas da mão, continua a localizar essas sensações na mão já dezaparecida. E', portanto, como si ela continuasse a viver — depois de morta. O « membro-fantasma », que é como o chamam os médicos, continua a acuzar até mesmo sensações de frio e calor — o frio e

calor que fôr sentido pela cicatriz (1).

E' curiozo, pois que estamos neste assumto, dizer que em Madagascar os crentes tinham uma ideia muito orijinal sobre a utilidade dos dedos : era por eles que a alma saía! Quando um enfermo estava agonizando o padre tomava-lhe a mão e começava a esfregar-lhe de leve o dedo do meio para favorecer a saída da alma (2). Aliaz é bom não esquecer que na extrema-unção não deixam de unjir-se as mãos dos moribundos.

O velho Manoel Bernardes, padre católico, que figura entre os bons escritores clássicos de nossa lingua, descobriu uma utilidade estranha em dedos dos defuntos. Assevera ele, citando varias autoridades, que os feiticeiros servem-se dos braços dos cadáveres como archotes : « o braço começa a arder

---

(1) — Si, dit un malade opéré par Weir Mitchell — si je disais que je suis plus sûr encore d'avoir la jambe que je n'ai pas que celle que j'ai, je crois bien que ce serait à peu près ça ". — JAMES SULLY. — *Les illusions des sens et de l'esprit*, pag. 46.

" Les douleurs des amputés sont effectivement dûes à l'irritation des filets nerveux de la cicatrice et à son extériorisation.

La sensation de température du membre fantôme varie comme la température réelle de la cicatrice... " — GEORGES CASTEX. — *La douleur physique*, pag. 52.

(2) A. DE CHESNEL. — *Dictionnaire des Superstitions*, art. *Doigts*.

pelos dedos, com uma luz ròxa e sulfúrea... » O mais extranho é que não se consome nunca : « acabada a obra, fica inteiro », porque a luz é apenas um artifício produzido pelo Diabo. Facilmente se imajina como seria económico esse processo de iluminação para as grandes cidades! É de crêr que não faltassem filántropos que, morrendo, legassem os braços para tal fim... (1).

Mas as ideias de mão e a de morte ainda se acharam mais unidas em outros tempos, quando os conquistadores contavam as suas vitórias cortando as mãos dos inimigos que caíam em seu poder. Um dos antecessores de Assurbanipal, mais de mil anos antes de Cristo, fazia gravar a enumeração dos seus títulos de gloria : « Meus carros de guerra, passando por cima de homens e animais, esmagavam os corpos dos inimigos. Levantei troféus com grandes montes de cadáveres de que fazia cortar as extremidades. A todos os que caíam vivos em meu poder eu fazia cortar as mãos. » (2) Menções análogas ha em muitas inscrições de velhos reis do Ejito.

(1) MANOEL BERNARDES. — *Floresta*, II, paj. 277, art. *Calúnia*.

(2) ELISÉE RECLUS. — *L'homme et la terre*, I, 549.

Menção analoga existe na biografia de Vasco da Gama. Vasco da Gama foi, de fato homem de máus bofes, sanguinário e crudelíssimo. Certa vez, conta Oliveira Martins, parou diante de Kalikodu e mandou intimar ao Rajah que expulsasse imediatamente da cidade cinco mil famílias de mouros.

« Como era de ver, — diz o historiador portuguez, — o Rajah recuzou; e o capitão, que ao fundear aprezara um numero consideravel de mercadores no porto, mandou cortar-lhes as orelhas e as mãos e, amontoados num barco, foram com a maré varar na praia, levando a resposta do Gama á recuza do aflito príncipe... » (1)

Hoje ainda, os arabes aplicam o preceito de Mahomet, que manda cortar a mão — não, porém, a dos inimigos ; a dos ladrões (2). Esse preceito figura aliaz na lejislação penal da Turquia : « *O ladrão convicto será condenado a perder a mão direita, qualquer que seia a couza furtada* (um menino, um animal ou um objeto móvel. » (3).

Cortavam-se na Grecia as mãos dos sui-

---

(1) Oliveira Martins. — *Hist. du Portugal*, I, 231.
(2) Les livres sacrés, I; Le Koran, sourate, V. v. 42.
(3) Art. 77 das Instituições de Direito Penal de Khalil, V. — Instituciones de los pueblos modernos, X, pag. 870.

cidas e até 1832 a lejislação franceza mandava cortar pelo punho as dos parricidas. Só depois disso estes últimos eram executados, — até 1791, sofrendo o suplício da *roda* e de 1810 a 1852 sendo guilhotinados (1).

Houve, porém, um papa que depois de morto foi amputado dos trez dedos da mão direita, com que dava a bençam pontifical. Esse papa chamava-se Formozo. O seu sucessôr, acuzando-o de ter procedido contra as leis da Igreja, mandou dezenterra-lo apoz oito mezes de sepultura, sujeitou-o a um simulacro de processo e fez arrancar-lhe o médio, o indicador e o polegar da mão direita, que foram jogados ao Tibre (2).

Em todos esses cazos havia a idea de suprimir a mão, porque com éla se tinha praticado o crime. Mas, em outros, a mão reprezenta o indivíduo inteiro. Menos até do que a mão : um dedo, uma falanje!

Povos que, ao princípio sacrificavam, em determinadas circunstancias, vítimas humanas, acabaram sacrificando apenas um dedo ou uma cabeça de dedo. É o que acontece em

(1) F. Nicolay. — *Histoires des Croyances*, II, 81.
(2) Pasolini. — *Gli anni ecolari*, p. 143 — *Grande Encyclopédie* — arts. *Formose* e Etienne VI. — Lachatre. — *Historia dos Papas*, trad. de A. J. Vieira, vol. II, p. 48.

certas tribus de Hotentotes e de Boschimans em que se faz essa homenajem aos mortos. Burchell fala de uma mulher velha dos Boschimans, que não tinha duas falanjes na mão direita e uma na esquerda. E de que o hábito se estendeu por grande parte do mundo ha a prova, pois que Indios da América do Sul e do Norte e indíjenas da Austrália e da Polinézia, o tinham do mesmo modo; era um sinal de luto profundo (1).

Ha nisso um progresso, quando se pensa que na India outr'ora, até o meio do seculo 19, as viuvas tinham de ser queimadas para acompanhar os maridos, ao passo que as viuvas nas tribus do Golfo de Bengala, limitam-se a enterrar nas sepulturas dos maridos a cabeça de um dos dedos. Vê-se pois, que aí se deu a uma pequena parte da mão a faculdade de reprezentar o indivíduo inteiro.

Mas ainda houve quem pedisse menos... Os velhos Cimbros faziam com que os noivos, como prova de amor, trocassem as aparas de suas unhas! (2)

Era mais brando....

---

(1) Reville. — *Les religions des peuples non civilisés*, I, p. 177, 187, 251; II, p. 112. 155.
(2) Encyclopediana, p. 82.

E pois que falamos em remessas de aparas de unhas como prova de amor, cabe aqui a lembrança de que as unhas já tiveram outra utilidade: foram consideradas um bom remédio. Cabanès cita um velho livro clássico de Matéria Médica em que as raspas de unhas humanas postas de infuzão em vinho são consideradas um vigorozo émeto-catártico. Tão vigorozo que, segundo dizia o autor, « é um remédio de exército, que só convem a pessoas robustas como os soldados. » (1).

O vício mais feio que se pode achar em um soldado — a covardia — relaciona-se aliaz com uma parte da mão : com o dedo polegar.

A relação não é, porém, nem psicolójica, nem fiziolójica ; é só etimolójica. D'antes, os que em Roma não queriam ser soldados cortavam o polegar. Polegar em latim, é *pollex*, que se forma com a raiz *pol*. Cortado é *truncatus* ou *truncus*. De *pol truncus*, polegar cortado, derivou a palavra portugueza *poltrão*, o medrozo, o covarde, o que cortava o dedo para não ir combater (2).

Isso era no tempo das armas brancas : sem

(1) Cabanès. — *Les remèdes d'autrefois*, pag. 3.
(2) Nicolay. — *Histoire sanglante de l'Humanité*, p. 263.

polegar não se pega bem em uma espada, uma lança. Depois, quando vieram as armas de fogo, o recurso ao corte dos dedos continuou : mas já então os que se cortavam eram o indicador e o médio, sem os quais não é possivel, ou pelo menos não é facil manobrar os gatilhos das espingardas.

Os *poltrões* modernos estão, portanto, em dezacordo com a etimolojia. O polegar, que eles suprimiam, era um dedo nobre para os romanos, emquanto que o médio se considerava o dedo impudico, porque, com ele estendido, e os outros dobrados se fazia o que então se considerava o mais obceno dos gestos (1). Pode-se, portanto imajinar que, ao contrário do que ocorre atualmente, um soldado romano que cortasse o dedo médio teria nisso uma recomendação !

Em todo cazo, vejam que importancia tem e tiveram, não só as mãós completas, como até os dedos destacados!

Mas cada vez mais eu sinto que não ehegarei nunca a enumerar todas as utililidades da mão humana. Os poetas, que a quizeram cantar integralmente, perderam-se em divagações. Aqui está um, Antonio Patricio,

(1) VILLENEUVE. — *Le baiser. L'orgie romaine.* p. 89.

que pretendeu apenas pedir á mulher querida que lhe metesse as mãos esguias por entre os anéis do cabelo, num gesto de afago. Para dizer só isso, na ultima quadra, lembrou em todas as anteriores várias belezas dessa mão querida :

Mãos sem anéis, mãos frias de mendiga,
mãos que pedem esmola,
mãos viuvas de beijos, de balada antiga,
fanadas a rezar e que ninguem consola...

Mãos de perdão e tristes como as cruzes
que ouvem o mar nas rochas silenciozas...
Mãos que fojem do sol, dos astros e das luzes
e vão pelas penumbras a afagar as rozas...

Mãos de piedade sobre o meu cabelo,
mãos de mistério sobre a minha boca,
mãos em que dormem minhas mãos de gelo,
mãos que são amas da minha alma louca...

Mãos para um berço, para a cabeceira
d'almas que vão morrer ainda evocando,
mãos doces de creança e de enfermeira,
mãos que dizem adeus abençoando...

Mãos que tem gestos tristes d'embalar
e sem ninguem que reze a Deus por elas,
mãos d'orgam, mãos de injénuas sempre a errar
como os pobres, as azas e as velas...

Mãos que sofrem a dôr dos corações sózinhos
que a morte d'algum sonho desgraçou...
Mãos precoces que vão nos lívidos caminhos
colhendo cardos que o luar gelou...

Mãos que ás tardes de cinzas vem beijar-me,
quando a minha alma morre de cansaço,
mãos que eu invoco pálido d'alarme,
quando o sol ri de mim pelo céu baço.

Mãos de esquecida, mãos sacrificadas,
a abençoar a Vida que tortura...
Mãos pequeninas, mãos martirizadas
e sem destino pela noite escura...

A minha alma ajoelha si vos beijo
e reza dentro em mim ave-marias...
O' berços em que dorme o meu dezejo,
dormí no meu cabelo, ó mãos esguias!

Mas em toda a sua graça, esse gesto meigo não é o mais belo, nem o mais terno que as mãos femininas podem fazer. Vós todas que me ouvís sonhais ou sonhastes com o gesto das noivas, entregando a mão ao padre para que, colocada sobre a do noivo, ele as reuna para a vida inteira.

Velha cerimónia! Na India antiga — a India antiquíssima, do tempo das leis de Manú! — a cerimonia do cazamento já se chamava — « a união das mãos. » Lá entre-

tanto, ela variava conforme as castas dos que se uniam. Quando marido e mulher eram da mesma casta, davam as mãos; mas quando a mulher era da casta dos guerreiros e o marido da dos sacerdotes, não se tocavam : punham ambas as mãos sobre uma flecha; — sobre um aguilhão, quando a mulher era da casta dos negociantes e o marido de qualquer outra e apenas sobre a orla de um manto, quando ela pertencia ao grupo humílimo dos párias (1).

Para quê essas distinções? Hoje felizmente nós não as conhecemos.

A dádiva da *mão* é a vossa dádiva completa. Por isso, pedindo esmola para uma festa de caridade, Macedo Papança, em versos magníficos, prometia que as mãos mais generozas seriam tambem as mais intimamente unidas pelo sacerdote, quando, ele as apertasse sob a sua estola, na ocazião do cazamento :

> O' mãos aristocraticas e finas,
> de tradições tão nobres.
> como o orvalho que cái dos arvoredos

(1) Leis de Manu., L. III, v. 43, 44. —*Les livres sacrés* I, 354.

deixai caír as perolas dos dedos,
sobre as louras cabeças pequeninas
das criancitas pobres.

Desnudadas de anéis, muito ao de leve,
em virjinais afagos,
como as azas das pombas côr de neve.
roçando á flor dos lagos,
acariciai as desmanchadas tranças,
que emolduram os rostos das crianças.

Vereis depois, ó dedos delicados,
que inspiração tão grande,
em sorrizos e lágrimas se expande
quando em Dezembro, nas chorozas tardes,
elétricos e finos vos poizardes
no dorso harmoniozo dos teclados.

Será mais terna e funda a nostaljia
que se evola da musica sombria
de Schubert, e tambem
terá mais fel na sua dôr convulsa
o rude coração que geme e pulsa
nas valsas de Chopin.

O' mãos, estrelas de marfim polido,
com pétalas de roza em cada raio,
tendes ainda algum brilhante -- dai-o
ás creanças de olhar desfalecido,
para as quais nace o sol sempre escondido
e são geladas as manhãs de maio.

Tereis, um dia a recompensa, quando
na igreja, ao pé do altar,

sobre as dos noivos, trémulas, poizando
o proprio Deus vos fôr abençoar.

E, ó brancas mãos patrícias
que tendes o segredo de carícias
que ninguem mais conhece,
quanto maior for hoje a vossa esmola
Deus tanto mais apertará na estola
as duas mãos que um só dezejo aquece.

Mas o gesto da esmola não é ainda o mais nobre. Ha alguem humilhado por ele! O sonho do futuro não póde ser esse. O sonho do futuro, a apoteoze da mão, — sonho quimérico ou realizável — ha de ser quando sempre que dois homens se encontrem, sejam de povos, sejam de raças, sejam de classes diversas, possam apertar as mãos como amigos. Não ha sonho mais nobre que o da grande fraternidade humana.

E aqui eu termino. Termino, pedindo-vos perdão pela desiluzão que vos inflinjí. Terão todos verificado que havia uma excelente conferéncia a fazer : exatamente a que esperavam ; exatamente a que eu não fiz...

BEIJOS

CONFERÉNCIA REALIZADA NO INSTITUTO NACIONAL DE MÚZICA, EM 14 DE OUTUBRO DE 1905.

FALAR do beijo não seria talvez para um bom conferente muito dificil : o assumto é agradavel e tentador. Mas além da dificuldade que terá sempre para mim qualquer questão, o beijo tem uma outra que lhe é peculiar : a custo se contém dentro dos limites do que pode ser ouvido por um auditório como o que me dá a honra de assistir a estas conferencias. Quazi irrezistivelmente, ele nos arrasta para o terreno equívoco da malicía.

Mas a propózito de malicía é conveniente lembrar a calinada célebre daquele policial que declarava não querer nas ruas grupos de mais de um. Por definição, os grupos tem forçozamente de se compôr de várias pes-

soas. — Pois bem : cazo análogo ocorre com a malícia. Ela está no que disse ou escreveu a fraze; mas está tambem no que a ouviu. Um só não basta para que ela naça. Assim, ás vezes, frazes ditas com a mais perfeita candura assumem a certos ouvidos significados especiais, de que o autor nunca cojitára e quanto mais, com grandes gestos de indignação, certos ouvintes protestam contra algumas expressões, mais, por isso mesmo, eles revelam o que, por conta propria, ajuntaram ao que era talvez simples e inocente.

Nesta conferencia não deve haver protestos. E' minha intenção iludir a expectativa dos maliciozos, impedindo que mostrem á minha custa o que lhes vai na alma (1).

Podia mesmo enganar a todos, dando a esta palestra um tom solene e pedantesco, uma grave aparéncia científica. Para começar por esse caminho, nada seria melhor do que aquela definição atribuída a um medico inglez (2) : *a juxtapozição dos músculos orbiculares do orifício bucal em estado de*

---

(1) Este exórdio era perfeitamente justo, quando foi proferido. O que está, porém, neste livro tem dezenvolvimentos que não podiam caber diante de um auditório de que a maioria era feminina.

(2) Dr. C. Reymond — *Physiologie et évolution de l'amour sexuel*, pag. 392.

contração. A definição não é má, embora se restrinja a um beijo especial (1) e não leve em conta o elemento sonoro. Foi exatamente esse que mais parece ter interessado um mandarim — talvez tão inexistente como o medico ao qual se atribúi aquela primeira definição e que dizia ser o beijo *uma cortezia singular, que consiste em aproximar os labios, produzindo um som especial*. Si realmente houve um mandarim autor dessa definição, é possivel que o primeiro beijo, que ele tenha ouvido fosse dos que merecem o epíteto, só aplicavel aos beijos, de « chuchurreados »...

Talvez, entretanto, aqui, e desde já se podesse dizer que os beijos ruidozos não são os melhores :

> Oh ! écoute la symphonie ;
> rien n'est doux comme l'agonie
> de la lèvre à la lèvre unie
> dans la musique indéfinie... (2)

Seja, porém, como fôr, nada disso nos adianta. E' facílimo descrever objetivamente

---

(1) No celebre romance de Belot — *La bouche de Madame X*, ele dizia :
« J'entends par baiser le baiser sur la bouche, les autres ne comptent pas ou comptent trop. »

(2) ALBERT SAMAIN — *Au jardin de l'infante*, pag. 26.

um gesto tão simples. O grande embaraço está em explicar como essa *juxtapozição dos músculos orbiculares do orifício bucal em estado de contração*, tanto pode exprimir o mais sagrado amor filial, quanto a paixão mais infame e desregrada; tanto pode ser uma prova de adoração, quanto um sinal de traição...

Quando Otelo vai matar Desdemona, já de alfanje dezembainhado, começa por dar-lhe dois beijos. Não era o dezejo de iludi-la, porque o mouro ciumento bem claramente lhe disse sua intenção. Não era uma simples formalidade, porque aquele momento trájico não comportava formalidades vãs. Seria amor? Mas um amor, que ia ser assassino, como entendê-lo? Seria a saudade antecipada da perda, de que ele mesmo ia ser o autor? Shakespeare deixou alí mais um dos numerozos problemas de psicolojia, que ha em todas as suas obras. O certo é que o beijo comporta todas as *nuances*, todos os cambiantes e gradações do sentimento.

Por isso mesmo, o estudo da sua orijem é dificílimo. Ele só poderia ser perfeito si o encontrássemos em toda a escala animal, primeiro rudimentar e depois, pouco e pouco, aperfeiçoando-se lentamente, até chegar ao

que é para o homem. Mas este estudo não parece que ainda esteja completamente feito, embora haja tentativas parciais (1).

---

(1) A unica teoria do beijo, que me parece justa, não era sucetivel de ser exposta em uma conferencia literária.

A teoria da evolução nos habituou a sempre que vemos qualquer fenómeno ir procurar-lhe os antecedentes. Habituou tambem a não nos espantarmos, si, decendo nessa pesquiza, acabamos por achar couzas feias, e até repugnantes. Quanto mais baixa e indigna é a orijem, mais admiramos a importancia da acensão. Ha quem julgue dezagradabilíssimo que o homem provenha de uma forma animal muito semelhante á dos grandes macacos. Mas isso não é nada! Vem de mais baixo, porque na sua acendencia ha até os vermes!

Estudando as orijens de quazi todas as cerimónias relijiozas, vê-se que elas são, ora puerís, ora grosseiras. A comunhão católica parece aos crentes um sacramento nobilíssimo. A elevação da hóstia, redonda e alvíssima, entre as mãos do sacerdote, ao mesmo tempo que a campainha do acólito manda os fiéis se ajoelharem e todas as frontes se curvam, tem uma incontestavel poezia. No emtanto, si se procura a orijem dessa idéa de que, injerindo uma hostia, se dá a identificação de Deus e do homem, se verifica que a comunhão católica é um rito de antropofajia simbólica. Acham-se nos varios povos selvajens todos os intermediários, desde o sacrifício e devoração efetiva e integral das vítimas humanas, até o sacrifício só de uma parte do corpo : um dedo, uma falanje; até a sua reprezentação simbólica por uma pestana arrancada; até o símbolo ainda mais atenuado extranho ao corpo : objeto de papel, como na China ou hóstia de pão ázimo, como no catolicismo.

Tratando da orijem do beijo não admira que ele venha de muito baixo : é o cazo de todas as grandes instituições, de todos os gestos frequentes.

Dessas, porém, eu não quero falar aqui. Os unicos beijos de animais que lembrarei são aqueles de que já todos se lembraram : os beijos dos pombos, que não podendo ser de lábio a lábio, são de bico a bico. Esses beijos não esclarecem o cazo, de modo algum, porque as aves não tem sinão um parentesco extraordinariamente remoto com os homens.

Os animais inferiores não tem a mesma facilidade de gestos que nós. Um dos mais simples para eles é o de aproximarem-se e lamberem-se. As relações do amor são precedidas em geral por esses afagos, que servem até para facilita-las fizicamente... Nos macacos superiores já isso não é precizo. O contacto se reduz ao mínimo. Sem insistir, portanto, em mostrar toda a escala, pode dizer-se de um modo um pouco brutal, mas perfeitamente verdadeiro, que *o beijo é a atrofia da lambidela*... O que nele parece extranho e misteriozo, a repercussão formidavel que tem em todo o organismo, provém da soma das sensações atávicas a que esse gesto se prendeu atravez de todos os sêres da escala animal. Desviado do seu fim, aplicado a fins que nada tem de sexuais, ele guarda uma espécie de resonáncia dos milhões e milhões de experiéncias dos animais que nos precederam, experiéncias em que o afago feito com a boca e a lingua era o precursor imediato de um grande gozo... Essas experiéncias não são evocadas claramente : mas cada célula do sistema nervozo habituou-se hereditariamente a saber que o que vinha depois desse gesto era uma sensação gostoza. Quando hoje, reduzido ao mínimo, o fazemos, o organismo inteiro vibra inconcientemente na expectativa de qualquer couza de agradavel — embora essa « qualquer couza » possa ser a mais pura, a mais casta, a mais sublime das carícias.

Por uma dessas surprezas maravilhozas, tão frequentes na natureza, as aves provém dos reptís.

Sente-se, entretanto, que o beijo pertence a uma categoria de gestos, que são muito comuns em toda a escala animal. A mímica do afeto é feita da aproximação dos corpos, do contacto (1). Desde muito cedo, os sêres vivos hão de ter sentido a vantajem da associação : os que estavam unidos rezistiam melhor do que os outros ás cauzas da destruição. Si, portanto, o contacto de uns com os outros dava a todos uma sensação agradavel de segurança, o contacto, por si só, acabou por ser uma sensação procurada e dezejada. E' aí que alguns psicolojistas acham, ou julgam achar a explicação do prazer que o beijo nos cauza. Eles nos lembram que o tacto é o sentido fundamental e genérico, do qual, todos os outros derivam; eles nos dizem que, mesmo depois da diferenciação destes, ele continua a ser o sentido mais importante (2). Para eles, no afeto das mãis para os filhos pequenos um dos elementos

(1) Mantegazza — *La physionomie et l'expression des sentiments*, pag. 115.

(2) Al. Bain — *Les émotions et la volonté*, pag. 122-123. Cf. Sergi. — *Psychologie physiologique*, 343-354.

mais importantes é exatamente essa aproximação do corpinho macio e morno das crianças.

Dirão, entretanto, que, tratando-se do beijo, o contacto é muito pequeno. Pequeno, sim; mas de um lugar bem escolhido. E' Mantegazza quem o faz notar. Ele lembra que os lábios são rejiões-fronteiras. Aí acaba a pele, revestimento externo do homem; aí começa a mucoza, revestimento interno. Tudo o que interessa tal zona, interessa, por assim dizer, o homem inteiro, fal-o vibrar por fora e por dentro (1). E não ha nisso apenas uma reflexão superficial, porque outro observador, que prècizamente multiplicou as experiéncias para medir o valor das excitações — excitações fízicas, dezacompanhadas de qualquer emoção — incluiu o beijo entre as mais eficazes, achando que ele não é apenas um meio de exprimir emoções : é tambem um processo para as provocar (2).

Evidentemente isto não basta para explicar o valor dos beijos. Mas o reparo tem um certo valor. Um gesto, de psicolojia tão complicada, precizava, si me permitem a expres-

---

(1) Op. cit., pag. 122.
(2) Ch. Féré — *Travail et plaisir*, pag. 195.

são, uma base fiziolójica não menos complicada.

Maupassant não se conformava com isso. Ele censurava asperamente as economias da natureza, que em vez de fazer orgams distintos para cada função, aproveitava para fins muito diversos os que existiam. Que a bôca, por onde se come e se fala, fosse tambem a parte destinada á *função beijocativa,* parecia-lhe irritante.

Talvez, entretanto, ao menos nisso ele não tivesse razão — e a importancia do beijo venha em grande parte daí : de ser dado com a bôca, porta de entrada do material indispensavel para a vida fízica : o alimento; porta de saída para a Palavra, com a qual se exprimem as manifestações mais altas da intelijéncia e do sentimento humano. Por isso talvez, ele pode participar de todas as emoções desde as mais rudimentares ás mais sublimes. Ha mesmo quem dê ao beijo uma géneze alimentar : quem o suponha nacido do gesto da criança procurando o seio materno para mamar. Maupassant não negaria que esse gesto tem a sua alta poezia, porque é a vida passada de um ser a outro ser, num gesto de pequeninos lábios rózeos.

Voltaire, repetindo naturalmente uma no-

ção de anatomia corrente no seu tempo, mas, de fato, errada, dizia que havia um nervo « do quinto par », que ia da boca ao coração e de lá tomava extranhas ramificações... (1) Assim, muita couza se explicaria. Mas esse nervo fantazista jámais existiu.

Seria em todo cazo muito curiozo saber com precizão quando as crianças dão os primeiros beijos. Parece que isso não ocorre antes de um ano de idade. Darwin que observou minuciozamente as fazes do dezenvolvimento de um filho, diz que só depois daquele prazo ele começou a beijar expontaneamente a ama. (2)

James Sully, um dos mais sagazes observadores da infáncia, conta a historia de uma menina de quatorze mezes, que ria de muito bôa vontade, vendo um menino, junto ao seu carrinho, pedir-lhe um beijo. (3)

Mas o cazo mais espantozo de precocidade é o de S. Labre. Precocidade negativa, convém dizer.

S. Labre é aquele santo que jurou guerra

---

(1) *Dictionnaire Philosophique*, pag. 53.

(2) Citado em G. *Compayré — L'évolution de l'enfant*. pag. 106-108.

(3) J. Sully — *Essai sur le rire*, pag. 189.

ao banho e a todas as outras formas de asseio. Deixou-se morrer, por penitencia, num tal estado de sordícia, que os vermes lhe passeavam sobre o corpo. Fedia entontecedoramente. Por isso, o canonizaram. Por isso, deve estar no céu. Contam, porém, os seus biógrafos que desde os primeiros momentos, quando ainda era criança de peito — e nesse tempo é de crêr que ainda tomasse banho — já repelia indignado os beijos, que as mulheres, ás vezes, lhe queriam dar.

Apezar, porém, de todos os seus altos méritos, o beijo não é universal. Muitos povos o ignoram. Darwin, interrogou a esse respeito um habitante da Terra do Fogo e ele lhe confessou que não conhecia esse gesto. Não o conheciam tambem os indíjenas da Nova-Zelandia, de Tahiti, da Papuázia, da Austrália, da Groenlandia. (1) O beijo é desconhecido na Melanézia e os namorados da Micronézia fasem as suas declarações de amor « esfregamdo o nariz no das namoradas. » (2) Pierre Loti, entre as muitas mentiras que contou do Japão, referiu que aí encontrava

(1) Darwin — *L'expression des émotions*, pag. 233.
(2) Reville — *Religions des peuples non-civilisés* — II, 136.

a cada passo *musmés* (moças) que o enchiam de beijos. Foi, de certo, para fazer inveja aos seus leitores, que ele se lembrou de inventar essa patranha, quando os japonezes não uzam o beijo, nem mesmo entre mãis e filhos (1). A regra mais geral entre os povos mongóis é a *cheiração* recíproca (2) Essa é a mais alta prova de estima e mesmo de amor, que duas pessoas podem reciprocamente dar uma á outra. Mantegazza conta uma conversa que teve com um pintor indíjena de Java e em que este defendeu o seu gesto nacional de carinho. « Ele me dizia — refere o escritor italiano — que, como todos os Malaios, achava mais ternura no contacto dos narizes do que no dos labios. E' pelo nariz, acrecentava, que nós respiramos; é por alí que sentimos o hálito da pessôa amada, que pômos nossa alma em contacto com a sua. » (3) Por isso mesmo, ele achava muito feios os narizes aquilinos : preferia os narizes chatos, esborrachados, das mulheres do seu paiz...

---

(1) M. J. Ferreira Cunha — *Memorias de um consul no Japão*, pag. 47.
(2) Ch. Feré — *L'hygiène du Baiser* — Revue de Medicine — 1903 — pag. 451.
(3) Mantegazza — *Op. cit.*, pag. 119-220.

A este propózito se deve notar que certos povos do arquipélago malaio tem uma só palavra para exprimir a idéa de *cumprimento* e a de *cheirar*. O cumprimento amavel consiste em duas pessôas se entre-farejarem, cada uma dizendo da outra. « Bom! Bom! » — o que equivale a dizer : « Que bom cheiro! Que bom cheiro! »

Todos sabem aliáz que o olfato dos selvajens é admiravel.

Mas não é precizo ser selvajem para gostar do cheiro das pessôas queridas. Gœthe, o poeta genial, a quem os alemãis chamavam « o divino Gœthe » tendo de separar-se da senhora de Stein, a quem amava e por quem era amado, levou comsigo o corpinho dela, para consolar-se da auzéncia, sentindo o cheiro da mulher adorada! — E era Gœthe! (1)

Até certo ponto se poderia talvez justicar essa preferencia do olfato sobre o tacto, mostrando que ha nela um verdadeiro progresso. O olfato é o primeiro sentido que se constitúi á parte no cérebro dos animais. Ha sêres inferiores que além da sensibilidade geral só

(1) *Deutsche Rundschau*, maio de 1895 (citado em *Minerva*, 1895 — pag. 548.)

tem, nitidamente diferenciado, um sentido : o olfato. (1) Os demais, quando existem, são rudimentares. Esse é o cazo dos reptís e dos amfíbios. No cérebro humano, tambem é a parte que prezide ao olfato a primeira que se forma. (2) Assim, si o olfato é d'entre os sentidos, um dos inferiores, tem, todavia, uma certa superioridade sobre o tacto. Com um pouco de pedantismo, falando na *evolução filojenética* do homem, o pintor de Java, com que Mantegazza conversou, podia ter feito uma tirada ainda maior contra o beijo!

Mas quem saiba quanto é antiga a civilização chineza, talvez suponha que os habitantes do Celeste Imperio já tenham conhecido e praticado o beijo; mas depois, pelas muitas razões que os hijienistas hoje prégam, acabassem condenando-o e abolindo-o. Assim, o que nós acreditamos atrazo poderia bem ser progresso requintado.

A supozição não tem fundamento algum. Em primeiro lugar, *a priori*, pode afirmar-se que beijo não é couza que se dezaprenda... Uma vez sabido, praticado, saboreado —

---

(1) J. Roux — *L'instinct d'amour*, pag. 81.

(2) Jules Soury — *Le système nerveux central*. pag. 755-856.

não ha razões que prevaleçam contra os seus inconvenientes.

Depois, nós possuimos livros sagrados que nos dão noticia da vida chineza desde, pelo menos, vinte e dois seculos antes de Cristo. E' o cazo do *Chu-King* (1). Pois bem : em vão a gente percorre os seus capítulos, esquadrinha os seus versículos, espreita, escuta, indaga : — não se vê, não se ouve, não se sabe de nenhum beijo. Nenhum!

E não é porque o livro austero desconheça o que se pode chamar o « perigo feminino ». Mais de uma vez alude a isso. Em certa ocazião, advertindo aos juizes sobre faltas em que eles podem caír, enumera-as complacentemente : 1ª) o temor de alguem que ocupa alguma alta pozição; 2ª) o dezejo de se tomar uma vingança ou praticar o reconhecimento de qualquer benefício; 3ª) os discursos das mulheres; 4ª) o amor ao dinheiro; 5ª) os empenhos poderozos. (2)

Os discursos das mulheres!... Vê-se bem

---

(1) PAUTHIER ET BRUNET — *Les livres sacrés* — I, pag. 3 Apezar desta obra, que faz parte da coleção Migne, reduzir ao mínimo os periodos anteriores ao Cristo, ainda assim marca para o reinado de Tchong-Kang o anno 2155 antes da nossa era.

(2) *Chu-King*, XXXVII, 16.

que o Chu-King não conhecia o valor do beijo, sinão, em vez dos discursos, temeria a eles e, em vez de colocar esse cazo em terceiro lugar, pôl-o-ia no primeiro.

Nem siquer ha alí o beijo de saudação, tão frequente em outros povos. A saudação mais respeitoza a que nele se alude é o gesto de apertar a cabeça entre as mãos e abaixa-la o mais possivel.

Ha, portanto, direito de supôr que a repugnáncia contra os beijos entre chinezes é um fato fóra de contestação. Repugnáncia e não desconhecimento. Pertinho da China, limítrofe com ela, fica a India. E a India conhecia o beijo. As *Leis de Manú*, livro de uma antiguidade veneravel, aludem a esse gesto. As aluzões não são aliaz amaveis.

Tambem o sábio lejislador conhecia o « perigo feminino ». Explicitamente, ele aconselha aos dicípulos dos brámanes que não prestem certos serviços ás mulheres de seus mestres : entre esses serviços está mencionado, com uma cautela especial, que não as penteiem... Manú sabia bem que inconvenientes podiam provir d'aí. Ele era sábio e prudente...

Mas, embora sábio, com uma couza não tranzijia : com a hipóteze de não se manter

a rigoroza separação entre as castas, em que se dividia o povo.

Assim, ele declara que o fato de um brámane poluir os labios beijando os de uma mulher da classe baixa — de uma pária — é uma abominação de tal ordem, que para isso não existe nenhuma expiação prevista em lei. (1) De um modo geral, ele lhes proíbe os jogos, a maledicencia, a impostura, os beijos de amor e os atos nocivos a outrem.

Assim, por aí se vê que, embora só fale de beijos quando alude a couzas que devem ser proíbidas aos sacerdotes, Manú reconhece que eles existem e implicitamente que são tolerados entre pessôas da mesma casta.

Os chinezes tinham, portanto, bem perto, os professores de que precizavam, si a sua natural aversão de raça não os afastasse dessa delicioza prática.

Já, porém, que falamos em dois dos mais antigos livros sagrados, vale a pena ver o que ha sobre o assumto que nos preocupa, no mais moderno. Das grandes relijiões em que o mundo se divide, o islamismo é a mais recente: Mahomet floreceu no 7.° seculo da era cristã.

---

(1) *Leis de Manu* — Livro 3, n. 19.

Na historia das relijiões, o seu tipo é extraordinariamente simpático. A reforma relijiosa a que ele ligou o seu nome se caraterizou por notaveis melhoramentos morais.

Pobre, foi servir como administrador dos bens de uma prima rica e já entrada em anos. Acabou por cazar-se com ela... o que lhe deve ter facilitado extraordinariamente a prestação de contas. Mas isto só se pode dizer por gracejo. De fato, ele foi sempre honrado e simples. Mesmo chegado ao fastíjio do poder, mesmo quando era considerado por todos o Eleito do Senhor, o Profeta que lhe repetia as palavras, continuou a viver com a mais perfeita modéstia : era ele mesmo quem preparava a sua roupa, quem munjia o leite das suas ovelhas (1). Muitas vezes em sua caza não havia o necessário para a alimentação da familia, tanto ele repartia com incansavel generozidade tudo o que recebia (2).

Os árabes no seu tempo eram polígamos. Cazavam-se com grande numero de mulheres e nem sempre tinham com que sustenta-las.

---

(1) LAFITTE — *Les grands types de l'humanité*, I, 357, 366.

(2) O. HOUDAS — *L'Islamisme*, p. 65-66.

Não raro, por isso, tomavam o partido de matar as filhas que lhes naciam, enterrando-as vivas. Mahomet pôz côbro a isso. Ele prégou sempre o respeito e o carinho ás mulheres. Limitou a poligamia. Dizia ; « Si receiais ser injusto com os orfams, não vos cazeis sinão com poucas mulheres : duas, trez ou quatro entre as que vos tiverem agradado. Si ainda assim tendes o mesmo temor, não vos cazeis sinão com uma só (1)... » Para os hábitos da época, isso reprezentava uma limitação formidavel. E' verdade que os crentes, indo para o céu, lá encontrariam as hurís, em numero ilimitado. Mahomet se refere a isso numerozas vezes, descrevendo-lhes a beleza e a graça, prometendo as delícias que o amor delas trará. Mas, quer nessas ocaziões, quer em todo o livro sagrado, livro que é de uma linguajem elevada, sóbria, simples e casta, não se fala em beijos.

Não se fala em beijos sinão uma só vez...

Mahomet teve uma falha moral na sua vida. Emquanto a prima, a sua adorada Khadidja, viveu, ele foi puro e continente. Mas o grande repressor da poligamia, quando envelheceu, anunciou que tinha tido uma

---

(1) Koran — IV, 3.

vizão. O anjo Gabriel, que era quem lhe trazia as ordens de Allah, ditando-lhe os versículos do Alcorão, veiu dizer-lhe que Deus lhe permitia, por um favor especial, que ele — só ele — se podesse cazar com quantas mulheres quizesse. E Mahomet uzou largamente da permissão ! Chegou a ter onze mulheres (1).

Parece, entretanto, que o Profeta era ciumento. No Alcorão está dito que quem tiver de falar com as mulheres dele não o deve fazer sinão com o rosto coberto. Com o rosto coberto, deviam tambem elas estar. Demais, ordenava-se a quem fosse procurar Mahomet que não se detivesse junto dele sinão o tempo necessario para tratar do negocio que o levava lá. Feito isso, não o importunasse (2).

Vê-se que ele tomava todas as cautelas. Pois bem : é, a propózito dessas suas multiplas mulheres que aparece no Alcorão a primeira referencia a beijos. O anjo Gabriel, em nome de Allah, lhes recommenda que quando virem o Profeta beijar mais a uma do que a outras não sintam ciumes... Ele tem

---

(1) O. Houdas — *L'islamisme*, pag. 64.
(2) Koran — XXXIII, 47, 51.

para essas preferéncias o mais líquido direito, embora, como Allah lhe aconselha, seja conveniente que não dezagrade nenhuma (1) !

E pensar que 220 milhões de creaturas humanas estão perfeitamente convencidas de que Deus realmente se preocupou com as mulheres de Mahomet e mandou á terra o anjo Gabriel regular os beijos a que tinham direito ! A credulidade humana não tem limites...

Depois de ter visto o que havia sobre beijos em alguns dos livros sagrados mais antigos, depois de ter procurado o que a esse respeito se acha no mais moderno, vale a pena passar para a Biblia (2).

Na Biblia o primeiro beijo que se esperaria encontrar era o de Adão e Eva. Mas Adão era um sujeito grosseiro e covarde, absolutamente incapaz dessa idéa delicada. Grosseiro, porque, quando viu Eva a seu

---

(1) IDEM. — XXXIII, 48.

(2) Apezar da ordem em que geralmente os escritores católicos publicam as varias partes da Biblia, o Génezis não é a mais antiga. Os livros mais antigos são os dos Juizes e dos Reis. O Génezis é do seculo 9.° antes de Cristo. VIDE LEDRAIN. — *La Bible*, vol. III, paj. XIII. Aqui, porém, eu seguirei a tradição católica, como si a Biblia devesse começar cronolojicamente pelo Pentateuco.

lado, o que tinha de melhor a fazer era dar-lhe um beijo. Um beijo de saudação! Um beijo de amor! Em vez disso, fez-lhe um discurso. Declarou-lhe que ela era o osso dos seus ossos, a carne de sua carne.

Théophile Gautier disse que todo o mal do mundo veio da costela que Deus tirou a Adão:

« Tout allait bien, si Dieu ne l'avait fait, d'un geste,
Sortir du flanc d'Adam, côtelette funeste! »

Adão não pensava assim. Mas não era por delicadeza: era porque ele estava absolutamente convencido dos altos méritos da sua costelêta: tanto assim que a primeira couza amavel que achou para dizer a Eva foi a alegação de que ela provinha daquelle mízero osso.

Grosseirão! Grosseirão e covarde, porque, quando Deus lhe apareceu a tomar contas por haver comido o fruto proíbido, ele não teve um só momento a idéa de assumir a responsabilidade e defender-se, por conta própria: a unica desculpa que achou foi acuzar a mulher, passando a ela todo o pezo da falta cometida!

Assim, não ha que admirar si a Biblia não fala em nenhum beijo desse extranho tipo.

O primeiro que ela menciona é um beijo, que bem se pode dizer de traição. De traição, ou pelo menos de embuste.

Izaac estava cego. Sentiu que ia morrer. Chamou o filho mais velho, Ezaú, e disse-lhe que fosse caçar alguma couza. A' volta, quando com o que houvesse trazido lhe preparasse um guizado apetitozo, ele lhe lançaria a bençam.

Ezaú partiu. Mas Rebeca, mulher de Izaac, que tinha maiores preferencias pelo filho mais moço, Jacob, chamou-o de parte, mandou-o buscar um cabritinho, guizou-o segundo o gosto do marido e aconselhou ao filho que o fosse levar ao pai, finjindo ser Ezaú. Jacob relutou. Entre outras couzas, ponderou-lhe que o irmão era cabeludo e ele era glabro. Disse-lhe receiar que, si o pai percebesse o engano, em vez de o abençoar, o amaldiçoasse. A tudo Rebeca achou resposta. Propoz cobrir-lhe as mãos e o pescoço com a pele do cabrito, para que, si o pai o apalpasse, o achasse cabeludo como Ezaú, com cujas roupas o ia vestir. Tomou perante ele o compromisso de que, si o pai o amaldiçoasse, a maldição caíria sobre ela. Assumiu solenemente essa responsabilidade tremenda.

Jacob foi. Aí, depois que o pai desconfiado, lhe apalpou as mãos e o pescoço e se deixou iludir, resôa na Biblia o primeiro beijo. Foi Izaac quem o pediu.

« Chega-te, filho meu, e dá-me um beijo. Ele se aproximou e o beijou.

Então, tendo farejado o cheiro de suas roupas, Izaac o abençoou nestes termos:

O perfume de meu filho é como o de um campo que Jahveh abençoou;

Que Elohim te dê do orvalho do céu e da gordura da terra,

A abundância do trigo e do vinho novo!

Que os povos te sirvam,

E que as nações se prosternem na tua prezença!

Sê poderozo sobre teus irmãos,

E que diante de ti os filhos de tua mãi se curvem!

Maldito seja quem te maldissér, abençoado quem te abençoar! (1)

A bençam nesse tempo tinha um caráter sagrado e irrevogável. Tão irrevogável que mesmo tomada por dólo era válida — de tal

---

(1) Ledrain — *La Bible*, vol. III, pag. 90-91. *Genesis* XXVII, 26-29.

modo que, quando Ezaú chegou e o pai viu que tinha sido enganado, Izaac lhe afirmou que o que estava dito, estava dito : não lhe era permitido voltar atraz.

As palavras do velho patriarca tem uma grande beleza. Mas é, sobretudo, uma grande tristeza o que se desprende de uma cena, em que se vê uma mãi, ensinando o filho a mentir ao pai, a traí-lo com o seu beijo, que o patriarca cégo solicitára tão carinhozamente!

Beijos de traição... Quando se fala neles, a primeira evocação de todos os espíritos é a do sinistro dicípulo de Jezus. Mas pela Biblia e pela historia quantos outros resôam!

Joab, general de David, estava em campanha contra Amaza, chefe insurrecto. Como esse o procurasse, Joab se adiantou e dizendo-lhe a saudação habitual « Paz seja comtigo, meu irmão! », fez o gesto de pegar-lhe na barba para beija-la, segundo a moda da época,

Mas, ao mesmo tempo, com um golpe terrivel de espada, abriu-lhe o ventre — e os intestinos, diz a Biblia, se derramaram por terra! (1)

---

(1) Biblia — *Juizes* II, cap. XX, 8-10. O 2.° livros dos Juizes é para alguns autores, o 2.° livro de Samuel.

Para essa traição, o redator do texto bíblico não acha uma palavra de censura. O que o interessa, com evidente prazer, na descrição, não é aquela fórmula de amizade: « *Paz seja comtigo, meu irmão!* » é o espetáculo, para ele agradavel, dos intestinos de Amaza derramando-se por terra, graças ao golpe eficaz da espada de Joab.

Beijos de traição devem ter sido os de Judit em Holophernes. Voltaire lembra que a Biblia não fala neles, mas é licito, prezumi-los (1). Certo, a judia formoza não recuaria diante disso, quando ao decidir-se a partir rogava ao céu que « graças ás *palavras enganadoras* dos seus labios, ferisse o servidor e o senhor, o chefe e o escravo », e num rapto de eloquéncia pedia : « Ó Deus de meu pai, Deus da herança de Israel, Senhor dos Céus e da Terra, Creador das Aguas, Rei de toda a creação, atende á minha prece, *dá á minha palavra a arte de os enganar..,* » (2)

Dizem alguns mizójinos que dos tempos de Judit até hoje as mulheres devem ter progredido. Devem ter progredido, porque

(1) VOLTAIRE — *Dictionnaire philosophique* — I, 529.
(2) LECHRAIN — *La Bible* — vol. VII, pag. 478.

atualmente, já não precizam fazer orações tão longas e invocações tão solenes, para exercerem uma função, que lhes é natural: dizer palavras enganadoras...

Emquanto, porém, na ceia que Holofernes lhe ofereceu, Judit o procurava embriagar, terão bastado as palavras ou sido necessários os beijos? — E que teriam sido, sinão beijos de traição?

Roma teve um general de grande talento e não menor valentia. Foi quem para ela conquistou o territorio das Gálias, onde hoje se estende a França. Chegou ao supremo posto no exército, ao supremo posto na sociedade. Certo dia, um homem que ele sempre protejèra — esse homem se chamava Brutus — chegou-se a ele, beijou-lhe o rosto, a mão e o peito — e vibrou-lhe uma punhalada (1).

Foi nessa ocazião que Cezar disse aquela fraze, que depois ficou proverbial : « *Tu tambem, Brutus?!* » Fraze doloroza, porque revela que aquele homem, que para subir ao fastíjio do poder devia ter experimentado muitas mizérias, roçado de perto por muitos

---

(1) VOLTAIRE — *Op. cit.* — I, 528.

crimes, muitas vilanias, acreditava que a ingratidão tivesse limites!

A abundancia de beijos que os conjurados, segundo o dizer de Plutarco, deram em Cezar — no rosto, na mão, no peito — mostra como os beijos de saudação variavam. Pode bem dizer-se que rara foi a parte do corpo de que não se possa citar o hábito de receber em certas épocas ou em certas cerimónias beijos de saudação. Os que, de certo, mais nos repugnam são todos aqueles em que o homem preciza baixar-se: os beijos nos joelhos, os beijos nos pés. Ha neles qualquer couza de degradante á dignidade humana. E, no entretanto, habito extranho, tempo houve, na Polonia, em que as mulheres saudavam os maridos beijando-os... no alto da perna (1).

O beijo nos joelhos era frequente, sobretudo como preliminar obrigatória de qualquer requerimento ou súplica aos poderozos.

Mais baixo ainda, ha o beijo no pé. Mesmo hoje os fiéis o dão nas sandálias do papa. O primeiro a aclimar esse uzo no ocidente foi o imperador Deocleciano, que o copiou da

---

(1) *Le Baiser* — pag. 81.

Persia. Calçava para isso uma sandália de ouro (1).

O beijo no pé descalço ainda se uza em uma cerimónia da igreja católica. Quando os sacerdotes vão partir para missionar em terras selvajens, o ritual ordena que eles fiquem de costas para o altar, em fila — e os fiéis lhes venham beijar os pés, dizendo a fórmula consagrada : *Beati pedes evangelisantium* (2).

E pois que se fala aqui em beijo no pé, podemos lembrar o de Tiradentes, no alto do patíbulo, beijando humildemente os pés do carrasco.

Mais baixo ainda, só o que os reis da Persia exijiam dos seus vassalos. Na Persia os fidalgos e os altos dignitários é que beijavam os pés dos reis. A plebe se limitava a beijar o chão, que eles haviam pizado !

A historia rejistra o cazo de um beijo... em lugar muito impróprio para aquela operação e que, no emtanto, fez um homem subir ao pináculo do poder, dando-lhe as mais altas funções civis e ecleziásticas... (3)

---

(1) *Le Baiser* — pag. 65.
(2) *Le Baiser* — pag. 92.
(3) Franlin — *La civilité* — II, supplément, pag. 35. — Cabanés — *Mœurs intimes du passé.*

Em certa ocazião, o Duque de Parma precizou entrar em negociações com o Duque de Vendôme. Despachou-lhe como embaixador o bispo de Roncoveri. A missão era importantíssima : Vendôme comandava então as tropas francezas na Italia. Por outro lado, era uma missão arriscada, porque esse alto personajem tinha tanto de imperiozo quanto de grosseiro. Um dos seus hábitos consistia em dar audiencias, sentado em um lugar... que não parecia pozitivamente um trono...

Nesse tempo, em vez dos *water-closets* modernos, o que se uzava eram as cadeiras furadas, por baixo de cujo assento se colocava um vazo. Posto em uma dessas cadeiras, Vendôme recebia toda a gente, dava ordens, assinava expediente e ás vezes chegava a almoçar.

O bispo de Roncoveri foi acolhido como os outros vizitantes. Isso o aborreceu extraordinariamente. Indignou-se. Não lhe era, porém, lícito mostrar essa indignação, porque não podia romper as negociações nem atrair para o seu chefe as cóleras do terrivel guerreiro. Limitou-se a não voltar lá.

Foi então que o Duque de Parma pensou

em substitui-lo por um padre muito geitozo, chamado Alberoni.

Alberoni aceitou a incumbencia, aprezentou-se tranquilamente, agradou, divertiu e bajulou o Duque de Vendôme, de modo tal que o cativou. Essa adulação chegou a um extremo nunca visto. Certa vez, quando o Duque se levantou da cadeira furada e começou a limpar-se, Alberoni teve uma exclamação de èxtazis bradando em italiano :

— *O culo de angelo ! :*

E, precipitando-se, beijou as nádegas do general francez, com a fúria e entuziasmo que um amante poderia ter para beijar o rosto de qualquer mulher bonita.

O Duque achou uma graça infinita nessa cena absolutamente imprevista. D'aí por diante Alberoni conseguiu tudo quanto quiz. Isso o fez subir rapidamente. Chegou a bispo, a arcebispo, a cardeal! Nomeado embaixador na Hespanha, ele se aclimou lá tão bem, que acabou por ser grande do reino e primeiro ministro de Felipe V.

E o início feliz dessa carreira vertijinoza foi aquele beijo tão baixamente colocado... Junto dessa degradação, o beijo no pé parece nobre e digno.

Mas ha um cazo pelo menos, em que o

beijo, não já nas nádegas, mas pozitivamente no ponto menos limpo do corpo não reprezenta uma baixeza. Elie Reclus, no seu livro sobre as Crenças Populares (1) diz: « Quando um brámane morre, o mestre de cerimonias repete uma oração *diante de cada abertura do corpo*, purifica-a com manteiga e beija-a ».

Mesmo com manteiga, não deve ser agradavel... O lugar é decididamente muito impróprio.

O beijo em objetos é uzual em quazi todas as cerimónias dos diversos cultos. Todos sabem por exemplo, que na cerimónia mais corrente do catolicismo — a missa — o padre tem que beijar o altar, pelo menos nove vezes. Como regra, sempre que ele recebe um objeto beija a mão que o dá e o próprio objeto (2).

Esse hábito de beijar os objetos antes de os entregar ás pessoas e que era de regra sempre que se dava qualquer couza a indivíduos poderozos, tinha uma triste orijem. Era do tempo em que havia o terror dos en-

---

(1) Pag. 29.
(2) Levasseur — *Cérémonial selon le rit romain* — I, 76; II, 670.

venenamentos. Beijar o objeto era provar — prova aliaz muito imperfeita — que ele não estava envenenado e pelo menos do seu contacto nada havia a receiar (1).

Mas é melhor pensar em beijos mais amaveis e, sobretudo, mais apetitozos.

Por mais que cubicemos a sorte dos antigos reis, que se aproveitaram desse costume, não podemos deixar de considerar ultrajante o díreito que lhes assistia de beijarem o colo das recem-cazadas.

Vamos, porém, ao beijo, que menos hoje se barateia : o beijo na boca.

Ele já foi uma fórmula banal de saudação. Tempo houve entre os Romanos em que era obrigatório para as mulheres : tinham de se deixar beijar por todos os parentes.

Propércio, poeta e ciumento, queixou-se em uma das suas elejias que a mulher que ele amava inventava parentes, só para ter o pretexto de dar e receber muitos beijos... Dizia-se entretanto, que esse costume fôra instituido em lei por Catão — Catão, o censor austero, cujo nome é sempre citado com respeito. Não tivéra, porém, para isso o menor

(1) Guyon — *Diverses leçons*, édition de 1690, pag. 78 cit. par Franklin — *La civilité* — I, pag. 68.

motivo frívolo. Ao contrário! As leis de Roma proíbiam ás mulheres que bebessem vinho. A obrigação para elas de beijarem os parentes era um meio dado a estes de fiscalizarem qualquer infração. Ái delas si pelo hálito traíssem que o tinham cometido! A pena era a de morte — nem mais nem menos! (1)

Assim, essa prática era a degradação do beijo — o beijo-polícia-secreta — o beijo espião!

Santos Chocano conta, porém, utilização ainda mais terrivel do beijo. E' uma lenda digna de figurar ao lado da de Severo Torelli, embora diferente.

Certa vez, um conquistador espanhol, Don Garcia de Peralta, pretendeu seduzir uma joven ìndia. Ela, que amava um sacerdote da sua relijião, um inca, recuzou-se sempre. Don Garcia fez prender o inca. Tornou-se por ódio, por vingança, por furor, o seu carcereiro. A india veio um dia ver o algoz de seu amante e entregou-se-lhe. Longamente, ele a beijou. Beijou e morreu por isso — porque ela pozéra sobre os labios o veneno que os índios costumam pôr nas setas. Quando o viu caír, ela precipitou-se, abriu o cárcere ao

---

(1) *Le Baiser* — p. 58, 59.

prizioneiro e contou-lhe o que sucedêra. Disse-lhe que ela tambem não podia escapar. mas que ele saísse, que fujisse, que reconquistasse a sua liberdade.

E o inca só teve uma resposta: beijou-a tambem; beijou-a muito; beijou-a para que os beijos envenenados matassem a ambos... Para que viver, si ela ia ali ficar inanimada? (1)

O beijo na boca, como fórmula de saudação corrente, estendida até mesmo aos extranhos, se perpetuou. Veio, pelo menos, até o seculo 16, em que viveu Montaigne. Nesse tempo as proprias rainhas tinham de se deixar beijar na boca pelos cardeais. Mas as outras senhoras, essas estavam obrigadas a receber os beijos que lhes quizessem dar quaisquer fidalgotes. Por isso, protestando, aquele escritor dizia: « E' um costume dezagradavel e até injuriozo para as senhoras, terem de emprestar os lábios a qualquer sujeito, que traga um séquito de trez lacaios, ainda que seja um tipo repugnante... » Quantos homens, porém, lembrando esses tempos ditozos, não terão inveja dos que neles viveram e repetirão melancolicamente o

(1) Santos Chocano — *Alma America* — p. 196.

verso de Musset: « *Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux.* » Mas Montaigne não parou naquelas palavras. Depois de citar uns versos latinos de Marcial, acrecentou mais alguma couza, informando-nos das vantajens e desvantajens de tal costume; «... nós não ganhamos nada com isso, porque, como o mundo está repartido, para beijar trez mulheres bonitas, temos de beijar cincoenta feias e para um estómago débil, como é o da gente da minha idade, um máu beijo cauza mais desgosto do que um bom cauza prazer » (1).

Não se creia que a informação dada por Montaigne possa ser alguma fantazia. Antes dele um prégador, que ficou célebre pelos seus sermões de um raro desbocamento, mas que exercia enorme prestíjio sobre as multidões, contava o que sucedia mesmo nas igrejas:

« Si uma senhorita está na igreja e chega qualquer fidalgote, é necessário (para manter os costumes da nobreza) que ela, ainda que esteja em meio da maior devoção, se levante entre o povo e o beije bico a bico... Diabos levem tal costume! » (2)

(1) MONTAIGNE. — *Essais.* — Edition Garnier, II, p. 267.
(2) A. FRANKLIN. — *La civilité* — I, 131.

E a moda persistia no seculo 17. Tanto persistia que Fitelieu, escrevendo um volume para combater os máus hábitos da civilidade do seu tempo, achava — e isso era em 1642 — que o processo dos cumprimentos beijocativos era contrário « á pudicícia das moças ».

Como, porém, sermões e discursos dificilmente podiam suprimir uma praxe tão seguida, ela, em alguns lugares, veio até o meio do seculo 19, porque ainda em 1832 um compendio de civilidade, o *Corifeu dos Salões* dizia, tratando das regras aplicáveis á boa sociedade : « Na Alemanha é costume cumprimentar as senhoras, beijando-as na boca (1). »

Poder-se-ia talvez examinar si Montaigne, o celebre autor dos *Ensaios*, tinha razão e principalmente si aquela proporção de *trez* bonitas para *cincoenta* feias era ou, em nossos dias, ainda é exata. Mas para que? O costume não voltará. O beijo tem hoje inimigos rancorozos. Todos os congressos científicos contra a tuberculoze falam mal dele. Já houve até um homem enérjico, deputado da Virjínia, o Sr. Ware, que aprezentou á assembléa,

---

(1) E. Bonafé. — *Revue des Deux Mondes*, juin 1893.

de que é com certeza membro conspícuo, um projeto tendendo a limitar o uzo do beijo ás pessoas sadías (1). Seria curiozo examinar as dispozições desse projeto. Naturalmente os que dezejassem exercer o direito beijocativo far-se-iam examinar e trariam depois um distintivo bem vizível...

O projecto do Sr. Ware não passou; mas a guerra contra o beijo vai continuando : é cada vez mais feroz. E precizamente os beijos mais condenados são os que Montaigne desdenhava, porque neles o perigo é duplo : tanto de quem os dá, como de quem os recebe.

Sabendo que esse projeto naceu nos Estados-Unidos, onde já se tem constituido ligas contra o uzo do beijo; lembrando o que entre os povos da raça chamada latina se fez de análogo, um ponto seria interessante estudar, questão, que se poderia chamar com solenidade, de *etnologia osculatória :* « qual é o povo que melhor sabe beijar? »

Desde as primeiras palavras, assim que se formulasse a questão, os nossos inimigos poderiam querer afastar-nos da concurrencia, lembrando que nós, os brazileiros,

---

(1) Citado por Ch. Féré, — *L'hygiène du baiser.*

temos orijens, que podem dizer-se *anti-beijocativas*. Entre os múltiplos elementos, que figuram na constituição da nossa nacionalidade, estão efetivamente os botocudos. O grave e austero Southey, na sua « Historia do Brazil » (1) mostra que os enfeites que eles punham na boca, os impediam de dar beijos. Esses enfeites eram rodelas de osso inseridas nos labios : impossivel, nessas condições, fazer aquela pequena e gostoza operação!

Mas, em primeiro lugar, restaria ver até que ponto os referidos selvajens contribuiram para a formação da nossa nacionalidade. Depois, não é raro que os decendentes, adquirindo uma virtude — ou um defeito — que os acendentes não tinham, procurem de algum modo compensar o tempo perdido pelas gerações anteriores. A verdade é, portanto, que do fato de alguns selvajens brazileiros estarem até materialmente impedidos de pensar no beijo, não é lícito tirar concluzões contra nós. Nada nos impede de entrar no concurso : « Qual é o povo que melhor sabe beijar? »

Naturalmente os candidatos não serão pou-

---

(1) Vol. 1, paj. 18.

cos. A presunção nacional de cada um disputará essa primazia. Mas como a questão, ao menos por ora, é insoluvel, porque falta uma unidade do sistema métrico decimal, que se aplique á medição dos beijos ou uma reação química que permita empreender a sua análize qualitativa, tomemos um critério especial : a linguajem. A' maior riqueza de vocabulário deve corresponder maior variedade de beijos.

Admitindo este critério, uma surpreza nos está rezervada : o Dr. Christopher Nyrop, professor de filolojia na Universidade de Copenhague faz notar que não ha lingua nenhuma, que tenha tantas palavras para dezignar o beijo e a ação de beijar como o alemão. Com a facilidade de compôr palavras, ele chega a verdadeiras subtilezas. O Dr. Nyrop, depois de uma longa lista de substantivos, menciona os seguintes verbos, cuja tradução foi feita por João Ribeiro, que é não só um dos nossos homens de letras mais ilustres, como o que está mais habituado a traduzir em verso excelentes compozições de poetas alemães. Mas João Ribeiro é o primeiro a advertir que entre tantas subtilezas bem pode ser que ele não tenha sido muito fiel; consola-se apenas lembrando que

tambem a fidelidade dos beijos não é, em geral, muito grande. A lista é a seguinte :

Aukũssen — beijar ; indica contacto demorado.

Aufküssen — cobrir de beijos ; acordar (a quem dorme) com beijos.

Ausküssen — não beijar mais. Pôr termo ou fim aos beijos.

Durchküssen — beijar todo o objeto de um extremo a outro, de uma ponta a outra.

Emporküssen — Intraduzivel. Quer dizer : indicar um beijo pelo movimento dos labios. Corresponde ao « *levantar os olhos para...* » O povo diz : *mandar um criado*, isto é, mandar um beijo ao lonje.

Herküssen — *Her* indica direção para a pessôa que fala. Venha ou vá um beijo; passe para cá um beijo ou tome-o.

Nachküssen — Literalmente seria *post-beijar*, isto é, beijar ainda uma vez ou mais uma vez. Em certas frazes temos um adjetivo que exprime essa idéa e é *extraordinario* — quando se diz por exemplo, um *prato extraordinario*,

qualquer couza a mais, fóra da conta, suplementar; tambem se diz *extra*.

Vorbeiküssen — beijar, passando, de caminho. Beijar levemente, oscular.

Widerküssen — tornar a beijar, *re*-beijar.

Zerküssen — beijar a torto e a direito. *Beijocar*.

Zuküssen — ajuntar um beijo a outros. Fechar, concluir com um beijo.

Zuruckküssen — beijar *en retour*, em paga, em resposta. Voltar a beijar.

Entküssen, *fortküssen*, *weghüssen e abküssen* — significam todos apagar destruir qualquer dôr ou magua com um beijo ou á força de beijos. A diferença está em que *ent* exprime negação, *ab* extração, *fort* e *weg* expulsão. Todos indicam a destruição de um sofrimento e exprimem beijos de consolação, de compensação, de alívio, remédio ou cura.

Ha ainda, exprimindo nuances que escapam ao tradutor : *beküssen*, *erküssen* e *verküssen*.

E' forçozo confessar a admiravel riqueza dessa lingua, que substitue longas perífrazes por simples palavras. Mas isso mesmo dá vontade de inventar processos novos de beijos, inéditos e imprevistos, só para fujir a

essa catalogação, a essa etiquetagem tão cheia de nomes e sub-nomes, graças á qual antes de se dar um beijo já se está com a impressão de que ele não tem mais a mínima frescura, porque já se acha inscrito em todas as pájinas de todos os bons dicionários.

Francamente, a pobreza da nossa lingua é preferivel... Diz-se : *beijar* — e acabou-se. Como, quando, porque, para quê, onde, etc, etc, etc, são circumstáncias que se devem geralmente omitir. Só interessam aos que beijam e são beijados. E' melhor que fiquem numa vaga e saboroza confuzão...

E a confuzão é tão justa que, embora a nossa lingua venha diretamente da latina, nós misturamos palavras de gíria e palavras nobres. Dir-se-ia que isso se fez para mostrar como o amor, de que o beijo é a mais suave prova, se acomoda mal com idéas de fidalguia e plebeísmo.

Vejam, por exemplo, a palavra *ósculo*. É uma palavra nobre, um termo fidalgo, que hoje só se emprega, e ainda assim raramente, em poezia. Vem diretamente do latim. Em latim *osculum* é boca pequena. Nós fizemos em portuguez, no povo, o termo *boquinha*. É um vocabulo que pinta o que quer dizer, porque mesmo as bocas maiores se fazem

boquinhas para beijar. De modo que a mesma idéa em portuguez é expressa por uma palavra emproada e solene, que só se uza na linguajem elevada e por outra palavra de gíria, bem simples, bem popular : a *boquinha* é ósculo, o *ósculo* boquinha é.

Em francez dá-se couza análoga, embora menos nítida que em portuguez. Ficou a palavra fidalga *osculation;* mas a gíria lhe poz ao pé o *bécot*, biquinho.

Nesse capítulo — que ainda uma vez se repita : — não ha fidalguias e plebeísmos.

E' certo, entretanto, que, á parte mesmo a questão de hijiene, a idade de quem dá e recebe um beijo e o lugar onde ele é depozitado não são cousas indiferentes. O grande poeta espanhol Campoamor tentou uma classificação dos beijos debaixo desses dois aspetos :

> Desde o pequeno berço ao ataúde
> varía o beijo e já alguem o disse :
> ele traduz *amor* na juventude,
> *esperança* traduz na meninice,
> para os adultos pode ser *virtude*
> e é só *recordação* para a velhice.
>
> Ha, pois, no beijo a nítida expressão,
> a expressão sem igual
> de um idioma eloquente e universal

que, em cada vida, em cada incarnação
muda com o lugar e com a idade :
quer nos cabellos exprimir *bondade*,
nos olhos *iluzão*,
e, si na fronte exprime *majestade*,
sobre os lábios em flôr traduz *paixão*.

Os versos, na sua lingua orijinal, sem a traição da tradução — *traduttore tradittore* — são bonitos. Mas isso não prova nada. Todos os tratados de lójica aludem á grande dificuldade das classificações. A classificação de Campoamor é muito falível, porque a experiéncia prova que frequentemente os beijos erram, em confuzão, dos lábios á fronte, dos olhos aos cabelos, misturando tudo : a paixão e a iluzão, a bondade e a majestade... E' uma verdadeira trapalhada — trapalhada, aliáz, deliciozíssima...

Pedir lójica e rigor aos poetas seria realmente um absurdo. Um deles — dos melhores, dos mais inspirados — escreveu a *Filozofia do Beijo* :

Era no Eden, ao morrer do dia...
Adão, o moço Adão recem-creado,
olhava a natureza entuziasmado...
A sombra era nupcial e Eva sorria...

E foi então, diz ele, que Adão deu em Eva o primeiro beijo.

Que isso é falso, já o sabemos. Mas o exemplo é bom para fazer vêr como um homem, assim que pensa em exprimir as suas idéas por meio de frazes metrificadas perde logo toda a noção de rigor. Assim o Sr. Lucio de Mendonça, que é um juiz austero, cujo escrúpulo em examinar as questões que lhe são afetas é conhecido, esqueceu inteiramente o estudo dos autos — os autos, para este cazo especial, eram os dois primeiros capítulos do Génesis — e atirou-se a uma informação inteiramente falsa.

Talvez o tenha induzido a erro afirmação idéntica de Luiz Guimarães Junior, falando de Eva :

> Adão, ao vê-la nua e iluminada
> pelo celeste olhar onipotente,
> sorriu, tremeu, chorou — e humildemente
> beijou a fronte á loira despozada.

Mas para dignificar o beijo, em vez de lhe atribuir fantásticas antiguidades, talvez conviesse melhor figura-lo como uma invenção humana, já atestando um alto gráu de cultura. Os que, entretanto, queiram fazê-lo nacer no Paraízo Terrestre devem antes aderir á hipóteze de um grande poeta mexicano, Don Manuel Maria Flores. Ele inverte a

descrição de Luiz Guimarães e Lucio de Mendonça. Dá a Eva a iniciativa do primeiro desses deliciozos gestos. Na sua bela, na sua maravilhosa poezia, elle pinta Eva surjindo do flanco de Adão :

> ... de un nuevo ser que vida recibía
> una blanca figura luminosa
> alzóse junto á Adán... Adán dormía.
>
> ... La dulce palidez de la azucena
> que se abre con la aurora
> y el casto rayo de la luna llena,
> dejaron en su faz encantadora
> la pureza y la luz. Los frescos labios,
> como la rosa purpurina, rojos,
> esa mirada en que fulgura el alma
> en los rasgados y brillantes ojos,
> y por el albo cuello,
> voluptuoso crespón de sus hechizos,
> la opulenta cascada del cabello
> cayendo en olas de flotantes rizos.
>
> Su casta desnudez iluminaba,
> su labio sonreía,
> su aliento perfumaba,
> y el mirar de sus ojos encendía
> una inefable luz que se mezclaba
> del albor al crepúsculo indeciso...
> Eva era el alma en flor del Paraíso.
> Y de ella en derredor, rica la vida
> se agitava dichosa;

naturaleza toda palpitante,
como á la virgen trémula el amante
la envolvió cariñosa.
Las brisas y las hojas le cantaban
la canción del susurro melodioso
al compás de las fuentes que rodaban
su raudal cristalino y sonoroso;
en torno ceñrillos voladores
su cabello empapaban con aromas,
suspiraban pasando los rumores,
y trinaban mejor los ruiseñores,
y lloraban más dulce las palomas;
en tanto que las rosas extasiadas,
húmedas ya con el celeste riego,
temblando de cariño á su presencia
su pie bañaban de fragrante esencia
y se inclinaban á besarle luego.

Iba á salir el sol, amanecía,
y á la plácida sombra del palmero
tranquilo Adán dormía;
su frente majestuosa acariciaba
el ala de la brisa que pasaba,
y su labio entreaberto sonreía.

Eva le contemplaba
sobre el inquieto corazón las manos,
húmedos y cargados de ternura
los ya lánguidos ojos soberanos;
y poco á poco, trémula, agitada,
sintiendo dentro el seno, comprimido
del corazón el férvido latido,
sintiendo que potente, irresistible,
algo inefable que en su ser había,

sobre los labios del gentil dormido
los suyos atraía;
inclinóse sobre él... y de improviso
se oyó el ruido de um beso palpitante;
se estremeció de amor el Paraíso...
¡Y alzó su frente el sol en ese instante!

E' uma hipóteze arrojada figurar Adão tão bonito que, mesmo dormindo, Eva o achasse sedutor e não rezistisse á tentação de lhe dar o primeiro beijo. Mas emfim com o caráter um tanto... (chamemo-lo assim!),... um tanto tropical da nossa veneravel avó, o cazo era possivel. Depois, coitada! não tinha nenhum outro termo de comparação. Si em terra de cégos quem tem um olho é rei, em terra de bichos, quem é homem, é, por força, homem bonito. Em todo cazo, mais vale a supozição de Don Manuel Flores que a de Lucio de Mendonça.

E' verdade que Lucio resgatou a sua falta ao entrar propriamente no terreno da poezia, quando mais para diante escreveu estas formozas quadras :

E' o beijo a mais doce recompensa
e a gloria melhor! Ai, merecê-la
de uns labios virjens! Cái como estrela
na altiva fronte do que sonha e pensa!

O beijo é um hino a quatro lábios. Sina
inditoza não ha pr'a quem o canta.
Nace do beijo o amor, que tudo encanta,
como Eloá da lágrima divina!

Filozofia excelente, á qual ninguem deve hezitar em aderir. Oxalá o poeta juntasse a isso um cabedal seguro de informações mais exatas sobre a vida e feitos de Adão e Eva e não atribuisse ao nosso primeiro pai — tipo absolutamente refratário a entuziasmos, iniciativas que ele nunca teve.

Apezar disso, não se imajina como essa fama de gentileza está divulgada a respeito de Adão. Não se sabe bem si Filinto de Almeida tambem se deixou iludir por essa falsa tradição, falando do beijo :

« ... o selo da amizade
e do amor! Ele só nos dá felicidade.
Dois corações que o tédio ou o cansaço importune,
só um beijo de amor os levanta e reune.
O beijo é vida, o beijo é luz, o beijo é glória!
Observai bem : vereis que o beijo é toda a história
da humanidade. Foi o beijo primitivo
que na terra o primeiro homem tornou cativo
da primeira mulher; depois, ardente ou brando,
veio o beijo do amor as raças perpetuando,
unindo gerações a gerações e unindo
o passado ao futuro, insondavel e infindo.
O beijo é a transfuzão das almas; ele encerra
tudo o que possa haver de divino na terra. »

O que é poezia e lirismo — está muito bom; mas não se sabe bem si o autor admite a asserção errónea, porque ele esquivou a dificuldade histórica. Gabando os méritos do beijo, que « tornou o primeiro homem cativo da primeira mulher », ele não disse quem foi o autor desse gesto sublime.

Do cazal primitivo só ha que louvar Eva. Eva, sim! era uma rapariga amavel e exuberante, que logo se atirou ao fruto proíbido. Vicente de Carvalho parece disposto a dar-lhe tambem a autoria do primeiro beijo; mas sem considera-lo uma couza divina. Ao contrário! Ele pensa que o beijo é uma invenção do Diabo :

Só uma vez Satan respirou satisfeito,
e arregaçou-lhe o beiço um pérfido sorrizo,
quando um dia, ao sair do seu covil estreito,
de repente se achou dentro do paraizo.

A primeira impressão que teve foi de inveja :
daquele estranho quadro o imprevisto esplendor
só lhe poude arrancar á bôca malfazeja
uivos de cão ferido, imprecações de dôr.

Mas, de repente, como o corisco clareia,
o tenebrozo céu nas borrascas de agosto,
uma ideia triunfante, uma sinistra ideia
fuzilou-lhe no olhar e iluminou-lhe o rosto.

Sobre um macio chão todo em musgos e rozas,
Eva, formosa e nua, adormecera ao luar.
e sobre a alva nudez dessas formas graciozas
Satan deixou cair um desdenhozo olhar...

Mas num sonho talvez de couzas ignoradas,
num dezejo sem alvo, imperfeito e indecizo,
Eva os lábios abriu, — e abriram-se orvalhadas
de um suspiro de amor, as rozas de um sorrizo.

Espantado, Satan viu que esse mármore era
animado e gentil, ardente e encantador;
como um rezumo viu de toda a primavera
na frescura sem par daquela boca em flor.

E foi sómente então que o Principe da treva
imajinou o amor furiozo e desgrenhado,
e rezolveu fazer dos rózeos lábios de Eva
o calix consagrado ás missas de Pecado.

Lábios feitos de mel, de rozas ao sereno,
Do céu do amanhecer, franjado em roziclér...
Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno,
sorriu. Tinha inventado o beijo da Mulher.

Invenção delicioza! Sem duvida, ela conduz a pecados que depois se pagam no inferno, com suplícios pavorozos, mas na Terra é boa, doce, gostozíssima.

No entanto, a acreditar no que disse um dos maiores poetas, os beijos do Diabo são horríveis. No *Livro dos Reis* — poema céle-

bre, escrito no século II pelo poeta persa Ferdousi, se conta que o Diabo beijou o tirano Zohak no hombro. O lugar do beijo ficou marcado por uma úlcera, cujas dores atrozes só cessavam quando se aplicavam sobre ela cérebros de pessoas que acabassem de ser assassinadas (1)!

Essa história deve ser falsa... Satanaz é muito caluniado!

Por mim, eu prefiro crer como Vicente de Carvalho disse, que ele tenha inventado os beijos femininos. Ora, tendo feito isso, não precizava crear úlceras em ninguem e — de mais a mais — úlceras tão crueis que necessitassem daquele bárbaro tratamento, com cérebros frescos. Os simples beijos femininos, quando, depois de saboreados, se furtam a quem os pede, bastam ás vezes para ulcerar as almas de um modo mais atroz, um modo que não tem cura... Bastaria que o Diabo tivesse feito alguma mulher inspirar a Zohak uma paixão desse género, para castiga-lo ferozmente.

Mas, a propózito de beijos e frutos proíbidos, poder-se-ia estudar até que ponto o beijo é proíbido ou permitido pela igreja

---

(1) Elie Reclus. — *Les croyances populaires*, pag. 29.

católica. Pois bem. Apezar do problema ser antigo, da Biblia estar cheia de referéncias a isso — só no Cantico dos Canticos ha deles uma delicioza chiadeira! — o assumto não parece decidido, de um modo firme e seguro. Os autores diverjem.

Monsenhor Bouvier no seu *Manual dos Confessores, Dissertação sobre o 6.º mandamento e suplemento ao trabalho sobre* o *cazamento* », depois de muitas considerações preliminares, rezume a sua doutrina nas seguintes concluzões :

« 1.ª — Não se deve acuzar de pecado mortal aquele que, requestando uma moça em cazamento, beija-a honestamente cada vez que chega ou que parte, sem que haja perigo de movimentos apaixonados ou pelo menos sem que haja o perigo de consentir nisso. Por mais forte razão não se pecará si se tem obrigação de fazer esse ato de civilidade, sem parecer ou escrupulozo ou orijinal, ficando assim motivo de zombaria ou gracejo das outras pessoas.

2.ª — A mesma cauza nos deve fazer desculpar uma moça que não podesse, sem se tornar objeto de chacota ou arriscar-se a dezagradar a seu noivo, recuzar os beijos

honestos que lhe pede o moço pelo qual ela é requestada para se cazar.

3.ª — E' bom não acuzar levianamente de pecado grave as pessoas moças de um e de outro sexo que, em certos jogos, se beijam decentemente, sem malícia. Sem duvida, é prudente procurar dissuadi-los desse modo de brincar; mas, no proprio interesse de sua salvação, convém, mais do que seria lícito supôr, não os acuzar irefletidamente de terem cometido um pecado mortal » (1).

Monsenhor Bouvier era um personajem consideravel. Quando escreveu sua obra servia, em França, como bispo de Mans. Essa obra era adotada nos seminários. Vê-se que tinha o mérito de ser tolerante. Basta, na sua opinião, que um noivo se mostre zangado com a noiva para que ela não tenha o direito de lhe recuzar os beijos pedidos.

Os interessados devem aprender...

Por isso, confiado em que sempre acabaria por obter o perdão do papa, o autor de uma quadra popular italiana dizia á namorada :

> O bella figlia, o bella garzona ,
> baciate me, chè il Papa vi perdona ;

---

(1) *Op. cit.* — Cap. IV. article II, paragraphe 1.

baciate me, chè io baceró vui,
chè il Papa ci perdona tutti e dui (1).

Já, porém, o padre E. Bauny, da Companhia de Jezus, no seu livro *Exame de certos pecados*, diz que o beijo, sem nenhuma outra intenção pecaminoza, é, pelo simples prazer que dá, um pecado mortal — e cita em apoio da sua doutrina São Paulo e São Cipriano. E' verdade que esse padre exijente não prega moral apenas para os profanos. Lembra que Pio V, num decreto do anno 1561 e Clemente VIII, muito tempo depois, se ocuparam da criminalidade dos padres, que abuzam do confissionário para, entre outras couzas, furtar beijos ás suas confessadas... (2)

O *Dicionario dos Cazos de Conciéncia*, publicado por Pontas no principio do seculo 18 e depois em 1865 revisto e reeditado pelo celebre Abbé Migne, confessa que a questão é discutivel, mas opta pelo rigor. Ele figura um noivo que, fazendo frequentes vizitas á noiva lhe dá beijos « com algum prazer, de pouca duração, mas sem nenhuma

---

(1) NYROP. — *The Kiss*, paj. 75.
(2) Cap. I, conclusions 10, c. 12.

intenção criminoza: pode dizer-se que, ajindo assim, ele peca mortalmente ? »

Lealmente o autor confessa: « Ha dúvidas sobre o cazo. » Mas acrecenta imediatamente : « A opinião mais severa é a única segura, e um confessor prudente não deve relaxar neste ponto, porque a fraqueza humana é tão grande, que ha sempre muito que temer que essa espécie de pessôas não cáia emfim numa tentação mais violenta e que afinal não sucumbam, tomando liberdades, que levam a isso muito rapidamente, mas a que elas imajinam ter direito sob o especiozo pretexto de noivado. » E para apoiar este conselho o autor acrecenta: « A longa experiencia do confissionário, que já temos ha mais de 55 anos e as detestaveis consequéncias que vimos nacerem dessas carícias prematuras, nos obrigam a dar esta opinião aos confessores, que, ás vezes, por falta de bòa orientação, passam muito de leve sobre uma matéria tão importante » (1).

Em rezumo a opinião dele é que quem quer beijos, caza primeiro. Ser noivo não basta... De beijo em beijo, vai-se ao fim do

---

(1) *Op. cit.*, vol. I, pags. 173-174.

dezejo. O velho padre (si ele ha 55 annos confessava, que idade devia ter ? Não menos de 80...), era prudente.

No entretanto, em face de todo este rigor, vale a pena vêr que em sua Mœchialogia (1), o padre Debreyne, relijiozo trapista, aceita inteiramente, aceita e transcreve os ensinamentos de Monsenhor Bouvier, ensinamentos cuja tolerancia é notavel. Não ha quem seja mais minuciozo e explícito do que este trapista! Ora, os trapistas, ninguem o ignora, vivem sob uma regra muito rigoroza. Antes de tudo, devem abster-se de conversas. A' parte as orações, a que são obrigados, é-lhes apenas aconselhado que, quando se encontrem, se saúdem com a conhecida fórmula: *Frère, il faut mourir !* O que faz, portanto, o grande mérito da tolerancia do padre Debreyne é que — pelo menos, assim o devemos supôr — não a queria para seu uzo. Quando ele murmurava : *Frère, il faut mourir!* completava a fraze mentalmente : « Irmão, é necessario morrer... mas em-

(2) Moechialogie. — Cours de Luxure, traité des pêchés contre les sixième et neuvième commandements du Décalogue et de toutes les questions matrimoniales qui s'y rattachent directement ou indirectement, suivie d'un abrégé d'embryologie sacrée. Chap. II, article II. paragr. 2.

quanto não morreis, beijai-vos uns... *ás outras...* »

Era um padre manso e bom. O difícil é saber como a doutrina do Bispo Bouvier, que ele perfilha, se concilía com aquela fulminante declaração do papa Alexandre VII, que em 1664 declarou formalmente que os beijos constituíam pecados mortais (1). Teria, porém, esse papa uma autoridade muito séria em tal assumto? Não basta achar-se no sólio pontifício para poder decidir

---

(1) Núma obra de cazuística, muito recomendada, *Examen ou Décisions Théologiques sur les devoirs et les pêchés des diverses professions de la société :* Paris, 1869, se diz tambem, tratando de beijos, que « si são dados ou recebidos voluntariamente com prazer lacivo, constituem pecados mortais. Mas um beijo ou um abraço, sem motivo de concupicéncia, unicamente por distração ou curiozidade e que aliaz não fosse dado sobre um objeto que podesse levar gravemente a libidinozidade, será apenas pecado venial ». E longamente, em latim, o autor enumera todos, ou quazi todos os beijos possiveis... Enumera-os tão bem, num latim tão transparente, que não pode ser citado... *Op. cit.*, vol. I, p. 285.

Tambem em latim é a obra de cazuística mais recente e mais notavel. Apezar da lingua em que é escrita e de constar de dois grandes volumes, publicada em 1902, já em 1903 estava na sua segunda edição. Chama-se *Casus Conscientiae* e tem por autor o jezuita *Augustino Lehmkuhl.* E' dos amaveis. Permite os beijos... simples. Proíbe formalmente os demorados e ardentes, « cum mora et ardore... » *Op. cit.*, I, 275 casus 158.

sobre certas questões delicadas. Ora, Alexandre VII tinha nacido em 3 de fevereiro de 1599. Estava, por conseguinte, quando expediu aquele terrivel preceito com 65 annos de idade. Aos 65 annos de idade, ele devia entender mais de cantochão, que de beijos... Curiozo seria saber o que ele pensava aos 18 ou 20... Talvez tivesse a mesma opinião de João de Deus :

Beijo na face
pede-se e dá-se.
Dá ?
Que custa um beijo ?
Não tenha pejo :
vá !

Um beijo é culpa,
que se desculpa...
Dá ?
A borboleta
beija a violeta :
vá !

Um beijo é graça
que a mais não passa :
dá !

Diante destes argumentos, que não são um prodíjio de lójica, porque não ha nenhum

direito de tirar concluzões das borboletas para os homens, a moça cedeu.

O poeta logrou apanhar o primeiro beijo. Mas como *comer, coçar, e... beijar — tudo está em começar,* passou logo a pedir o segundo.

Um é tão pouco
flôr!
Deixa, concede
que eu mate a sêde,
amor!

Talvez te leve
o vento em breve,
flôr!
A vida foje...
A vida é hoje,
amor!

Guardo segredo,
não tenhas medo,
pois.
Um mais na face,
e a mais não passe :
dois!

E ele deu o segundo. Mas logo o ambiciozo quiz mais. Pediu o terceiro :

Trez é a conta
certinha e justa.
Vês?

E que te custa?
Não sejas tonta!
Trez!

Trez, sim: não cuides
que te desgraças...
Vês:
— trez são as Graças,
— trez as virtudes,
trez!

As folhas santas,
que o lirio fecham
— vês? —
e não o deixam
manchar, são — quantas? —
trez.

O poeta acaba aí. Não sabemos si obteve. Não sabemos si foi adiante. E' bem possivel que, a partir do terceiro beijo, não fosse precizo pedir mais nada. Talvez, a começar desse ponto, lhe tenha sucedido o mesmo que ao autor daquela quadra popular:

Dei-lhe o primeiro: córou...
Dei-lhe o segundo: sorriu...
Todos os mais que levou
foi ela que m'os pediu...

Pedir... foi talvez excessivo. Mais consentir era perfeitamente natural. Todos sabem a

velha anedota daquela moça que ouviu ler o texto do Evanjelho em que o Cristo aconselha que quem levar uma bofetada em qualquer das faces volte a outra para apanhar segunda. E com uma lójica irrepreensível ella dizia :

« Si é assim para as bofetadas, por maioria de razão deve ser para os beijos ! »

Aos beijos na face faltam aliaz definições tão pitorescas como ha para os beijos na bôca. Verlaine escreveu :

« Baiser ! rose trémière au jardin des caresses,
vif accompagnement sur le clavier des dents
des doux refrains qu'amour chante en les cœurs ardents
avec sa voix d'archange aux langueurs charmeresses! »

Ninguem desconhece a definição de Rostand, em Cyrano de Bergerac. Lucio de Mendonça a traduziu em versos excelentes :

« Um beijo : mas emfim que grande couza é essa ?
Jura que mais de perto é jurada, promessa
mais clara, confissão que quer confirmação,
ponto rózeo no *i* da palavra paixão,
segredo que se diz á boca em vez da orelha,
instante de infinito em sussurro de abelha,
com resaibo de flor íntima comunhão,
modo de respirar um pouco, á flor dos lábios, a alma. »

O trecho é todo ele delicado e mimozo;

mas o verso capital, que aliaz Lucio de Mendonça adaptou muito bem :

« un point rose qu'on met sur l'*i* du verbe aimer »

é o mais fraco, o menos expressivo, o peior de todos. Um pouquinho de meditação fará ver que isso não quer dizer absolutamente nada. Alfredo de Musset escreveu uma poezia em que comparou a lua vista sobre uma flecha esguia de catedral a um ponto sobre um *i*. A comparação foi perfeita. Todos nós imajinamos o *i* e vemos sobre ele o respetivo ponto. E' uma comparação *que faz imajem*. Em que, porém, duas pessoas que se beijam produzem qualquer couza que se pareça com um ponto sobre o *i* da palavra *aimer*, da palavra *paixão* ou de qualquer outra ? Em nada. O verso de Rostand é um puro jogo verbal, sem o mínimo atrativo pitoresco. O resto do trecho é muito melhor — embora lhe falte a extravagáncia daquele verso que soube tornar-se popular. Tobias Barreto tem uma poezia, que precizamente se intitula — « o Beijo » — em que já menciona aquela outra imajem : « segredo que se diz á boca em vez da orelha ». O poeta figura-se em um bosque com uma rapariga bonita e está a pedir-lhe um beijo :

Quanta sombra !... Repouza
descança aqui :
vou dizer-te uma couza
que eu sei de ti.

Mas só digo na bôca ;
no ouvido, não...
Anda, espera ; que louca !
Retira a mão !

Suspirar-te um segredo
deixa, que tem ?
Cuidas que no arvoredo
boliu alguem ?

Foi o vento ; ora, essa !
Ninguem boliu.
Chega... Dá-me depressa...
Está ! Quem viu ? »

Bem recitada, é uma poezia muito gracioza. Lá está a mesma idéa do segredo, que ele só dirá na bôca e não no ouvido.

Tobias Barreto e João de Deus tinham razão em insistir quando, pedindo um beijo, encontravam negações formais. Essas negações nem sempre valem muito : são, ás vezes, fórmulas tímidas de um consentimento, que quer ser conquistado... Bem o diz aquela quadra :

Quando o *não* quer dizer *sim*,
é um *sim* envergonhado,
não ha couzinha melhor
do que um beijinho roubado!

E' claro que, quando o beijo é uma violencia brutal, arrancado a despeito do ódio, não vale nada. Nem satisfaz a quem o furta, nem macúla á que se vê forçada a consentir. Era o que Guarini dizia :

« Bocca bacciata a forza,
se'l bacio sputa, ogni vergogna ammorza. »

Mas ás vezes a violencia parece grande e é apenas simulada. O velho preceito : *na dúvida, abstem-te,* aqui deve ser invertido : *na dúvida... procura furtar...*

No entanto, um poeta brazileiro de certa notoriedade, o Visconde da Pedra Branca, tinha uma teoria singularíssima. Dizia ele :

Nunca te pedí um beijo.
Pedido, que gosto tem ?
Do amor o que não é dado
é frio, não sabe bem.

Hom'essa ! Pois então ele queria que a namorada lhe oferecesse beijos ? que fosse dela que partisse a iniciativa ?

Mas ele não parava aí. Acrecentava :

> O beijo dado escondido
> toma do crime a feição ;
> pode fartar o dezejo,
> mas não farta o coração.

Este visconde era da escola dos namorados de bonde, que se abraçam á vista de todos, com um máu gosto abominavel, porque exatamente certos carinhos, quanto mais escondidos melhores. E um pouco de crime tempera agradavelmente certas sensações...

Merimée tornou lendária aquela mulher que, tomando um sorvete, achava-o tão bom que, para achal-o ainda melhor, dizia saboreando-o : « *Que pena que não seja um pecado !* »

Aí é que está a delícia do beijo que se furta : são dois pecados ao mesmo tempo : o do beijo e o do furto...

E não se imajina que formas diversas os poetas tem dezejado revestir só para furtar beijos.

Victor Hugo — tanto esse gesto admirável é tentador — disse o que daria por um beijo, si fosse rei ou deus :

> Enfant, si j'étais roi, je donnerais l'empire,
> et mon char, et mon sceptre et mon peuple à genoux,

et ma couronne d'or et mes bains de porphyre,
et mes flottes à qui la mer ne peut suffire
pour un regard de vous !

Si j'étais Dieu, la terre et l'air avec les ondes,
les anges, les démons courbés devant ma loi,
et le profond chaos aux entrailles fécondes,
l'éternité, l'espace et les cieux et les mondes,
pour un baiser de toi !

Dir-se-á que, si fosse Deus, ele não necessitava fazer tanta couza : bastaria querer. Mas Júpiter era tambem Deus e precizou andar metamorfozeando-se em bichos diversos, só para satisfazer a sua sède de beijos.

Por isso não admira si alguns poetas estão até promtos a abdicarem a sua dignidade de homens. Alguns declaram que lhes bastaria serem os tapetes que a pessoa amada piza ! Mais graciozo é o pensamento daquela quadra espanhola em que o amante pedia para ser a moringa, por onde a namorada beberia :

Alcarraza de tu casa,
Chiquita, quisiera ser,
para besarte los labios
cuando fueras á beber.

A verdade é que as comparações literarias a respeito do beijo, comparações verdadeira-

mente bôas, são muito raras, embora não menos raros sejam os poetas que não tenham tratado do assumto e ás vezes em versos magnificos.

Luiz Murat achou uma comparação delicioza :

> Teu beijo é a cotovia que descanta,
> meu lábio o ramo que lhe deu pouzada...

Antonio Feijó, o grande poeta lírico portuguez, disse admiravelmente :

> Ninguem sonhou palavras inflamadas,
> no incendio da paixão e do dezejo,
> que na eloquencia fossem igualadas
> ao frémito de um beijo.
> Deixemos, pois, as frazes requintadas,
> e os nossos versos lánguidos acabe-os
> o estrépito das rimas, esmagadas
> sob a pressão dos labios!

Em outro lugar, ele havia escrito, dirijindo-se a uma mulher, a quem chamava *Puríssima :*

« E's tu, ficção divina, a Esposa Prometida,
aquela virjinal, pálida creatura,
meiga como a pureza, alva como a candura,
que no meu coração tenho ha tanto gravada,
toda de sol vestida e d'astros coroada ?

E's tu o ardente ideal que o Sonho concebeu,
eco da minha voz, ser paralelo ao meu,
com o mesmo pensar e a mesma aspiração,
— dois corações marcando uma só pulsação,
chamas da mesma luz, lábios á mesma altura ? »

E a poezia vai por aí além, num largo sopro lírico. Mas para que gabar como uma vantajem, como uma perfeição especial da mulher, que o poeta cantava, os « lábios á mesma altura » ? Do mais alto dos homens e da mais pequenina das mulheres, quando chega o momento dos beijos, os lábios não tem a mínima dificuldade em ficar no ponto conveniente.

A fizica ensina que a *elasticidade* é uma propriedade geral da matéria. A prova mais brilhante de que isso é exato está precizamente no modo pelo qual os namorados de formatos mais diferentes, os grandalhões com as pequenininhas e os caturritas com as mulheronas, se ajeitam, se acomodam, uns se encolhem, outros se esticam e, no fim, o rezultado é sempre que, como queria Antonio Feijó, ficam os « lábios á mesma altura ! »

O poeta das *Líricas e Bucólicas* já tinha aliaz chegado a descobrir que até de lonje os beijos podem ir :

Daqui destas lonjes terras
para que o estro se incarne,
a ti, que no corpo encerras
as harmonias da Carne,

na aza dos vendavais
envio um beijo tão longo,
que as bocas, duas vogais,
possam formar um ditongo !

Esse ditongo seria um beijo; — e realmente, si o que carateriza os ditongos é a emissão simultánea de dois sons, que se misturam em um só, parece que cousa análoga deve suceder com o beijo, para o qual uma quadrinha popular achou tambem um símile orijinal, lembrando a suavidade e a côr de uns lábios dezejados :

Meu amor, dá-me cerejas
para eu comer ao almoço ;
beijinhos da tua boca;
cerejinhas sem caroço...

Mas para que ninguem se iluda com esta comparação injénua, outra quadrinha diz com razão :

Não sei bem quem seja o autor
desta sentença de pêzo :
o beijo é fósforo acezo
na palha sêca do amor.

Mas é bem pozitivo que ninguem pode ter a pretenção de correr todas as aluzões poéticas aos beijos : seria uma messe inesgotavel ! Pode-se, porem, a propózito da lembrança de Antonio Feijó, querendo mandar beijos de lonje, na aza dos vendavais, fazer notar que é uma preocupação frequente de namorados e poetas acharem um meio de transportar beijos — transporta-los, como si fossem couzas, objetos materiais, tanjiveis, sucetiveis de serem exportados.

Como si eles fossem objetos, falam tambem em troca-los e destroca-los os namorados que rompem. E' o cazo de Eugenio de Castro :

> Mandas-me as prendas que te dei outr'ora ;
> aí vão aquelas que me déste um dia...
> Seja ! acabe-se tudo... e que a alegria
> doire essa grácil cabecinha loura.
>
> Aí vai o lenço onde, orvalhada aurora,
> choraste, uma manhã, quando eu partia,
> e a mecha de cabelos, luzidia,
> dada em rizonha, inolvidavel hora.
>
> Aí vão as rozas onde a tua boca
> poizaste, afável, antes que m'as désses,
> certo dia em que eterno amor jurámos...

Nada mais tenho teu; é finda a troca,
si o dezejo não tens (ah! si o tivesses...)
de destrocar os beijos que trocámos...

Guimarães Passos, tendo furtado um lenço da namorada (crime previsto no art. 330 do codigo Penal), prometia restitui-lo, fazendo-o levar por quatro beija-flores, que o carregariam pelos ares, « pando, enfunado, cóncavo de beijos ». Maupassant confessou em uma das suas poezias que beijava muito os cabelos de uma criança, não tanto pela sua gentileza infantil, mas para que a mãi do pequenino, á noite, quando pozesse os lábios nesses mesmos cabelos, encontrasse aí os beijos que ele tivesse deixado e extranhasse aquele fogo insólito :

« Alors elle dira, frissonnante et troublée
par cet appel d'amour dont son cœur se défend,
prenant tous mes baisers sur ta tête bouclée ;
— Qu'est-ce que je sens donc au front de mon enfant? »

Maupassant revelava-se, nesse dezejo, da escola do autor anónimo de uma quadra popular :

Não ha ninguem como eu
p'ra gostar das criancitas;
mas só quando elas tem mãis
e quando as mãis são bonitas.

Talvez um dia a ciéncia venha a satisfazer o dezejo de tanto namorado, creando o *beijógrafo* — aparelho que rejiste e conserve os beijos.

Assim se satisfariam os dezejos de tantos poetas que quereriam guardar o sabor de certos beijos deliciozos. Deliciozos uns — e outros dezaproveitados. Destes últimos falava Raymundo Correia, pensando em uma rapariga, que morrêra em toda a sua pureza, sem ter dado nem um beijo de amor :

« E o beijo que eu pedi e que nunca me déste,
que em vida quiz colher e nunca foi colhido,
cai de teu labio como um fruto apodrecido...

Ada Negri, a extraordinária poetiza italiana, teve uma idéa vagamente idéntica a esta : a idéa de um beijo morto. Morto, não porque tivesse morrido quem o podia dar, mas porque ela quereria beijar alguem. Esse « alguem » não viu, não adivinhou o dezejo que fizera nacer ; — e o beijo que lhe era destinado, morreu sem ter nacido.

Fra l'erba, in una triste primavera,
una precoce mammola fiorí.
Fredda era l'aria. — Prima ancor di vivere,
l'esile fior morí.

Su la mia bocca, in una triste sera,
uma bacio dal mio cor per te fiorí.
— Volgesti il capo... — prima ancor di vivere,
il bacio mio morí.

Raymundo Correia, já que a moça, cujos beijos ele cubiçou, tinha morrido, podia dezejar que ela ficasse enterrada como aquele sujeito da quadrinha portugueza :

Si eu morrer em tua caza,
enterra-me num cantinho;
deixa-me a boca de fora
para eu te dar um beijinho...

Decididamente, o *beijógrafo* seria menos horripilante. Será, porém, ele possivel?

Por que não? Conservam-se e transmitem-se vibrações acústicas, no fonógrafo, no gramofone, no telefone.

Conservam-se vibrações luminozas na fotografia e espera-se alcançar a transmissão das imajens a distáncia. Por que não se obterá, um dia, a conservação do que constitui o beijo : uma certa pressão, um certo calor, uma certa humidade, um certo perfume... Fizicamente, o aparelho não teria outra couza que reproduzir. Bastaria encosta-lo á face ou aos lábios e ele faria reviver todas as fazes

daquele breve e deliciozo fenómeno. Certo, ele não daria a paixão, os sentimentos diversos que o haviam animado. Convem, entretanto, lembrar que tambem o fonografo não dá a beleza, o gesto, o sentimento real de quem cantou qualquer trecho que ele reproduz. Cada um, ouvindo-o, que evoque tudo isso...

Mas em todos os estudos sobre o beijo ha sempre uma lacuna insuprivel. Nós, homens, sabemos bem quais são os melhores beijos femininos. Não ha poeta que não tenha descrito a beleza deles, dizendo as perfeições, que mais prezamos : labios vermelhos, dentes claros, hálito puro... Mas qual o ideal feminino, a respeito dos beijos masculinos? E' uma confidéncia dificil de obter. Até as poetizas, que não duvidam falar dos seus amores e das suas paixões, esquivam a enumeração de pormenores a tal respeito...

Assim mesmo, o que cabalmente, de um modo explícito, elas não nos quizeram dizer, disseram á poezia popular, disseram aos provérbios. Ha uma quadra popular da Románia em que se fala da necessidade de um pouco de barba para dar sabor aos beijos, idéa traduzida em um provérbio alemão que declara que *um beijo sem barba é um ovo*

sem sal... Esse proverbio é tambem corrente na Holanda (1).

Assim, os rapazelhos que logo que vão chegando á juventude fazem os maiores esforços para ver dezabrochar o buço, catando e repuxando os fios, mal eles despontam, andam bem : preparam um condimento que a sabedoria popular declara ser muito util para tornar os beijos masculinos mais dezejados.

Mas será esse o unico requizito? Nem sempre. Na Dinamarca parece que as moças pedem mais, porque uma fraze popular diz que beijar uma boca sem barba e sem um pouquinho de cheiro de fumo é o mesmo que beijar uma parede (2).

E' verdade que talvez essa fraze tenha sido posta em circulação por fumantes incorrijíveis, que assim buscam elevar a um requinte preciozo o seu vício. A hipóteze é tanto mais verosimil, quanto o ilustre médico francez Charles Féré, um dos mais reputados clínicos de molestias nervozas, alude no seu trabalho sobre a hijiene do beijo a cazos dc divórcio ou pelo menos de repugnáncia inven-

---

(1) Nyrop. — *Op. cit.*, pag. 19.
(2) Nyrop. — *Op. cit.*, pag. 19.

civel entre os cónjujes, cauzados a jovens espozas por beijos de maridos muito dados ao fumo.

Seja como fôr, não se pode contar como normal o dezejo de um vício. Assim, a única indicação que fica para os interessados é que um pouco de bigode tempera agradavelmente os beijos...

Nem ao menos, á falta de outras indicações na literatura, podemos recorrer ás artes plásticas. Não ha nada mais dificil do que a reprezentação do beijo. Em regra, tanto os escultores, como principalmente os pintores escamoteiam a dificuldade, pondo duas caras tão unidas que não nos deixam vêr nada. Sujerem apenas. Nós é que completamos a cena. Mas o beijo em qualquer das suas fazes destacada e imobilisada é ridículo.

Ha insetos que passam no ar, voando rapidamente, com um frémito incessante das pequeninas azas e nos parecem gentilíssimos. Basta, porém, apanha-los e mira-los de perto, para vêr como aparecem bizarros, extravagantes, desproporcionados. As patas são, em geral, muito grandes e muito finas; as azas cheias de nervuras; os olhos imensos; o corpo um quazi-nada. A beleza só lhes vem da animação do vôo trepidante, pelo ar afora. Assim

o beijo. Só tem graça na sua integralidade, no conjunto de todas as fazes sucessivas. Por ora, só o cinematógrafo é que permitte reprezenta-lo com alguma graça.

Mas ainda aí que distancia da realidade á reprezentação!

Sempre, porém, que nós podemos expôr com minúcia e precizão onde está a beleza e a graça de qualquer couza, essa beleza e essa graça não são tão íntimas, tão comoventes, tão profundas, como quando nós só sabemos dizer que elas rezidem em um « não sei quê ». O que se define se desflora.

Do beijo — o mérito é esse : escapa á definição. As definições só lhe apanham a parte superficial, que não tem valor, ou a parte má. Como gesto, é pequeno, é mesquinho, é anti-hijiénico. Os povos que não uzam dele, quando o veem pela primeira vez, acham-no francamente ridículo. Vão mesmo mais lonje e acham-no dezasseiado. E têm razão...

Mas não é menos verdade que nós tambem temos razão em acha-lo sublime, em acha-lo quazi divino! Embora não lhe saibamos a orijem, sabemos que ele se associa tão intimamente a todos os sentimentos profundos do nosso coração, que hoje já não conce-

bemos tais sentimentos sem esse gesto, que com eles se fundiu, intima, indissoluvelmente. Talvez, quando soou na terra o primeiro beijo, tivesse sido possivel crear outro modo de expressão para substitui-lo.

Agora, é tarde... Agora ele tem por si a tradição muitas vezes milenar dos nossos costumes — e é a primeira couza que damos aos nossos filhos — e é a primeira prova de amor que pedimos á mulher adorada — e é a derradeira carícia que esperamos receber, no leito de morte...

OS MORTOS

CONFERÉNCIA REALIZADA NO
INSTITUTO NACIONAL DE MÚZICA,
A 4 DE NOVEMBRO DE 1905.

Na semana em que a Relijião e o Estado nos convidaram oficialmente, marcando para isso um dia próprio, a pensarmos nos mortos — era perfeitamente natural falar-se tambem deles aqui.

Mas falar como? Tristemente? Com o tom planjente de um sermão de lágrimas?

Nesse cazo, dia-me-iam talvez que de tristezas está a vida cheia. Não valeria a pena acrecentar-lhe novas...

Com o tom alegre e despreocupado de quem trata de um assumto futil?

Mas a morte é muito séria para que possamos chasquear com ela.

De mais, não haverá talvez aqui ninguem, que não tenha, obedecendo á sujestão do calendario, voltado o espírito para os seus

mortos queridos, no dia que lhes é consagrado e não o traga ainda abalado ou mal ferido. A ironia poderia parecer desrespeitoza.

Falar então, com a mais perfeita serenidade, como si se tratasse de um fenómeno pelo qual nos fosse dificil termos qualquer interesse sentimental? Falar da morte como um químico falaria da combinação do oxijénio e hidrojénio para formarem agua? Como um matemático da teoria da numeração? — Mas isso, que seria talvez o ideal, é apenas impossivel!

A nossa vida se faz toda inteira na contínua previzão da morte — e ou ela seja, como alguns creem, uma porta que se abre para novas existencias, ou, como eu acredito o decizivo ponto final em cada uma delas, o problema se formúla a nossos olhos com tanta frequencia que não ha meio de lhe negar ou siquer diminuir a importancia.

Mas, por isso mesmo que os mortos aparecem continuamente a nossos olhos; por isso mesmo que eles se misturam frequentemente a todos os atos da vida, eles não são, nem sempre lúgubres, nem sempre destituidos de alegria — e a impassibilidade, que nós não temos, alguns deles sabem ter.

A grande maioria vai para o desfecho da vida tranzida de horror, apavorada — pelo menos cheia de saudade e tristeza. Mas ha pessoas que entram na morte, como se entra num baile ; sorrindo... Outras, em compensação, sabem revelar a perfeita calma que nós não alcançamos. A perspetiva de irem para o cemiterio nem os atrai, nem os espanta.

Fazem isso com a mesma placidez com que fariam qualquer ato banal da vida : com que iriam para uma festa, um passeio ou um cazamento...

(Quando eu falo aqui em cazamento, a propózito de defuntos, não é porque perfilhe a opinião dos solteirões impenitentes que dizem haver grandes analojias entre os que se cazam e os que se enterram...)

Exemplos de mortos tristes, isto é, de pessoas que sentiram com tristeza que o fim trájico se aproximava, não é precizo dar. Todos nós infelizmente conhecemos fatos dessa natureza.

Mas para fazer contraste nada mais curiozo que a morte de Rabelais — uma morte em tom de troça, entre frazes de espírito.

Rabelais, todos sabem, foi relijiozo. Recebeu ordens sacras; chegou mesmo a ser vigário de um pequeno curato.

Não parece que a sua fé fosse, entretanto, muito forte.

Acabavam de lhe dar a extrema-unção e ele disse que lhe tinham engraxado as botas para a grande viajem.

O frade que fizera a cerimónia, perguntou-lhe então si acreditava que Cristo estivesse realmente na hóstia consagrada. Rabelais, querendo chamal-o « burro » — grande amabilidade, como se vê! — e lembrando que Jezus entrara em Jeruzalém levado por um animal daquela espécie, replicou-lhe que acreditava. Acrecentou que acreditava tanto mais quanto Cristo acabava de entrar no seu quarto, tal qual como entrara em Jeruzalém...

Vestiram-lhe então o hábito beneditino, que até certo ponto se parece com a roupa carnavalesca dos *dominós*. E Rabelais, fazendo um calembour, disse a fraze latina :

« Beati qui moriuntur in domino. » A fraze quer dizer « Felizes os que morrem no Senhor! » mas ele a dizia com a pronuncia franceza, que acentua a terminação em « o », como si fosse: « Felizes os que morrem vestidos de dominó. »

Não parou aí. Anunciou que tinha um testamento para ditar. O relijiozo que lhe

assistia aos últimos momentos preparou-se para o escrever e ele ditou :

« Não tenho nem um vintem; devo muito. O resto deixo aos pobres... »

Por fim, como viu que o pajem de um cardeal amigo vinha indagar do seu estado de saúde, ele mesmo expoz o caso : « Conta a teu amo com que bom humor tu me encontras. Vou vêr si descubro um grande « talvez »...

Pouco mais poude dizer. D'aí a instantes, sentindo que a morte estava muito perto, teve ainda um sorrizo e exclamou : « Baixem o pano : a comedia está reprezentada (1) ».

Não parece uma morte ; parece realmente uma cena cómica !

E' bom, entretanto, lembrar que, si Rabelais conservou o seu caráter até o momento derradeiro, ha cazos grotescos mais singulares : cazos de pessoas que mudam de génio depois de mortas. Assim, conta-se de muitas mulheres (eu creio que é só das mulheres que se diz isto), mulheres, que havia todo o direito de considerar como pessoas sérias, e que, portanto, depois de mortas deviam ser defuntas respeitabilíssimas, mas, todavia, por

---

(1) Dr. Adrien Béranger. — *L'agonie*, p. 34.

ciume, vèm alta noite, puxar os pés dos maridos infiéis ás suas memórias. A acreditar nas lendas populares, é mesmo uma das pilhérias a que mais frequentemente se dedicam alguns defuntos faceciozos...

Morte impassivel, sem tristeza nem alegria, foi a de Haller, o grande naturalista suisso, tomando o pulso com uma das mãos e anunciando que ele ia diminuindo, diminuindo, até que parou.

Num romance de Zola — *Le docteur Pascal* — ha a descrição de uma morte nesse genero,

Não é uma fantazia. Houve quem escrevesse que era a narração literária dos ultimos momentos do velho Richet, professor na Faculdade de Medicina e pai do hoje ainda ali professor Charles Richet. Morreu. fazendo uma lição aos seus alunos, acompanhando a gravidade dos sintomas que se iam produzindo e explicando a importáncia deles, como si se tratasse de um doente qualquer, extranho, a cuja cabeceira estivesse fazendo uma preleção.

Morte impassivel foi tambem, segundo asseveram, a de Luiz XIV. que, depois de ter dito : « *Eu sempre pensei que morrer fosse muito mais dificil* », perguntou aos que o cer-

cavam : « *Mas por que estão vocês chorando? Por acazo acreditavam, que eu era imortal?* »

Assim, é bem verdade que ha mortes de todos os generos.

E não pense ninguem que isto são singularidades individuais. Houve e ha ainda povos inteiros, em que é moda morrer, ora alegre, ora tristemente, ora sem alegria nem tristeza.

Os gregos morriam alegremente. O cadáver não infundia pavor. Lavavam-n'o com agua tépida, unjiam-n'o com óleos perfumados, cobriam-n'o de panos alvíssimos e, sob ramos e flores, era exposto no pórtico da caza, para que os tranzeuntes o vissem. Depois levavam-n'o até o lugar em que tinha de ser queimado. Ia entre tocadores de liras e címbalos. No fogo, lançavam-se ao mesmo tempo substáncias aromáticas. Os parentes ateavam as labaredas. Em quanto elas iam ardendo, os convidados em torno, cantavam hinos e bebiam vinhos caros em taças de ouro. Por fim, reuniam-se os despojos que ficavam e encerravam-se em uma urna.

Era a morte jovial e serena. De dois amigos ou de dois amantes, misturavam-se na mesma urna cinerária as cinzas restantes (1).

---

(1) POMPEIO GENER. — *La mort et le diable*, p. 67 a 69.

Uma poezia célebre de Soares de Passos o — Noivado do Sepulcro, termina por aqueles dois conhecidos versos :

« Dois esqueletos um ao outro unidos
foram achados num sepulcro só! »

Na Grecia isso era corrente, não em sepulturas, mas em urnas fúnebres.

Passaram seculos depois disso : mais de vinte — porque esses costumes foram anteriores ao cristianismo. Pois bem : hoje ainda, ha um povo, que pratica correntemente a cremação dos cadáveres, sem tristeza alguma. Sem tristeza — mas é tambem verdade que sem alegria. Com serenidade e calma.

O cazo acontece na India. Na India, todos sabem aliaz que era costume, quando os maridos morriam, as mulheres serem queimadas. Até o meio do seculo passado, se fez isso. Mesmo depois que os inglezes conquistaram aquelas rejiões e quizeram abolir esses suicídios, encontraram uma opozição terrivel das próprias mulheres, que queriam ser queimadas! Foi a custo que essa prática poude ser revogada.

Seria por cauza daquela virtude que lhes é tão peculiar : o espírito de contradição?

Seria porque se sentissem com vocação para se verem reduzidas a torradinhas? Não sei. Sei, porém, que o costume existiu em outros povos. O que, entretanto, nunca se descobriu foi um paiz qualquer em que os viúvos se matassem por amor das mulheres mortas. Os que tanto falam da inconstáncia feminina nada tem que responder a isso...

A cremação das viúvas, só para acompanhar os marídos, cessou. Queimam-se, porém, ainda hoje, correntemente os corpos dos sectários do bramanismo. Um escritor francez, André Chevrillon, que esteve em Benarès ha dois anos, descreve um desses lúgubres espectaculos.

A fogueira era uma fogueira de gente rica: feita de madeira bem seca e bem aromática. O cheiro das rezinas disfarçava o da carne queimada. Pozeram o corpo lá e rapidamente a chama se ateou. Chevrillon conta, que no escuro da noite — porque o fato se passava á noite — só se via no meio da pilha de madeira uma forma comprida e escura, uma carcassa, que ao passo que a lenha ia baixando, baixava tambem, aos solavancos, ficava ás vezes pendida, ora levantava um braço, ora uma perna.

Acontecia mesmo, que as pernas e os

braços, cujos tendões eram repuxados pelo calor diabólico da fogueira, faziam no ar, grandes gestos convulsos, sôcos e pontapés atirados para o espaço... A pele era um pergaminho negro; parecia coberto de escamas feitas de pedacinhos estalados de epiderme. Afinal, as costelas cederam: ficou apenas aquela mancha comprida e preta. Via-se, porem, nitidamente o cráneo. Em certo momento, quando o fogaréu era enorme, ouviu-se um estalido, um estalido surdo — tac! — : eram exatamente os ossos do cráneo que tinham rebentado. Os serventes das fogueiras fúnebres não se ocuparam mais com aquela. Pouco a pouco, ela foi diminuindo de intensídade, apagando-se.

Estava quazi a extinguir-se, quando uma velha se aproximou, tirou um bom tição e o levou. O viajante pensou que fosse para algum rito, para alguma prática supersticioza. A couza era mais simples. Tratava-se de uma mulher pobre que vinha buscar aquela acha de lenha, lenha que já tinha assado um homem, para cozinhar pacificamente o seu arroz...

A cena se passava perto do rio Ganjes. Depois de apagado o fogo, os parentes com pequenas pás foram arrastando tanto os car-

vões como as cinzas do defunto, para jogarem tudo no rio sagrado. Estava terminada sua missão (1).

Durante todo o tempo da ceremonia não haviam manifestado nem alegría, nem dor. Estavam ali, sérios e calmos. Por que? Porque acreditam que cada ser vivo preciza em média incarnar-se em 8.400 milhões de animais antes de chegar ao aniquilamento completo. Para eles a solidariedade entre todos os sêres vivos é real. O hindú sente-se irmão do elefante, irmão do inseto, irmão da ave. Ele crê na metempsicoze. Ele tem a certeza de que já habitou o corpo de muitos outros animais, de que ainda vai habitar milhões e milhões de novos corpos. Talvez volte amanhã a ser formiga, ou serpente, ou de novo creatura humana. Assim, a idéa de morrer parece-lhe familiar. Está absolutamente seguro de que já morreu várias vezes, de que várias vezes terá ainda de morrer. A morte para os hindús é um fenómeno vulgar — vulgar para cada um de per si, porque cada um está certo de que já passou por isso muitas, muitas, muitas vezes... Não estão no

---

(1) ANDRÉ CHEVRILLON. —*Sanctuaires et Paysages d'Asie. La mort à Benarès.*

nosso cazo : nós que acreditamos que a morte é um fato decizivo, ou porque aí termine a vida, ou porque comece uma segunda, mas uma segunda de que não mais se morrerá...

Si eles queimam o corpo, si lhe atiram os restos á agua, é para dissociar-lhe o mais rapidamente possivel as respetivas moléculas, afim de que elas entrem em combinações novas, para que assim se apresse o ciclo das transformações.

Nos crentes da metempsicoze esse dezejo é muito natural. Não era por desprezo ou desdem que tantos deles entregavam os cadáveres aos animais, para que os devorassem : era para que a sua forma humana dezaparecesse, intimamente fundida com a de outros seres vivos, afim de apressar as transformações futuras.

Na propria India ha tambem as *Torres de Siléncio*, em que os Parsís, adoradores do sol, vêm colocar os cadáveres dos seus parentes. São edifícios de 10 a 15 metros de altura, cilíndricos. Terminam na parte superior por uma plataforma circular, dividida em tres circulos concéntricos, subdivididos no sentido dos raios, em grande numero de pequenas secções. A zona interior dessa es-

pécie de amfiteatro é destinada ás crianças, a média ás mulheres e a exterior aos homens. Tudo isso é absolutamente descoberto. Em torno das torres, ha sempre uma bela vejetação. Palmeiras enormes as cercam (1).

Quando levam para lá um cadáver, pôem-n'o com a face descoberta, voltada para o céu. Logo os parentes se afastam e ficam a vêr as nuvens de abutres que chegam para devorar o corpo. São tantos e tão dextros que a tarefa horrivel se faz em alguns momentos. Os que se interessam pelo que morreu procuram apenas vêr qual o primeiro dos olhos que os abutres arrancam, porque si foi o direito, isso lhes parece de muito bom agouro (2).

A idéa de queimar ou de enterrar um cão ou um homem é para eles horrivel. A propria terra acha isso detestavel. E o livro sagrado dos parsís, o Vendidad-Sadé, diz que nada lhe é mais agradavel que a ação de quem dezenterra um cadáver de homem ou cachorro (3).

---

(1) Ernest Haeckel. — *Lettres d'un voyageur dans l'Inde*, p. 67.

(2) Letourneau. — *L'Évolution Religieuse*, p. 528.

(3) Vendidad-Sadé — *fargard I*, 48 e 68; *fargard III*, 26, 27, 40.

Haeckel, o grande naturalista alemão, vizitou na India as torres de siléncio e fez a sua apolojia. A seu vèr, mais vale entregar o corpo á voracidade rápida dos abutres, que á mordedura asqueroza das larvas da podridão, sob a terra, durante semanas, mezes, anos inteiros!

E' uma opinião um tanto paradoxal, porque esquece que a podridão nós não vemos e os Parsís, ao contrário, veem os abutres estaqueando o corpo, lutando para disputar pedaços de vísceras sangrentas, que vão carregando pelo ar para comerem tranquilamente no cimo nas palmeiras.

No fundo, é uma questão apenas de adaptação. Tivessemos nós nacido e vivido entre os Parsís, e nada achariamos tão natural como o seu sistema de enterros. Natural e até mesmo grandiozo e poético, porque o Zend-Avesta aplaude com entuziasmo a cena dos abutres partirem, levando no bico, para o cimo das montanhas, pedaços das carnes dos cadáveres!

Aliaz qualquer sistema é melhor que o do Tibet. No Tibet, ha enterros de trez classes. A primeira é rezervada para os sacerdotes, para os grandes dignitários.

O cadáver é levado em procissão até certo

ponto. Em torno dele, vão múzicos tocando tambôres, címbalos e umas trombetas enormes, que chegam a ter dois e tres metros de comprimento. São precizas duas pessôas para manobrarem cada uma delas.

Chegados ao ponto prescrito, aí ha um estrado. Monsenhor Biet, que assistiu a uma dessas cerimonias, viu o que se fez com o que nós chamaríamos o abade de um convento. Seu sucessor ficou ao lado do cadáver, que foi posto de pé.

A cena se passava em meio de um campo dezabitado. Com o barulho da múzica, acorreram, porém, de todos os pontos cãis e abutres. Começaram então orações e cánticos. Durante esse tempo, um sacerdote ia cortando fatias — si a pilheria não fosse macabra, nós poderiamos dizer : *bifes de defunto* — e atirando-os aos cachorros e abutres que os disputavam vorazmente. Com a habilidade que a prática lhe havia dado, o operador tirou inteiramente toda a carne. Ficaram apenas os ossos. (Deve-se acreditar que esse padre não faria má figura como caixeiro dessas confeitarias e restaurantes, em que se vende prezunto ás fatias, deixando sómente o osso...)

Quando não havia sinão ossos, deram-n'os

a outros sacerdotes, que os meteram em pilões e pizaram até reduzir tudo a pó fino. Esse pó foi misturado a bôlos de farinha, tambem atirados aos abutres.

Assim, em poucos minutos, não restava mais nada do defunto (1).

Esse, no Tibet, é o enterro de 1.ª classe. O de 3.ª consiste em jogar o corpo ao rio : é o enterro da gente pobre. O de 2.ª é a cremação. E' bom, porém, saber que não se efetua logo. Depende de calculos astrolójicos. Si tem de tardar muito, coze-se o defunto num saco de pele perfeitamente estanque, cheio de sal. Com o líquido que poreja atravez da pele, ele fica de salmoura, como as linguas e os peixes, que se vendem em barricas nos nossos armazens de secos e molhados... Depois, no dia próprio, o corpo é tirado, enxuto, coberto de manteiga e posto então ao fogo.

Aqui, é que se tem de veras ocazião de dizer que o reduzem a torradinhas. Nem falta a manteiga!

Este pormenor não tem nada de admiravel.

Historicamente — histórica e etnografica-

---

(1) NICOLAY. — *Histoire des croyances*, II, p. 171.

mente — seria possivel compôr o *Manual do Perfeito Cozinheiro de Defuntos*. Vêr-se-ia a que variedade de preparados eles têm dado lugar : assados simples; assados com manteiga; em bifes crus; em bolinhos para abutres; e mesmo cozidos. Até ha mortos para a sobremeza : na Birmánia os defuntos se conservam em mel. Por tudo eles tem passado! Nem como defunto se está livre de complicações!

Hoje, por exemplo, a igreja católica protesta contra a cremação. Todos sabem aliaz que ela é praticada em muitas cidades da Europa.

Foi uma senhora — Lady Dylke — que inaugurou as cremações modernas, em Dresde : inaugurou, sendo ela cremada. Antes disso, em 1822, Byron tinha obtido licença para queimar o cadáver do poeta Shelley; mas queimou-o á moda antiga : em uma fogueira.

A operação não é tão poética como se afigura a muitos. O calor dos fornos de cremação atinge a 900 gráus. A chama não entra nunca em contacto com o corpo : é o ar quente quem o queima. Queima o caixão e o cadáver. Ha dos lados do forno crematorio orifícios tapados com rodelas de mica

transparente, que permitem observar a decompozição.

Dizem os que se tem dado a essa contemplação que, ao menos no principio, é horrivel vèr a cara : o calor distendendo, encolhendo, fazendo rebentar ora umas, ora outras fibras e músculos da face, obrigam-n'a a carètas pavorozas, carètas como nenhum ser vivo poderia executar : os lábios ora se arregaçam, ora se contraem, as palpebras tambem. O proprio corpo, com os músculos repuxados em varios sentidos, empina-se, ajita-se, dá saltos de *clown*, tem convulsões de epilético... Mais isso dura apenas alguns segundos. Depois, o fogo vae fazendo a sua obra — que é relativamente lenta.

Mesmo a essa temperatura terrivel, preciza de uma hora para acabar a tarefa.

Mas para fazer um cozido de defunto ainda se devia pedir mais tempo.

Todos conhecem uma *berceuse*, que as amas gostam de cantar, embalando as crianças :

> Bão-ba-la-lão,
> senhor capitão,
> em terra de mouro,
> morreu seu irmão,
> cozido e assado
> no seu caldeirão...

As que repetem estes versos não procuram indagar-lhes a orijem — que tambem eu não nunca encontrei exposta em parte alguma. Mas certamente ha aí uma aluzão a um velho costume do tempo das Cruzadas.

E' de crer que esses versos sejam de alguma antiga narração poética, das que se chamavam *xácaras*.

Quando os cavaleiros católicos partiam para as Cruzadas, iam sempre com o receio de morrer em terra de mouros — dezignação dada de um modo geral aos árabes e turcos, sectários do islamismo. Receiavam ficar por lá enterrados — o que lhes era muito dezagradavel. Levavam por isso um grande caldeirão. Si morriam, um escudeiro fiel picava-os, punha-os no caldeirão e fervia-os até a carne se destacar dos ossos. A carne era enterrada onde se fizesse a operação; mas os ossos voltavam para a terra de nacimento do cavaleiro e aí recebiam sepultura em sagrado, com toda a solenidade (1).

Quando eu ouço cantar a toada, hoje insignificativa, dos versos para ninar crianças;

---

(1) SCHMIDT. — *Histoire des Allemands*, III, 423-424, cit. em Loyseau, *Le suffrage universel à travers les siècles*, p. 72-73.

Bão-ba-la-lão,
senhor capitão,
em terra de mouro,
morreu seu irmão,
cozido e assado,
no seu caldeirão...

não posso deixar de ter um arrepio de horror, pensando nessa extranha panela de cozido posta no meio do acampamento sobre grandes pedras e por baixo da qual se acendia um fogaréu enorme, panela, que, não um cozinheiro de avental e gôrro branco, mas um escudeiro vestido de pezada couraça vijiava cuidadozamente...

Em contraste com os povos em que havia e ha ainda tanta pressa em fazer dezaparecer o cadáver, um grande povo da antiguidade se celebrizou pela luta que empreendeu contra a natureza para salvar os cadáveres da destruição : o povo ejípcio.

A morte era para eles o essencial. A vida valia pouco. As cazas eram mal construídas; as sepulturas, expléndidas. Era um povo de embalsamadores. Todos — pobres e ricos — todos, até mesmo os animais domésticos tinham o direito de ser embalsamados.

Paul de Saint-Victor, o estilista admiravel, fez uma pintura maravilhoza desse estado de

espírito de um povo inteiro, que durante quarenta seculos, viveu assim a disputar os seus mortos á ruína e á corrupção, Os pobres eram apenas *ensalmourados*. Os outros eram mais ou menos ricamente *mumificados*.

Devia ser um espetáculo curiozo o desses vastos laboratórios de mumificação. Morto um indíviduo, era levado para as oficinas dos embalsamadores. Ahi ele passava de mãos em mãos. Uns, com um ferrinho curvo, lhe retiravam pelas narinas todo o cérebro... Outros lhe esvaziavam o interior das vísceras. Depois metiam-no em caldeiras de um betume especial. Enchiam-lhe o ventre e o peito de panos ensopados em aromas incorruptíveis. Faziam então a toilette póstuma. Colocavam nas órbitas vazias, olhos de esmalte. Pregavam barbas postiças. Si se tratava de mulheres, era um trabalho delicadíssimo de perfumaria e ourivezaria. Douravam-lhes as unhas e até — extravagáncia notavel — os lábios e os seios. Em estojos de ouro eram conservados, por vezes, os dedos : cada um metido num estojo distinto. Vestiam-se os corpos com tiras de panos embebidas em substancias balsamicas; mas tiras tão bem colocadas, que conservavam todas as formas, espozando as

fielmente. A's vezes, cobria-se o rosto; mas por cima das faixas que o envolviam um artista fazia uma máscara, reproduzindo exatamente os seus traços : punham-lhe tambem olhos de esmalte, cabelos postiços.

Os cadáveres eram reduzidos a estátuas, em pozições, ora graciozas, ora solenes. Achou-se a múmia de uma mãi com a múmia do filho pequenino ao colo.

E o que se fazia para os homens de todas as classes, fazia-se para os gatos, para os cãis, para os ibis e até para algumas plantas! O Egypto viveu 40 seculos lutando contra a destruição dos seus mortos.

E por que tudo isso? Porque o Ejípcio acreditava que tinha de renacer — e de renacer voltando a habitar o seu antigo corpo.

E' hoje uma noção corrente que a ideia de alma apareceu na humanidade por cauza dos sonhos. Em sonho, o selvajem vê a si mesmo e aos companheiros, que ou estão dormindo como ele ou estão mortos, lutando, caçando, fazendo em suma tudo o que os vivos fazem. O selvajem, como a criança, não sabe o que é o sonho e, si vê que os que estão dormindo ou estão mortos podem praticar todas essas ações, acaba

por acreditar que ha em nós, um segundo corpo, mais leve, mais sutil, mais etéreo, que, em dadas circumstancias pode sair do corpo e ajir como aje a pessôa viva. Ajir onde? Ajir nesse mundo fantástico do Sonho, que ele não sabia onde era.

A nossa linguajem corrente ainda tem expressões, a que não ligamos mais esse significado, mas que derivam exatamente dessa crença : nós falamos num homem « fora de si », numa pessoa que « volta a si ». Para o homem primitivo essas locuções eram entendidas ao pé da letra : si o homem estava caído como morto ou fazendo atos, que habitualmente não praticaria, era, de fato, porque o seu *duplo*, o seu outro *eu* interno, tinha saído. Mas para que ele podesse voltar era precizo achar o corpo inteiro e perfeito. Si não, onde iria ele meter-se ?

Embora a crença dos ejípcios não estivesse de todo neste gráu rudimentar, era d'aí em ultima análize que ela derivava, como deriva a idéa corrente entre nós, muito mais refinada, da alma etéria, imaterial e imortal.

Fosse como fosse, eles dezejavam a todo o transe a conservação dos corpos — pelo

menos da sua forma externa, porque o coração era retirado e posto á parte em urna especial, ao passo que os intestinos e as outras víceras se jogavam no rio Nilo (1).

Entre os que adotaram a cremação, que destrói os cadáveres em alguns minutos, e os que chegaram á perfeição de embalsamamentos, que manteem nos nossos muzeus corpos, que têm hoje mais de 50 seculos, ha o meio termo dos partidários da inumação, como nós a praticamos. Nem tantos seculos, nem tão poucos minutos : 12 a 15 annos. Para a destruição completa de um cadaver humano é o que se pede.

E' claro que eu não vou contar aqui por miudo como se faz a destruição. Vale a pena sómente notar que no povo ha em geral a esse respeito uma crença muito errónea. O povo figura a podridão como um banquete de larvas. Parece-lhe que as larvas acodem, multiplicam-se, chegam a um numero extraordinário e como cada uma come o teu taquinho do corpo, ha um momento em que os convivas, tendo devorado tudo, nada mais existe. Guerra Junqueiro, em uma poesia

---

(1) Nicolay. — *Histoire des croyances.* II, 134.

intitulada *A vala comum* diz que ela é a « meza redonda sepulcral ».

aonde as larvas proletárias
devoram — lúgubres festins —
cráneos de herois, ventres de párias,
carcassas pôdres de arlequins.

E longamente elle enumera os que vão lá parar :

Servo, felah, mujic, escravo,
plebe sem pão, mendigos nús;
bôcas que ainda tem o travo
do fel da esponja de Jezus;

mártyres, vítimas, proscritos,
lejião de herois resplandecente,
que, ensanguentados e malditos,
revoluteiam febrilmente,

raios no olhar, grilhões nos pulsos,
ao céu em braza a fronte erguida,
nos sete círculos convulsos
do inferno trájico da Vida :

Tudo o que estoira de mizéria,
tudo o que ruje de opressão,
desde o grilheta da Sibéria
até o pária do Indostão.

todo esse vómito de horrores
e de catástrofes sombrias,

profundo Atlántico de dores,
negro Himalaia de agonias...

Esse é o alimento habitual da vala commum : são os dezherdados da sorte. Quanto ao rico, ele está certo de

...entre tocheiros elegantes
ser bem comido e bem jantado
por alguns vermes elegantes,
num gabinete rezervado.

Gabinete lúgubre : a sepultura !

Mas sempre, nessa ou noutras poezias de Victor Hugo, de Baudelaire, de quazi todos os poetas, se alude ao Verme dos sepulcros como si ele fosse uma entidade unica.

De fato, as couzas não se passam assim.

Logo apoz a morte, os primeiros tralhadores que se põem em campo são os micróbios que forram todo o nosso tubo dijestivo a partir da bòca. Emquanto as células do corpo estavam vivas, eles nada alcançavam. Apanham-n'as mortas e destróem-n-as. Depois, na terra, chegam tambem os invazores externos. Mas o interessante é a sucessão regular, por camadas, de larvas de espécies muito diferentes e cada vez mais simples. Quando as primeiras chegam, encontram os tecidos em certo gráu de dezorganização.

Destróem-n'os; reduzem-n-os a outro estado, — estado tal em que eles já não acham nada que comer, já a vida ali lhes é impossivel. Vem então a segunda turma; dissocia ainda mais os tecidos. Afinal, acabada a sua, passa a tarefa a outros. A sucessão é tão regular, as turmas de necrófagos se sucedem com tão absoluta precizão que um naturalista competente, examinando a espécie de larvas achadas em um cadáver, pode dizer ha quanto tempo ele está enterrado.

Assim, si o corpo dezaparece, não é por que miríadcs e miríades de vermes tenham dele tirado cada um o seu pedacinho e d'ali partido. Uma espécie chega, decompõe os tecidos até certo ponto. Outra espécie leva a decompozição um poueo mais lonje. Outra adianta mais. Até que um dia vem, em que tudo se acaba.

Pedem-se tres a cinco anos para a destruição das carnes; depois começa a destruição dos ossos: quando as costelas já foram desfeitas, os ossos da bacia ainda rezistem; quando eles se esfarelaram, o cráneo, e os dentes ainda persistem teimozamente. Mas no fim de 15 annos resta apenas uma terra escura e gorduroza. Isso mesmo se decom-

pôe em acido carbónico e água. Não fica então mais nada (1).

Quinze annos! Quantos que morreram cercados de saudades, vendo em torno do seu leito figuras lacrimozas de viuvas, de filhos, de amigos, não têm mais ninguem, passado esse tempo, que deles se lembre!

Vós todos, que fostes ante-hontem aos cemitérios, quantas sepulturas não vistes abandonadas, sendo que muitas delas tem datas bem recentes! Em algumas, inscrições de uma sentimentalidade convencional asseguram que a saudade dos que fizeram assentar aquelas lápides seria eterna. Mas, como uma ironia, a mostrar quanto foi fugaz essa prometida eternidade, as hervas rasteiras crecem, estendendo suas folhas verdes por sobre a louza.

Oh! si os moribundos pensassem nisso, a morte seria mais horrivel do que é.

De fato, a morte propriamente dita, o fenómeno que consiste em passar da vida para ela não tem em si nada de horrivel. Nem chega mesmo a ser dolorozo (1).

---

(1) Parcelly. — *Étude sur les embaumements*, p. 11 a 17.

(1) A. Binet. — *L'année psychologique*, 1897, p. 629 a 637. J Finot. — *Philosophie de la longevité*, p. 195 a 230.

Dir–se–á que não ha nenhum testemunho válido a esse respeito? Dir-se-á que para saber bem isso era precizo lidar com um resucitado autentico? Sem dúvida, esse seria o ideal. Mas sem dizer que esse ideal já está realizado — e é a verdade — ha numerozos exemplos de indivíduos que estiveram quazi, quazi a falecer e, voltando a si, poderam contar-nos as suas impressões. Ora, desses depoímentos concordantes se verifica que a aproximação da morte traz, ao contrário do que muitos supôem, um sentimento de calma e beatitude absoluta. Em grande número de cazos, ha mesmo um fenómeno muito frequentemente assinalado : o indivíduo, no transe supremo da morte, vê passar rapidamente pelos seus olhos, em uma espécie de vizão panorámica, um grande numero de fatos da sua vida.

Os que aludem a esse fenómeno admiram sempre a rapidez e a nitidez das imajens que lhes desfilam pela memória : é a vida inteira que se lhes desdobra, num relance de cinematógrafo, em alguns segundos. Quazi todos os que estiveram a afogar-se, chegando a perder os sentidos, referem essa circumstancia.

François Coppée, fazendo falar um gru-

mete que escapara de perecer desse modo, diz que ele viu o seu passado em um relámpago rápido, viu o velho porto de que saíra, seus mastros, sua igreja, a praia em que ele andava de pés descalços sobre os rochedos e a areia semeada de meduzas vermelhas :

> Je revis mon passé dans un éclair rapide,
> je vis notre vieux port, ses mâts et son clocher
> et la plage ou j'allais pieds nus sur le rocher
> et le sable semé de méduses vermeilles.

Gonçalves Crespo, conta, na sua célebre poezia *O Cura Santa-Cruz* o que o moço ajoelhado aos pés do terrivel guerrilheiro pensou, quando teve a certeza de que ia morrer :

> ... O cativo, olhos no chão, contrito
> os joelhos dobrou... Nesse fugaz instante,
> ele viu, ele viu, num sonho lacrimante,
> a sua infancia, o lar, o teto de seus pais,
> os choupos do seu rio, os plácidos cazais :
> viu a noiva gentil, a igreja, os arvoredos
> e os parentes e irmãos, sócios dos seus brinquedos.

As duas situações — a descrita por Coppée e a descrita por Gonçalves Crespo — não são idénticas. No cazo do último, trata-

se de um indivíduo em perfeita saúde, que sabe que vai morrer fuzilado. Seu organismo está, porém, perfeito. No cazo dos afogados, o fenómeno mental coincide com o princípio da asfixia.

De asfixia, disse Paul Bert, é que aliaz todos morrem. Essa fraze é verdadeira; mas síntética de mais. Resta saber por onde começa a decadencia das funções vitais. A agonia difere conforme a morte começa pelo cérebro, pelo coração ou pelos pulmões. E por um dos trez ela tem fatalmente de começar.

Quando a agonia começa pelo cérebro, ela é caraterizada pela perda imediata das faculdades intelectuais. Quando começa pelo coração, dá frequentemente lugar a delírio; ha quazí sempre periodos lúcidos e períodos delirantes. Quando parte dos pulmões, comporta a conservação da intelijéncia e muitas vezes até, nos ultimos instantes, a sua superexcitação: é a morte tão frequente dos tuberculozos, calmos e lúcidos até o derradeiro momento (1).

Mas, de qualquer modo, ninguem assinala

(1) BERANGER. — *L'agonie*, p. 21 a 32 e p. 59.

qualquer fenómeno dolorozo, angustiozo, dezagradavel, como acompanhando a agonia.

A ciéncia pode dizer que conhece o cazo de um homem que morreu trez vezes. O fato é recente. Passou-se num hospital de Paris. Um indivíduo, que sofrêra certa operação, morreu. Parou-lhe o pulso, parou-lhe a respiração. Estava, portanto, indiscutivelmente morto. Um cirurjião ouzado, levantou-lhe rapidamente um postigo de pele, serrou-lhe duas costelas, metteu-lhe o punho no peito, pegou-lhe o coração, espremeu-o ritmicamente nas mãos... E a circulação reapareceu. E o homem resucitou. Pozitivamente : resucitou. D'aí a algumas horas — parece que tinha tomado gosto á experiéncia — morreu de novo. De novo, pelo mesmo meio, o cirurjião o resucitou. Por fim, passado mais tempo, morreu pela terceira vez : terceira e última. A autópsia revelou que era um embaraço na circulação : uma embolia produzida por um coágulo de sangue. Quando o medico apertava o coração, como quem aperta uma seringa, o embaraço era impelido para um pouco mais lonje, a circulação se restabelecia. Afinal, encalhou em um logar de que não poude sair. Esse homem, entre

as suas diversas mortes, não acuzou o mínimo sofrimento (1).

Um sábio, de nome rebarbativo, mas apezar disso, conhecido em todo o mundo, Metchnikoff, acha que todos nós devíamos chegar a um estado tal que dezejássemos a morte — isto é que, si a morte é um fenómeno natural, nós devíamos, quando chegassemos perto dela, começar a dezeja-la, como dezejamos dormir quando estamos fatigados (2). Metchnikoff diz que mesmo os indivíduos que nos obituários figuram como tendo morrido *de velhice*, morreram, de fato, vítimas de lezões mais ou menos graves : é o que as autópsias revelam. Ora, si os nossos organismos foram feitos para morrer, — de-

---

(1) O fato aqui narrado foi referido em um jornal noticiozo francez. Confesso, porém, que não o achei no trabalho do Dr. Ch. Denormant publicado na « Revue de Chirurgie », — vol. I, 1906 — pag. 369. Esse trabalho cita, entretanto, quatro cazos em a que massajem do coração fez resucitar indivíduos já mortos. O coração e a respiração tinham parado. Sem essa intervenção, não voltariam a pulsar. Em quatro outros cazos, as resurreições foram temporárias : duraram 5, 11, 16 e 24 horas.

A parada da respiração e do coração de animais depois resucitados pela massajem cardíaca tem sido constatada com o rigor dos mais delicados aparelhos de fiziolojia. E', portanto, uma questão fóra de dúvida.

(2) Metchnikoff. — *Etudes sur la nature humaine*, p. 340 e seg.

viam, embora sem lezão alguma, quando, por assim dizer, tivessem esgotado a sua provizão, o seu *stock* de vida, morrer, mas morrer naturalmente, simplesmente, abandonando-se á morte com prazer. Os prenúncios do fim deviam nesse cazo ser sentidos e dezejados.

Para esse sábio naturalista a ideia corrente, de que é por uma moléstia qualquer, que nós devemos acabar, não se justifica. A morte por meio de uma invazão de micróbios é tão violenta, como a morte de alguem que fosse devorado por um leão : não é o tamanho do ser que nos mata, que faz a diferença do género de morte.

Na natureza ha sêres imortais, sêres vivos que nunca morrem. Ha, em compensação, sêres fadados para a morte — que morrem sem que sofram moléstia alguma, sêres que não podem viver, que só tem duas funções : amar e morrer.

Os sêres immortais são por exemplo, os infuzórios e outros protozoários. Nós os observamos no microscopio. Parecem taquinhos soltos de clara de ovo, que se movem de um lado para outro. Atravez do seu corpo transparente, vemos a comida entrar e espalhar-se. Crecem. Quando chegam a certo ponto, dividem-se ao meio, partindo-se. Cada

um de per si começa então a aumentar de volume até tornar a dividir-se do mesmo modo. De tempos a tempos, fazem a operação inversa. Dois desses pequeninos sêres fundem-se. Mas o verbo *fundem-se* não está aí empregado, como no amor humano, em que se diz que as almas se fundem. Nada de metáforas. « *Fundem-se* », ahi, quer dizer : misturam-se, grudam-se, fazem de dois um só corpo. Recomeça então o ciclo das partições. Não ha mortos. Não ha cadáveres.

Dirá talvez alguem que isso prova que é mais facil achar imortais entre micróbios do que entre académicos...

A par desses, ha os seres essencialmente mortais. São uns insetos chamados *efémeros*. Passam pelo estadio de larvas, chegam ao de crizálidas e afinal criam azas e começam a voar. Mas não têm tubo dijestivo apto para comer couza alguma. Não se podem alimentar. Por isso mesmo, nem o procuram fazer. Amam um momento as pequeninas companheiras, que como eles são organizadas. Amam e morrem. Naceram para poetas líricos. De tal modo a morte lhes parece o seu destino, que nem buscam fugir quando alguem os quer apanhar. Não foram feitos para viver: foram feitos para morrer.

Não morrem de molestia : o sábio naturalista os examinou e viu que morriam sem a menor lezão.

Metchnikoff acha que esses animais devem ter o sentimento da morte natural. Quem sabe ? Quando a psicolojia humana está tão atrazada, que será da psicolojia dos insetos ?!

Mesmo que os podéssemos interrogar, até que ponto deveríamos crêr na sua sinceridade? Todos conhecem inúmeras poezias em que vates lacrimozos e lamurientos, apelam para a morte, declarando dezeja-la. Histórias ! A maior parte deles o que quer é viver — e viver bem. Olavo Bilac aqui mesmo troçou amavelmente com esses bardos romanticamente tristes.

Ha, todavia, raros cazos de evidente sinceridade. Como duvidar da de Antero do Quental, que acabou, tendo sempre cantado a Morte, por ir procura-la, suicidando-se? Ele dizia que não havia voz mais eloquente para chamar os que sofrem :

« Deixai-os vir a mim, os que lidaram,
deixai-os vir a mim, os que padecem ;
e os que cheios de mágua e tédio encaram
as proprias obras vãs, de que escarnecem...

Em mim os Sofrimentos que não saram,
Paixão, Dúvida e Mal, se desvanecem.
As torrentes da Dôr, que nunca param,
como num mar, em mim dezaparecem. »

Assim, a Morte diz. Verbo velado,
silenciozo intérprete sagrado
das cousas inviziveis, muda e fria,

é, na suas mudez, mais retumbante,
que o clamorozo mar ; mais rutilante
na sua noite do que a luz do dia!

Seja qual fôr a solução do *além*, disso a que Rabelais moribundo chamava « um grande *talvez* », ha toda a razão para sentir, quando não seja o pavor dos castigos eternos com que as relijiões amedrontam os ánimos fracos, ao menos uma saudade infinita por tudo o que faz a beleza e a bondade da existéncia. Diz bem o poeta portuguez (1) que nos afirma que quando tivermos de deixar a existéncia, quando o mundo, tal como o conhecemos, fôr para nós a terra da partida, lamentaremos amargamente não ter sabido viver.

Todos, no emtanto, conhecem cazos lamentáveis de indivíduos na mizéria, roídos

(1) Antonio Patricio... *Oceano.*

ás vezes por males crónicos e dolorozos, males sem cura e, comtudo, até o derradeiro instante preferindo o seu sofrimento á paz e ao silêncio infinito do túmulo — do túmulo: derradeiro lar, lar tranquilo, mas de que fojem agarrando-se á vida, com o dezespêro de náufragos, que crispam as mãos convulsas ás arestas dos rochedos, arestas que as magòam, que as ferem e cortam.

Não é porque a morte em si seja um sofrimento. O que dói é a tristeza do tempo que se não aproveitou, é a despedida á Vida e aos que nela ficam:

Na morte
como sobre o divino mar, que nos consola,
o nosso sonho, a nossa áncia, a nossa sorte,
são como um pobre que baixinho pede esmola...
E nesse Lar,
poentos da jornada,
ha de cada um de nós ainda ir evocar
a Vida incompreendida, a Vida abandonada...
E nesse lar,
os que um olhar crucificou,
os que sem ver a noite, os areais e o mar,
a febre de um amor quimérico nimbou:
os humildes, os tristes, os poetas,
que viveram febrís entre árvores quietas,
todos que a dor torceu,
hão de sentir um grande amor á Vida
quando ela for a terra extranha da partida...

Hão de querer renacer,
para beber a luz, para sofrer,
ouvindo o vento errante e o mar aflito,
que os redima da paz, do siléncio infinito...

Hão de compreender,
agora que não mais podem viver,
como deviam ter vivido cada hora
e não ter desfolhado a Vida, aurora a aurora...

Hão de sentir,
os que um olhar crucificou,
como deviam ir amar, rezar, sorrir
á quimera lunar que os torturou...

E todos,
que na Vida pizaram sangue e lodos
e num gibão de febre e de amargura
partiram para a paz da Morte escura,
hão de sentir uma saudade intensa,
hão de compreender
que a Vida é bela, a Vida é santa, a Vida é imensa
e que todo o seu mal foi não saber viver...

Por isso as mortes das crianças são tão calmas, ás vezes mesmo tão rizonhas. Perguntam, com espanto, vendo que em torno delas ha quem chore, a razão desse chôro. Muitas vezes a ultima fraze que pronunciam é uma fraze de carinho. Em vão, Guerra Junqueiro aconselha :

O' mãis que tendes filhos, mãis piedozas,
quando eles morrerem criancinhas,
enfeitai os caixões de brancas rozas.
Deixai, deixai voar as andorinhas,
em busca das parajens luminozas.

Não acordeis as tímidas crianças
no pequenino túmulo rizonho :
ditozos os que vivem como esp'ranças,
felizes os morrem como um sonho.

Conselho facil de dar. Conselho justo. Mas conselho que ninguem pode tomar. Luiz Guimarães Junior, diante do esquife levíssimo da filha pequenina, dizia como era para ele enorme o pezo desse caixãozinho

Como é lijeiro o esquife perfumado,
que conduz o teu corpo, flor mimoza!
Mal pouzaste entre nós, alma saudoza,
pouco adejaste, querubim nevado!

E vás decendo ao túmulo sagrado,
igual á incauta e leve maripoza
que sem sentir queimou a aza ancioza
do mundo vil no fogo profanado.

Mas eu, que acabo de te ver perdida
nos abismos sem fim da Natureza,
ó minha filha, ó terna flor caída,

eu, que perdi comtigo a fortaleza,
as iluzões, o gozo, a crença e a vida,
ah! eu bem sei quanto esse esquife peza!

Mas, não é apenas esse... São os esquifes de pais, de espozos, de irmãos... São os de amigos... São todos! Basta que possamos deter-nos um momento a meditar, para sentirmos diante de qualquer esquife, para nós desconhecido, que passa á nossa vista, a grandeza do problema da Morte, e um arrepio de susto correrá nos nossos nervos que vibram...

Relijiões e filozofias, por tantos, tantos séculos ajitaram essa questão, prometendo á humanidade compensações póstumas, paraízos fabulozos, torturas inenarráveis, que nós quereríamos ouvir da bôca dos mortos, a confirmação ou a negação de tudo isso.

Para os que creem na lenda do Cristo resucitando Lázaro, não ha ninguem mais odiozo do que esse resucitado. Odiozo, porque ele vinha do sepulcro, porque ele tinha entrado na Morte, porque ele sabia a palavra do enigma, porque nos seus olhos devia haver a vizão do Alem — e ele guardou ciozamente o segredo decizivo, que podia cair de um movimento dos seus lábios!

Mas bem se pode dizer que os mortos respondem eloquentemente ás nossas quiméricas esperanças e aos nossos vãos terrores, decompondo-se silenciozamente no seio calmo da terra. Nós lhes perguntamos : « Onde os mistérios com que sonharam tantas crenças ? » E eles no seu silencio nos dizem, com ironia : « Vè esta podridão... Foi só o que nós achamos... » E' isso o que está num quadro de Goya o celebre e admirável pintor espanhol. Ele reprezentou um cadáver, levantando a lápide do sepulcro e escrevendo a palavra « Nada. »

Mas, quando mesmo seja assim, a grandeza misterioza da Morte, não diminúi : fica sempre, em face de nós, o contraste entre o vigor da intelijéncia, do coração, da vontade humana e a brusca cessação de tudo. A vizão dos infernos de todos os povos é menos pavoroza do que essa perspetiva de aniquilamento.

Para lutar contra ela só ha um meio : é a certeza de fazermos algum bem, de deixarmos algumas afeições, de nos prendermos tão fortemente a outros corações, que mesmo quando a morte venha, fique a saudade em torno deles, como o enlaçamento da hera, vestindo os velhos muros abandonados...

COMO

SE SONDA O FUTURO

Conferéncia feita no instituto de múzica em 23 de junho de 1906.

NESTAS conferencias se tem feito a acuzação de frivolidade. A acuzação não surpreende nem irrita a nenhum dos seus trez organizadôres, que sempre pensaram em fazer destes encontros uma simples hora de palestra, sem nada de estupefaciente e prodijiozo. Não surpreende, porque si dois deles sempre acharam que podiam guardar assumtos que demandem mais atuada atenção para os seus livros ou os seus artigos de revista, o terceiro — que sou eu — sabia bem desde o princípio que só poderia dizer couzas de evidente frivolidade.

A esse respeito, a conferencia de hoje será um modelo...

Aliaz não é de crêr que ninguem tenha vindo até aqui, supondo que o conferente lhe ia revelar algum modo novo de conhecer o futuro. Ele teria sido o primeiro a aplica-lo para saber que acolhimento lhe estava rezervado para esta despretencioza conversa — e talvez, sabendo-o, não tivesse ouzado empreendê-la...

A « adivinhação » — o esforço para sondar, para conhecer o futuro não é, entretanto, um assumto destituido de gravidade. Bouché-Leclercq escreveu uma obra de quatro grossos volumes a respeito disso. Lenormant fez o mesmo. Eram homens doutos; eram sábios de renome universal. Seus livros, que são de pura ciéncia, não tem a mínima fantazia. O que eles procuram é mostrar e interpretar os mais velhos monumentos, sobretudo da Assíria, da Babilónia, da Caldéa, de Roma e da Grécia. E' uma pesquiza interessante, que nos esclarece sobre a civilização desses povos.

Esclarece muito bem, porque o fim supremo das relijiões e das ciéncias é adivinhar. A ciencia adivinha o futuro, reunindo os fatos do passado e do prezente, para d'aí induzir

o que vai suceder. A relijião — mórmente entre os povos primitivos que acreditavam em uma injeréncia mais direta dos deuzes nas couzas deste mundo — preciza tambem conhecer as vontades desses deuzes, para satisfaze-las.

Pode bem dizer-se que da divizão clássica dos produtos do pensamento humano — ciéncia, relijão e arte — a nenhum a adivinhação dezinteressa, porque tambem o artista dezejaria conhecer o estado de espírito em que estará o público a que ele destina o seu trabalho, para afeiçoa-lo de acordo com essa indicação, sucitando as emoções que a obra de arte procura produzir.

D'aí a antiguidade dos processos de adivinhação.

Várias vezes, desde os seus mais velhos livros, a Biblia se refere a eles condenando-os. Mas exatamente essa insistencia prova que eles eram muito uzados. Prova maior ainda está feita, porque frequentes vezes o texto sagrado dos católicos refere consultas diversas de reis, de patriarcas e de profetas a esses meios de conhecer o futuro.

E' assim, por exemplo, que nós vemos Jozé, no Ejito, interpretando os sonhos de Faraó. Gedeão tambem lhes adivinhava o

significado misteriozo. E nesse e em vários outros lugares o ato nem sempre parece criminozo aos olhos de Deus.

Quando, portanto, hoje a interpretação dos sonhos serve para o jogo que se chama « do bicho », quem isso faz perpetúa apenas uma velha tradição... Velha e veneravel — embora nesse cazo muito rebaixada...

Pela Biblia tambem nós sabemos que o rei de Babilónia, chegando a uma encruzilhada que levava a cidades inimigas colocadas em pontos opostos, escrevia o nome de cada uma em seta diferente, metia-as em seu carcaz e, tirando uma ao acazo, assim decidia, á sorte, qual devia atacar. Essa consulta era precedida de orações, Supunha-se então que Deus guiava a mão do rei e o que nós chamamos hoje *acazo* era considerado a resposta divina.

Esse é aliaz o caraterístico de um dos grupos em que podem dividir-se os processos de adivinhação.

Um certo numero desses processos procura achar o segredo do futuro em regras, em preceitos, em normas, cujo conhecimento depende do estudo. E' o grupo das ciéncias divinatórias. Falsas ciéncias — mas em suma, com o aspeto exterior, si assim se

póde dizer, das verdadeiras. Era esse o cazo da astrolojia e da quiromancia. Elas pretendiam ter um código de preceitos firmados em uma longa observação. Quem as conhecesse, fosse quem fosse, crente ou incréu, judeu ou cristão, podía predizer o futuro do consultante. Por isso mesmo, houve grandes reis católicos, houve até papas, que tiveram a seu serviço astrólogos judeus — e quanta, quanta formosa mão feminina de católica se tem estendido a uma cigana para que ela lhe diga a *buena-dicha!*

A par desses processos divinatórios com o aspeto científico, ha outros. Ha os intuitivos, os que pedem um dom próprio a quem os emprega. Dependem, não tanto de regras, como da bôa vontade divina, que consente em responder a uma pergunta especial. Era o cazo da adivinhação das flexas, de que falam a Biblia e o Alcorão — ambos aliaz proíbindo-a. E' o cazo da cartomancia e de uma infinidade de pequenos processos populares.

Todos conhecem, por exemplo, o meio de consultar a Biblia sobre uma rezolução qualquer : tomar uma agulha ou alfinete, rezar pedindo a Deus ou a algum santo que guie a mão do consultante e com a ponta do objeto abrir a Biblia ao acazo. A pájina, o versículo

em que cair a ponta da agulha é a resposta divina.

Compreende-se bem que a intenção de quem primeiro uzou esse processo foi o de iludir a proíbição da igreja, tornando-a até cúmplice. Era pouco provavel que o Diabo tivesse o topete de ir intrometer-se em uma consulta feita diretamente a Deus e utilizando a Biblia como instrumento!

Um apaixonado, empregando esse recurso podia ter respostas diversas, cazo quizesse saber si devia ou não cazar-se. Imajinem que caía no Eclesziates e lia :

> « Melhor é, pois, estarem dois juntos do que estar um só, porque tem a conveniencia de sua sociedade.
> Si um cair, o outro o susterá; ai do que está só, porque quando cair não tem quem o levante. »

Só isso — sem mesmo citar o versículo, seguinte, que ainda é mais pozitivo, decidiria o consultante ao cazamento. Mas, si, nesse mesmo livro, parasse um pouco mais adiante, leria :

> « E achei que é mais amargoza do que a morte a mulher, a qual é laço de caçadores e o seu coração rêde, as mãos são cadeias. Aquele que agrada a Deus fujirá dela... »

E naturalmente, lendo isso, o consultante veria aí a indicação do céu, ainda mais clara do que no conselho de S. Paulo, porque S. Paulo dizia : cazar é bom, mas não cazar é melhor — e aquelle versículo terrivel diz que cazar é sempre peior...

Mas a ponta fatídica poderia ter ido a outro versículo mais alegre e de um conselho mais agradavel :

« Ha tempo de dar abraços e tempo de se pôr lonje deles. »

E' de crêr que este texto decidisse o consultante a gozar apenas as delícias do *flirt* : namorar, mas namorar sem a mínima intenção cazamenteira...

Vê-se bem que mesmo a Biblia é capaz de dar conselhos subversivos...

Em regra, os namorados não devem uzar deste processo de adivinhação, porque o número de textos em que a mulher é maltratada sobrepuja muitíssimo na Biblia aqueles em que é exaltada. Si nela se acha o Cántico dos Cánticos, acham-se tambem as apóstrofes truculentas dos profetas, que sempre descobrem que a mulher é a fonte de todo o mal.

Ha quem consulte ainda hoje a Biblia,

acerca do que infelizmente no nosso povinho miudo constitue uma preocupação dominante — do jogo dos bichos? Talvez. Todos sabem que extranhas alianças a fé, nas pessôas incultas, logra contrair com as couzas mais perversas! Não rezavam os bandidos da Calábria para serem felizes nos seus assaltos? Santo Onofre não tem, no sentir da gente do povo e em especial no mundo equívoco da galanteria, especialidades muito feias, dando clientela ás suas extranhas devotas? Assim, é possivel que se consulte a Biblia para nela achar palpites. Ninguem ignora como esse jogo maldito se fez popular entre nós, principalmente nas camadas inferiores da população. Póde-se mesmo, para dizer a verdade inteira, lembrar que na classe média ele tem muitos clientes. Que se reze para acertar no « bicho » ninguem ignora. O italiano e sobretudo a italiana supersticioza pedem á Madona para lhes indicar o bom número do lôto official. O *bicho* é o nosso *lotto*.

Quem, entretanto, quizer descobrir para ele palpites na Biblia deve saber que ela não se presta a da-los, porque dos 25 animais da lista célebre, que é uma das nossas glórias nacionais, faltam no livro sagrado o tigre e

o perú. Quanto ao gato, só figura em um versículo do texto apócrifo do falso profeta Baruch, texto que as Biblias protestantes não costumam incluir. Os tradutores, que em certos pontos falam em coelhos, tambem cometem um erro de tradução : o palpite nesse cazo não deve valer, porque hoje se sabe que o animal a que alguns tradutôres chamam *coelho* é uma espécie de cobaia. Mas só a indiscutivel excluzão do tigre e do perú deve bastar para pôr a Biblia fóra dos processos de adivinhação sucetiveis de indicarem o bicho do dia.

Mas eu lhes estava citando a adivinhação por meio da Biblia, que é tambem praticada do mesmo modo pelos maometanos com o Alcorão, como exemplo de um processo, que não depende de regras com aparencia científica : depende do favor divino.

Não é esse o cazo da astrolojia.

A astrolojia, todos o sabem, pretendia que, pela pozição que os astros ocupavam no momento exato do nacimento de qualquer criança, se podia determinar o futuro que lhe estava rezervado. O mesmo era possivel para a consulta especial sobre qualquer acontecimento : a pozição dos astros respondia sobre o seu êxito.

Hoje, ninguem mais liga importáncia a essa falsa ciencia. Basta dizer que ela naceu e floreceu, quando não se conhecia do nosso sistema solar nem Urano, nem Netuno, nem os pequenos planetas que ficam entre Marte e Júpiter.

De mais, todos sabem que, si a Lua anda em torno da Terra, si a Terra e todos os planetas andam em torno do Sol, o Sol com todo esse cortejo se desloca no espaço em direção a um ponto que nós não conhecemos e provavelmente em torno de um astro central, que tambem ainda não podemos determinar. Os planetas com os seus satélites dansando em torno do sol, lembram pares que dansassem em volta de alguem posto ao meio do salão de um navio — navio, que, por sua vez estivesse levando a todos para um destino desconhecido, rodando em torno de uma ilha ignorada no meio do oceano. Ora, si os astros tivessem uma influencia deciziva sobre as vidas humanas, a influencia desse sol fabulozamente lonjínquo, mas que arrasta o nosso pequeno sol e todos os seus planetas em torno dele, devia ser ainda mais forte. E nós não a poderíamos determinar! De mais, todos os negócios empreendidos na mesma ocazião teriam o mes-

mo sucesso; todas as crianças nacidas no mesmo momento o mesmo destino!

E apezar do seu evidente absurdo, apezar dos seus constantes fiascos, a astrolojia foi tida em alta consideração. Reis e até papas consultaram os astros para decidir de atos importantíssimos. Por cauza de uma velhíssima anedota, todos sabem que era assim que procedia o astuto e perverso Luiz XI.

Foi ele que um dia, irritado com uma predição do seu astrólogo, rezolveu mandar mata-lo. Fè-lo vir á sua prezença e colocou alguns servidores promtos, a um sinal, a atirarem pela janela o desgraçado profeta. Quando este chegou, o rei perguntou-lhe, si, sendo tão habil em lêr o que o céu dizia, já aí tinha descoberto qual seria o dia da sua morte. O astrólogo, ou por ter sido avizado ou por ter percebido os intentos do seu real interlocutor, finjiu consultar os astros e respondeu que até então nunca podéra ter chegado á determinação exata de sua morte, mas naquela noite, como de costume, acabava de vêr mais uma vez que morreria trez dias antes do rei.

Luiz XI, crédulo e supersticiozo e que, tolhido embora de moléstias, tinha o mais

dezesperado amor á vida, não só deixou de dar o sinal para que os servidores fizessem perecer o astrólogo, como d'aí por diante se esmerou em cerca-lo de cuidados...

Embora a astrolojia seja uma loucura passada de moda, era indispensavel falar n'ela, já por ter sido a mais veneravel das ciéncias de adivinhação, já porque se associou por muito tempo á ciéncia desse grupo que mais tem durado — que dura ainda hoje, ainda hoje tem crentes : a *quiromancia*, a lendária *buena-dicha*.

No que ela consiste ninguem ignora : a interpretação das linhas da mão. Si, de fato, o nosso destino está escrito nos astros pelo simples fato do nosso nacimento, nada é de admirar que tambem esteja impresso em nosso próprio corpo. Ora, não ha em todo ele nada de tão evidentemente caraterístico como as linhas da mão.

A quiromancia permitiria, entretanto, perfeitamente dispensar o apêlo ao patrocínio dos astros. Poder-se-ia verificar minuciozamente, em milhares de mãos, si sempre a existéncia de uma linha de tal ou qual modo corresponde a tal ou qual particularidade de caráter. Correspondendo, poder-se-ia induzir, muito lójica, muito cientificamente,

que a linha era um sinal do caráter. Lombroso fez um trabalho desse género para os criminozos. Estudou, não as linhas da mão, mas o comprimento do dedo médio e, medindo-o em 499 criminosos, achou rezultados realmente curiozíssimos : desses 499 só 32 tinham os dedos médios maiores que os outros ; 32 os tinham iguais e 435 os tinham menores que os outros dedos. E' uma proporção formidavel!

Ora, si se fizessem observações da mesma natureza para as linhas da mão, poder-se-ia chegar a liquidar si a quiromancia tem valor científico e nesse cazo até que ponto ia esse valor. Porque não ha teoricamente nenhum absurdo em admitir que a certa conformação do corpo, a certos traços da palma da mão correspondam certas peculiaridades de caráter, que, por sua vez podem lojicamente deixar prevêr certos acontecimentos — tanto mais quanto era uma velha afirmação de todos os partidários da astrolojia e da quiromancia que (isto se costumava dizer em latim) — *astra inclinant, non necessitant:* os sinais indicam apenas, não uma fatalidade inexoravel, mas uma simples tendencia. Calculem, por exemplo, que havia na mão um meio de conhecer as pessôas de índole forte-

mente apaixonada. Não seria de mais prevêr que nesse cazo fariam um cazamento de amor. Era o mais provavel. Os quiromancistas acham aliaz que ha para isso um sinal : é qualquer pequena cruz, na palma da mão, imediatamente por baixo do dedo indicador. O absurdo é que as ledoras de buena-dicha procurem predizer fatos que dependem, não da pessôa, mas de um extranho : digam, por exemplo, que se ha de receber em testamento uma fortuna...

Isto só era admissivel quando se acreditava que os astros tinham deixado impresso na mão o nosso destino, com o dezejo de que o podéssemos conhecer. Cada dedo reprezentava a influéncia de um astro. O polegar cabia a Venus, o indicador a Júpiter, o médio a Saturno, o anular a Apollo e o mínimo a Mercúrio. E, como dos astros conhecidos dos antigos, faltavam dedos para Marte e para a Lua, atribuiu-se ao primeiro a parte superior do lado da mão que fica abaixo do dedo mínimo. A parte inferior obedecia á Lua.

Não ha ninguem que não tenha ouvido contar a calinada d'aquelle sujeito que anunciava a sua maior admiração em astronomia. Não era que podéssemos determinar a órbita e até o pezo dos astros. O que o

maravilhava era que podéssemos ter sabido os seus nomes.

Ora, esses nomes foram dados inteiramente á fantazia, alguns por predileções pessoais de astrónomos, alguns por adulação e já houve até astros batizados em leilão! Entre Marte et Jupiter ha, de fato, uma infinidade de pequenos planetas, que se supõem pedaços — por assim dizer: estilhaços de um planeta, que talvez tenha existido aí e depois, por qualquer ignorada circumstancia, explodido. Todos os anos a lista desses asteroides vai crescendo. No ano de 1905, passaram de 553 a 569. Pois bem: já houve um observatório em apuros financeiros, que se lembrou, muito praticamente, de declarar que quem quizesse batizar um desses asteroides lhe deveria dar uma certa soma. Era evidentemente muito menos banal oferecer a alguem o seu nome, em pleno céu, do que um retrato a óleo...

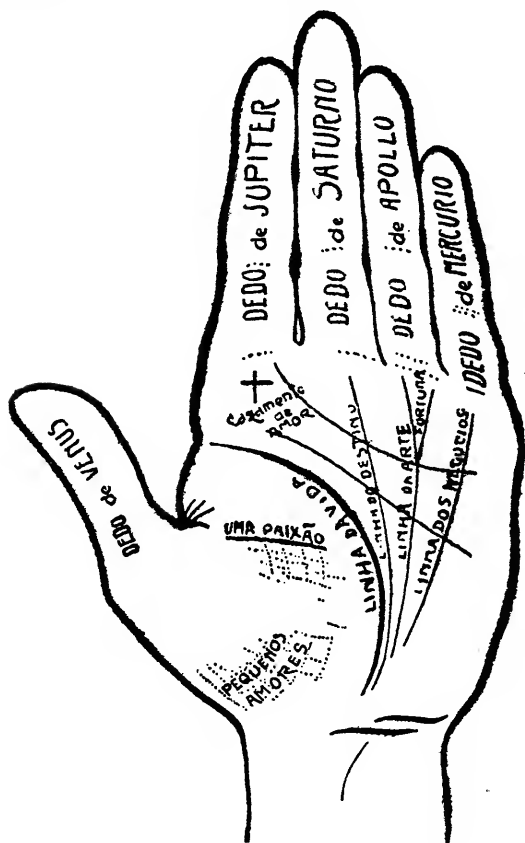
Felizmente para os velhos astrólogos, eles não chegaram a conhecer esses asteroides, o primeiro dos quais foi descoberto na primeira noite do século passado: a 1 de janeiro de 1801. Do contrário, teriam tido muita dificuldade em determinar a influéncia de cada um...

Mas caíram em alguma couza que lembra a admiração d'aquelle Calino, de quem falámos ha pouco : descobriram em cada astro um caráter correspondente ao do personajem da mitolojia greco-romana, que serviu para os batizar. Assim, Venus ficou protejendo o amor; Júpiter as honras, a ambição de domínio; Saturno, a fatalidade; Apolo, a arte: Mercúrio, a ciéncia e o comércio.

Quando na mão de qualquer pessôa se verificava que o indicador era maior que o anular, ou vice-versa, isso indicava o predomínio, no primeiro cazo, de um dezejo de domínio sobre aspirações de arte; no segundo cazo, o contrário. O dedo médio, de Saturno, era o fiel da balança.

Por outro lado, na mão, póde haver linhas partindo da baze de cada dedo. Essas linhas tomam o caráter do dedo de que partem : si são lizas, largas, bem traçadas é um excelente indício em relação ao caráter do astro protetor dessa rejião. Assim, uma que vá do punho ao dedo mínimo, bôa, firme, bem dezenhada, indica que o indivíduo será feliz em suas tranzações comerciais; outra que se dirija para o anular será a dos poetas, dos artistas em geral : é a linha do ideal : é tambem a da fortuna nobremente adquirida. E

si alguem na baze desse dedo da mão es-

querda tem uma bifurcação, uma especie de Y de imprensa, póde contar que, si já não é,

será rico. A do centro, que vai ao dedo médio, o dedo de Saturno, é a mais importante : é a linha do Destino, de um modo geral. Si uma pessôa tem outras linhas paralelas á do destino é um grande sinal de felicidade.

Mas as trez linhas que dificilmente deixam de existir em todas as mãos são a de Júpiter, a de Marte e a da Vida. A de Júpiter parte de entre o médio e o indicador, curva-se e vai horizontalmente por baixo do médio, do anular e do mínimo. E como Jupiter era ambiciozo, amigo de aventuras, vivia amando e sendo amado, sempre em briga com sua rixenta mulher, ficou sendo a *linha do coração* ; é a de todas as paixões, a começar pela ambição. Por sua vez, como Marte era o deus da forma mais forte de atividade — a guerra — sua linha é a linha *da cabeça*. Não inscreve as manifestações do talento : inscreve o pendor para as rezoluções firmes e calmas, as rezoluções serenas. A linha de Marte bem traçada revela um homem de ação.

A linha que cerca o polegar ficou rezervada para a indicação da vida em geral, isto é da saúde e das molestias, do estado fízico dos indivíduos : as interrupções, as manchas, as cruzes que nela haja indicam moléstias, acidentes diversos. Uma interrupção com

seguimento posterior : moléstia grave. Uma ilha : paralizia. Um afinamento progressivo na direção do punho : molestia crónica e enfraquecedôra, o que os francezes chamam : *maladie de langueur*. Quanto mais clara e firme ela é, sem interrupção, quanto mais vem até o punho e principalmente, si é duplicada, tanto mais indica uma vida longa.

Dir-se-á, porém, que no dedo consagrado a Venus, Venus nada inflúi.

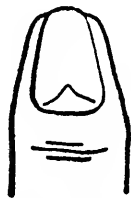
Inflúi. Toda a parte, que se estende entre a base do polegar e a *linha da vida*, é onde ela inscreve as suas determinações. Cada linha que ahi haja, longa e firme, indica um grande amor na vida. E quando, na parte inferior, ha uma grade, uma série de linhas verticais e horizontais cruzando-se, a indicação está lonje de ser lizonjeira... E' sinal de tendéncia para amores tão numerozos quanto equívocos...

Si a quiromancia tivesse alguma couza de verdade, seria pelo exame dessa parte da mão, que deviam começar os namorados : cada um verificando na do outro, si aí só havia uma linha bôa e firme... Quando só uma existe e por baixo do indicador ha a cruz dos cazamentos de amor, os namorados podem confiar!

O polegar é aliaz considerado o dedo mais importante, como reprezentação de conjunto do valor do indivíduo. O comprimento relativo das falanjes já indica si o que predomina no indivíduo é a iniciativa e a atividade, a intelijéncia, ou a vontade calma.

Si a ponta do dedo onde está a unha, é maior, mais larga que a falanje inferior, simulando uma especie de espátula, póde crêr-se que se trata de pessôa ativa, decidida, promta ao trabalho. Cazo, essa parte do dedo seja fina, essa atividade será mais pro-

Dedo espatulado: atividade physica.

Dedo igual na base e na ponta: calma e ponderação.

Dedo afilado: iniciativa, creação, E' o dedo dos artistas.

vavelmente cheia de iniciativas, de invenções, talvez nem sempre muito razoáveis. Cazo seja macissa, igual na base e na extremidade, tratar-se-á de pessôa calma e ponderada: o justo meio termo entre a precipitação e a inércia.

O comprimento da segunda falanje indica as qualidades de raciocínio, de percepção, de lójica. Por último, o tamanho da parte inferior indica a firmeza calma da vontade, do indivíduo que sabe querer.

Herbert Spencer dizia que em todo erro ha sempre uma alma de verdade. Ora, na importáncia dada pela quiromancia ao polegar e ás cabeças de dedos grossas e espatuladas, como sinal de atividade, parece que ha uma certa razão, explicavel pela hereditariedade do indivíduo e da espécie. E é facil de dizer porque. Mas, antes disso, convem lembrar aquela afirmação, que é — penso eu — de Balzac.

Ele dizia que ao ver um sujeito de nome extravagante ficava logo certo de que devia ser um pouco maluco. Objetavam-lhe que esse modo de julgar não era justo, porque os indivíduos uzam em geral nomes que lhes foram dados pelos pais, sem que, de modo algum, tenham sido consultados sobre essa escolha. Balzac respondia que exatamente a escolha de um nome extravagante já provava que os pais não eram de miolo muito certo — e, portanto, essa deploravel hereditariedade se deveria fazer sentir nos filhos...

Pois bem; a questão da forma dos dedos pode tambem em parte ser julgada por esse critério de hereditariedade. Os indivíduos que trabalham ativamente, sobretudo em trabalhos manuais, hão de dezenvolver os dedos. Acabarão por torna-los grandes, grossos, largos. A herança conservará esse traço. Os dedos aristocráticos, isto é, os dedos ociozos é que são longos, finos, aguçados e, por isso, a arte dos manucuros, não podendo modificar certas mãos femininas desgraciozas, procura ao menos, dando uma forma oval ás unhas, simular que se trata de dedos ponteagudos. Ha, portanto, uma certa razão em ligar a atividade aos dedos espatulados.

Quanto ao polegar, nada mais razoavel do que dar-lhe uma certa preeminencia, porque é exatamente ele que distingue a mão da pata e do pé. Embora o polegar dos pés dos macacos — porque apezar do nome errado de quadrumanos os macacos tem duas mãos e dois pés — seja sucetivel de se opôr aos outros dedos, não ha nada que caraterize tanto o homem como a *mão*, de que o polegar é a parte distintiva.

Dizendo isto — claro está que eu não quero asseverar que as afirmações dos quiromancistas sobre a significação das falanjes e

dos traços da baze do polegar são verdadeiras. Assevero apenas que talvez haja uma vaga razão para algumas delas. Mas o cazo deveria ser verificado cientificamente, isto é, *indutivamente*, reunindo milhares de observações para depois tirar a concluzão, embora não fosse possivel explica-la.

Onde a explicação do fato citado por Lombroso de, em 499 mãos de criminozos, só 32 terem o dedo médio maior que os outros? Não se vê bem a ligação entre estes dois fatos : a tendencia ao crime e o comprimento de um dedo. Desde, porém, que se prove que essa relação existe, pouco importa que nós não a saibamos explicar. Ha tantas outras couzas no mesmo cazo! Os gatos de olhos azuis são surdos. Por que? No primeiro momento, quando se procurou explicar esta correlação, não se achou nada de plauzível. Só depois se descobriu para isso uma cauza embriolójica. Mas, quer se achasse, quer não se achasse, o fato dessa côr de olhos em gatos estar associada á surdez não era menos verdadeiro.

Infelizmente, a quiromancia é hoje um amontoado de fantazias, de absurdos, de verdadeiros disparates. Não tem a mínima seriedade. Si ha entre as suas asserções alguma

que seja verdadeira, está misturada com tantos erros, que não é possivel separa-la deles.

Contam-se muitas predições certas feitas por ela. Mas são anedotas de que é lícito duvidar, ou, ás vezes, simples coincidéncias.

Por mim, só conheço uma predição exata, a que já me referi em uma destas conferéncias. E' um cazo público, facilmente verificavel por todos. Em 1890, o jornalista francez Edouard Drumont publicou um livro sobre a politica do seu paiz, em que falava muito do General Boulanger. Nelle analizava a mão do celebre político e escrevia :

« A linha da vida quebrada indica que o general morrerá com cerca de cincoenta e oito anos, de morte violenta, provavelmente de facada ou punhalada » (*La dernière bataille*, pag. 159).

O general, que estava então de perfeita saúde, veio a suicidar-se, com um tiro de revólver, no meio do ano seguinte. O admiravel é que a parte que Drumont dizia estar na mão — o prenúncio da morte violenta — se realizou. O que porém, ele mesmo dava como uma interpretação pessoal sua : a hipóteze de uma facada ou punhalada — essa não teve logar. A morte violenta foi a do suicídio.

Simples coincidéncia? — E' o que eu acredito. Mas, em todo cazo, o fato é auténtico. Não basta, porém, por si só, para dar valor á quiromancia, de que afinal a melhor utilidade é a de fornecer aos espertos um meio facil de tomarem longamente entre as suas, delicadas mãos femininas com o pretexto de as examinarem...

No cancioneiro popular portuguez ha uma quadra em que a namorada diz :

Si tu leres minha sina
nas linhas tortas da mão,
verás que uma vem direita
do teu ao meu coração...

Isto é que é saber interpretar linhas tortas !

Ha talvez um sistema divinatório mais popular que a buena-dicha.

Em todos os jornais leem-se quazi diariamente anúncios de cartomantes, que se gabam de saber perscrutar o futuro.

Não se trata, porém, de uma ciéncia. Ha, é certo, varios preceitos mais ou menos fantazistas para o que chamam geralmente — *deitar cartas*, mas esses processos que consistem em tirar as cartas, á sorte, em uma determinada ordem e depois interpreta-las

só se explicam lojicamente pela intervenção ou de potencias divinas ou de potencias diabólicas. Fazer cartomancia sem fé em um auxílio sobrenatural é o mesmo que bater-se em duelo, para rezolver uma questão de honra, sem acreditar — como acreditavam os inventores do duelo — em uma intervenção direta de Deus, para fazer triumfar quem tivesse razão.

Seria interessante indagar porque exatamente o processo de adivinhação pelas cartas é o que mais tem rezistido ao ceticismo geral. Talvez porque é o mais antigo. Talvez porque é aquele com o qual um operador habil pode mais facilmente iludir as pessoas simples e crédulas.

Pode mais facilmente iludi-las, porque tomando as cartas, fazendo uma série de tentativas que a levam a falar de couzas diversas — amores, negócios, viajens, etc. — tem ocazião de ir observando o consultante. E como os processos de boa cartomancia são sempre um pouco longos, no fim, uma cartomante astuta, já tem sempre apanhado alguma couza sobre a consultante e entre diversas mentiras póde incluir algumas verdades, arrancadas á propria confissão de pessoas injénuas.

Quanto á antiguidade da cartomancia, o cazo é contestado; mas é verosímil. Sem dúvida as cartas de jogar, como nós as temos hoje, são relativamente muito modernas. Mas a cartomancia vem do Ejito. Lá, como se sabe, a ciéncia não estava ao alcance de todos. Os padres a conservavam rigorozamente secreta. Durante muitos séculos, nada se escreveu a tal respeito.

Tudo era contado oralmente. Depois, como esse modo de transmitir conhecimentos levava a muitas infidelidades e incorreções, chegaram a um termo médio : davam a certos sinais cabalísticos uma significação misterioza que só era acessivel aos iniciados. Para um extranho seriam dezenhos mais ou menos sem valor. Só um sacerdote os saberia interpretar : vendo-os, lembrar-se-ia logo do que queriam dizer.

O cazo não tem nada de muito extranho : esses sijnais correspondiam mais ou menos aos gráficos da ciencia moderna. Si, por exemplo, um iniciado via o famozo *signo de Salomão*, lembrava-se de toda uma teoria filozófica que lhe ensinava que tudo o que se passa na terra é exatamente igual ao que se passa no mundo espiritual. Pouco importa saber si a teoria é certa ou erra-

da. A questão é que uma vez sabendo que tal teoria se associava áquele sinal, vendo este, se lembrava dela.

Tambem hoje si qualquer de nós olhar para o traçado de um sfigmógrafo ou de um sismógrafo — absolutamente inintelijíveis para o grande público — interpreta imediatamente o fenómeno a que ele se refere: o primeiro dá os batimentos do pulso, o segundo as vibrações da crôsta da terra.

Os sacerdotes Ejípcios uzavam aqueles sinais, que se prendiam a doutrinas só deles conhecidas e, sobretudo, á astrolojia.

Uzavam diante de pessoas ignorantes. Por fim, estas, não sabendo o que esses sinais, escritos em taboinhas avulsas, queriam dizer, acabaram por interpreta-los arbitrariamente.

D'ahi naceu a cartomancia, que ao princípio se fez com um baralho especial — o *tarot* e acabou por ser feita com qualquer baralho vulgar.

O admiravel é que alguns grandes espíritos tenham acreditado nessas predições! Um dos, que parece ter ligado grande importáncia a isso foi Napoleão Bonaparte, que, segundo é de tradição, consultou mais

de uma vez a celebre Madame Lenormand.

Mas, erro por erro, crendice por crendice, todo o aparato complicado da quiromancia, com seus velhos deuzes de extintas mitolojias, da cartomancia com as explicações dos seus profissionais, não vale o que valem os processos populares de adivinhações — que ao menos não tem a prozápia pedantesca de querer finjir de ciencia.

A noite do dia de hoje passa por ser propícia a esses processos : S. João tem fama de ser um santo amavel, fama que reparte com Santo Antonio e S. Pedro.

As adivinhações uzadas em tais dias pertencem ao grupo das que dependem da vontade celeste. São confidéncias que os santos nos fazem.

A do ovo — todos sabem como é : enche-se de agua bem clara até tres quartas partes um copo bem limpo e parte-se pelo meio um ovo de que se deixam cahir gema e clara inteiras, no fundo. Reza-se ao santo, pedindo que, por aquelle meio, desvende o futuro e põe-se o copo com o ovo ao relento. Na manhã seguinte se vai ver o que ha.

Ora, em qualquer ocazião, quem fizer essa expériencia, verificará que ficam sempre uns fios, umas estrias da albumina da

clara, entre o fundo e a superfície da agua. E então cada qual interpreta á vontade : um descobre que é um leito com o seu docel, outro que é um navio com o seu velame e cordajens, outro que é uma igreja... E como qualquer desses objetos se associa com numerozos fatos e pode ter interpretações muito variadas, sempre se acha durante o ano alguma couza que justifique a predição. De mais, quando várias pessoas olham para os dezenhos dos inocentes fios de albumina e cada uma os explica a seu modo, ainda é melhor, porque o campo das associações de idéas aumenta : si o que sucede não concorda com a interpretação de uma das pessoas concorda com a de outra e a primeira pensa : « *Bem dizia Fulano...* »

E, assim, S. João nunca faz triste figura...

Um processo em que ele erra mais vezes é o de adivinhar o nome do futuro marido das consultantes, ouvindo as pessoas que passam.

A consultante enche a bôca de agua e, assim, reza mentalmente, saltando em cruz a fogueira de S. João, justamente á meia-noite. Pede então ao santo que lhe revele o nome do futuro marido. Feito isso, vai se postar atraz de uma porta ou janela

que dê para a rua e onde se possa perceber o que dizem as pessoas, que vão passando. O primeiro nome próprio que ouvir dizer é o do futuro espozo. Só então a consultante pode deitar fora a água que conserva na boca.

Que razão ha para estes pormenores? Aparentemente nenhuma. Talvez, entretanto, sejam velhos costumes, que perderam a sua razão primitiva e se conservaram apezar disso, sem que hoje os saibamos explicar.

Os maliciozos — que além de maliciozos forem incrédulos — dirão que a idéa de fazer com que as consultantes permanecessem com a bôca cheia de água até o fim da operação foi um meio, por assim dizer *mecánico*, de impedir que falasem. Só graças a essa cautela se conseguiria esse resultado. Do contrario, a proverbial loquacidade feminina estragaria tudo...

Si para S. João ha esse processo, para São Pedro ha outro análogo, mas um pouco mais complicado. A consultante deve jogar ao chão um rozário. Todos sabem que nos rozários ha contas pequenas, que reprezentam Ave-Marias e contas maiores que reprezentam padres-nossos. Com os olhos fecha-

dos a pessoa procurará apanhar o rozario apenas com dois dedos, de modo a só pegar em uma conta. Conforme ela é um *padre-nosso* ou uma *ave-Maria*, a pessoa rezará todo o rozario só em uma ou outra das orações. Antes disso, porém, terá pedido a S. Pedro que, em atenção áquela noite tenebroza em que ele por trez vezes negou o divino mestre, dissipe as trevas em que se debate o espírito de quem faz a consulta a propózito, ou da sua vida em geral ou, em especial, de um cazo qualquer que dezeja saber. Irá então para traz de uma janela rezar o rozario, de acordo com o que a sorte tiver determinado, ouvindo o que dizem as pessoas que passam durante o tempo das orações.

Tudo está depois em interpretar esses trechos de conversas, perfeitamente desconexos. Compreende-se com facilidade quanta fantazia não entra aí!

Quando se percorrem livros de costumes populares o que talvez mais avulta são os sistemas de adivinhação feitos pelas moças cazadoiras, curiozas de saber quem será o marido que o destino lhes rezerva. Já, ha pouco, lhes falei de um. Mas outro, dos mais uzados entre nós é, em algumas das

noites prestijiozas de Santo Antonio, S. João ou S. Pedro, pôr dentro da agua um certo numero de papéizinhos dobrados com os nomes dos candidatos provaveis ou pelo menos possiveis. No dia seguinte, o papel que estiver aberto, indicará o nome do que será o eleito da sorte...

Este processo deve ser particularmente indicado ás moças namoradeiras, que tem grande embaraço na escolha...

E' evidente que eu não pretendo enumerar todos os métodos de adivinhação. Sempre que uma pessoa injénua e crédula vê um fato mais ou menos insólito preceder um acontecimento, com o qual muitas vezes não tem a mínima relação, logo supõe que o primeiro deve d'aí por diante ser considerado um indício do segundo.

Mas tanto o pedantismo solene dos astrólogos, como a fantazia dos quiromancistas; tanto a especulação nem sempre inocente das cartomantes, como os processos injénuos e graciozos do povo — tudo isso traduz o dezesperado esforço para sondar, para perscrutar o futuro!

Si, entretanto, nos fosse dado conhecê-lo, seria um bem ou um mal?

Para este ou aquele cazo particular, podia

18

ser um bem; mas, em regra, seria um mal. A perspetiva das desgraças possiveis encobriria a das venturas mais pozitivas. Que mãi vibraria de louco prazer, beijando o filho pequenino, si soubesse que ele tinha de morrer d'aí a semanas? Que noivo gozaria toda a delícia inefavel do amor, si soubesse que antes da realização do seu sonho, a noiva lhe seria arrebatada por qualquer fatalidade inexoravel? — Mãis e noivos, todos, em suma, viveriam a contar o tempo que os separaria de uma a outra desgraça. A mãi receberia chorando o filho de que todos os gestos, quanto mais graciozos fossem, mais lágrimas lhe arrancariam!

Grande, forte, poderozo como um deus, era Napoleão I. Victor Hugo pintou-o junto do berço do filho. Nenhum pai teve jámais direito de sonhar para seu filho futuro mais sublime. Era o que ele fazia para essa criança. E Victor Hugo o evoca dizendo que o futuro será seu; mas logo lhe replica que o futuro não é de ninguem; que só a Deus pertence; que é um mistério; que as honras e as glórias estão pouzadas em nós como as aves nos beirais dos telhados, sempre promtas a levantar vôo; que nin-

guem sabe de que o dia de amanhã será feito e, quando o homem semeia as cauzas, Deus é que faz amadurecer os efeitos; que amanhã poderia ser Waterloo ou Santa Helena; que ele podia ser na terra tão grande quanto fosse dado a qualquer creatura humana; que lhe era lícito conquistar a Europa a Carlos Magno e a Ázia a Mahomet, mas não tomaria ao Eterno Senhor o mistério que se chama : « amanhã ! »

Il cria tout joyeux avec un air sublime
" L'avenir! l'avenir! l'avenir est à moi!
Non! l'avenir n'est à personne!
Sire, l'avenir est à Dieu!
A' chaque fois que l'heure sonne
tout, ici bas, nous dit adieu.
Toutes les choses de la terre,
gloire, fortune militaire,
couronne éclatante des rois,
victoires aux ailes embrasées
ambitions réalisées,
ne sont jamais sur nous posées
que comme l'oiseau sur nos toits!

Oh! demain, c'est la grande chose!
De quoi demain sera-t-il fait?
L'homme aujourd'hui sème la cause,
demain Dieu fait mûrir l'effet.

Demain c'est Waterloo, demain c'est Saint-Hélène
demain c'est le tombeau!

Dieu garde la durée et vous laisse l'espace;
vous pouvez sur la terre avoir toute la place,
être aussi grand qu'un front peut l'être sous le ciel.
Sire, vous pouvez prendre à votre fantaisie,
l'Europe à Charlemagne, à Mahomet l'Asie,
mais vous ne prendrez pas demain a l'Eternel!

Póde julgar-se de qualquer modo o grande guerreiro. Mas pense alguem, si o seu esforço colossal seria possivel, cazo ele soubesse o que lhe estava rezervado : o fim mizeravel em Santa Helena, o destino trájico do filho. Um mundo revolvido, glórias, combates, milhões de homens mortos, cidades e reinos destruidos, ondas, caudais, mares de sangue e fogo pela Europa inteira e tudo acabando nisto : a prizão para o pai em uma ilha perdida no Atlántico, para o filho na Austria!

Não! é um beneficio que não conheçamos o futuro! Foi imitando Victor Hugo, imitando-o bem de perto, que Gonçalves Dias escreveu a sua conhecida poesia — *Amanhã*, em que ele acabava, dando o conselho de que se deve gozar o dia de hoje, porque ninguem sabe o que nos está rezervado para o imediato :

Amanhã — é o sol que desponta,
é a aurora de rózeo fulgor,
é a pomba que passa — e que estampa
leve sombra, de um lago na flor.

Amanhã! — é a folha orvalhada,
é a rôla a carpir-se de dor,
é da briza o suspiro, — é das aves
lêdo canto, — é da fonte o frescor.

Amanhã! — são acazos da sorte!
é o queixume, o prazer, o amor;
o triumfo, que a vida nos doura,
ou a morte de baço palor.

Amanhã! — é o vento que ruje,
a procela de horrendo fragor;
é a vida no peito mirrada,
mal soltando um alento de dor!

Amanhã! — é a folha pendida,
é a fonte sem meigo frescor.
são as aves sem canto, são bosques
já sem folhas — e o sol sem calor.

Amanhã! — é a folha pendida,
é a vida no seu amargor...
Amanhã! — o triumpho ou a morte...
Amanhã! — o prazer ou a dor...

Amanhã o que val', si hoje existes?
Folga e ri de prazer e de amor.
Hoje o dia nos cabe e nos toca,
de amanhã Deus sómente é senhor!

Na Turquia ha um livro célebre, que ninguem ouza abrir. Foi Murad V, um sultão que viveu no seculo 17, que o leu pela última vez. Esse livro passa por ser profético.

Murad era um homem cruel. Em cinco anos de reinado fez matar 25.000 pessôas! Era bèbedo. Era devasso. Um dia, porém, lembrou-se de consultar o *Djefr-Kitabi*, o livro que ensina a prevêr o futuro e pelo que lá aprendeu poude saber em que data morreria. Desde então a vida lhe foi um horror. O que não tinha podido o remorso das vastas carnificinas que ordenara, poude a predição sinistra : contava as semanas, os dias, os minutos.

E pela primeira vez esse assassino coroado teve um pensamento de amor e de cleméncia, um pensamento de bondade : mandou lacrar o livro profético para que ninguem mais o podesse consultar !

Si alguem soubesse a ciéncia exata de sondar o futuro era o que devia fazer : escondè-la, esquecê-la, destrui-la !

Talvez, entretanto, aqueles que me deram a honra de ouvir-me e tiveram de me suportar a palavra enfadonha sejam de uma opinião diversa, ao menos em alguns cazos

particulares. Pensando em como e quanto eu iludi mesmo as expectativas menos elevadas, sairão desta sala, arrependidos do tempo que perderam e dizendo interiormente : « Si eu adivinhasse... »

Si adivinhassem, não teriam vindo cá...

Por mim, e ainda por essa razão, que me teria privado de tão ilustre assisténcia, — eu continuo a achar que é um bem não se poder adivinhar...

FIM

INDICE

O PÉ E A MÃO

espoza de Felippe IV. — « Los dichosos. » — Por que o pudor se localizou nos pés? — Explicações de Jozé Bonifacio, Alfredo de Musset e Salomão Reinach. — Que Gœthe achava bom beber vinho, utilizando os sapatos femininos como taças! — A relação entre os pés e... o talento. — Dos pés de alguns animais que comem melhor que as respetivas bôcas — O télegrafo sem fios antes de Marconi. — Que os pés bonitos, descalços, acabaram. — Importancia jurídica do pé no direito civil e no penal. — O que fez Ivan-o-Terrivel com o pé de um mensajeiro rebelde. — Que não se lhe fazem mais versos — A importancia da mão em relação com a intelijéncia: o homem, o elefante e o pagagaio. — Que Allah talvez não tenha cara e corpo, mas tenha mão. — Porque as mãos longas e finas são consideradas aristocráticas. — Qual foi a parte que o Diabo teve na fabricação da mão da mulher. — O valor das mãos em proza e verso : Montaigne e Cercchiari. — O que ela valia no Direito Romano, segundo Ihering. — Um detrator das mãos: Remy de Gourmont. — A beleza das unhas grandes: mandarins chinezes, fidalgos francezes e capadócios brazileiros. — O beija-mãos no Brazil. De dois beija-mãos trájicos : Paulo I da Russia e Inez de Castro. — Que a mão não serve para atirar beijos. — Que a Laura de Petrarca e Margarida de Valois não lavavam as mãos e se assoavam com os dedos. — Santos que tiveram mãos cortadas e resucitadas. — Mão que veio dos céus : a de S. Guilherme de Oulx. — A mão : baze da arimética. — A mão como unico instrumento honrozo de pezo. — Porque com dois dedos pode medir-se a competencia científica de certas pessôas. — Como, embora se tenha achado sem braços a Venus de Milo, se sabe que ela não era canhota. — Um cazo novo de alcoolismo poético e manual cantado por Alberto de Oliveira. — A adivinhação do futuro pelas linhas da mão. — A quiromancia poética : Afonso Celso Junior. — Uma profecia verificada : Edouard Drumont e o General Boulanger. — Que as mãos e os pés cortados renacem : os membros-

O BEIJO

de Brutus em Cesar. — Beijos na barba, na perna, no pé, no chão.. — Como um beijo nas nádegas de um general fez um padre passar a cardeal e primeiro ministro! — Do beijo no peior dos lugares... com manteiga. — Que Catão instituiu o beijo na bôca ás mulheres, para melhor as vijiar. — O beijo polícia-secreta! — Uma lenda peruana : assassinato, em um beijo, de Don Garcia de Peralta. — O beijo na boca das senhoras, como fórmula corrente de polidez. — Porque Montaigne, em cujo tempo ele era uzado, não o achava apetitozo. — Um sujeito anti-beijocativo norte-americano.. — A etnolojia osculatória. — Que os Brazileiros tem origens anti-beijocativas. — Porque o povo que melhor sabe beijar é o alemão : prova filolójica. — Vantajens da pobreza de nossa lingua. — Como a orijem latina ficou para os extremos : a gíria popular e a linguajem poética. — A classificação de Campoamor. — Discute-se, de novo, si foi Adão que beijou Eva ou Eva quem tomou a iniciativa do primeiro beijo : opiniões de Lucio de Mendonça, de Luiz Guimarães Junior, de Filinto de Almeida e de Don Manoel Maria Flores. — A ideia extranha de Vicente de Carvalho, apelando para o Diabo. — Que ha notícia de um beijo dado pelo Diabo; mas talvez seja calúnia... — O catolicismo e o beijo : é proíbido ou permitido? — Diverjencias teolójicas entre cazuistas antigos e modernos. — Que os papas Pio V e Clemente VIII recomendaram aos padres para não furtarem beijos nos confissionários... — S. Paulo e S. Cipriano : dois inimigos dos beijos. — Alexandre VII, aos 65 anos de idade, declara que o beijo é sempre um pecado mortal. — Que pensava esse papa aos 18 ou 20 anos? — A teoria de João de Deus. — Ampliação lejítima de uma fraze de Jezus-Cristo. — Bôas e más comparações do beijo. A de Cyrano de Bergerac, em parte má, em parte análoga a outra de Tobias Barreto. — Si convem furtar beijos. — Grandalhões e pequeninas; grandalhonas e pequeninos : como o beijo serve para provar que a elasticidade é uma pro-

OS MORTOS

COMO SE SONDA O FUTURO

TYP. AILLAUD, ALVES & C^ia.